

THYAGO MADEIRA FRANÇA

**SENTIDOS DO SIGNO "DÍZIMO" NO JORNAL "FOLHA
UNIVERSAL"**

UBERLÂNDIA
2009

THYAGO MADEIRA FRANÇA

**SENTIDOS DO SIGNO "DÍZIMO" NO JORNAL "FOLHA
UNIVERSAL"**

Dissertação protocolada no Programa de Pós-graduação - Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e em Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Linguagem, texto e discurso.

Orientador: Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos

UBERLÂNDIA
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F814s França, Thyago Madeira, 1984-
Sentidos do signo “Dízimo” no Jornal “Folha Universal”
/ Thyago Madeira França. - 2009
127 f.: il.

Orientador: João Bosco Cabral dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
Inclui bibliografia.

1. Análise do discurso - Teses. I. Santos, João Bosco
Cabral dos. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa
de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801

SENTIDOS DO SIGNO "DÍZIMO" NO JORNAL "FOLHA
UNIVERSAL"

Dissertação defendida e aprovada em 19 de junho de 2009, pela banca examinadora
composta pelos professores:

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos

Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza

Profa. Dra. Maria da Fátima Fonseca Guilherme de Castro

Dedico este trabalho a minha mãe, Clarice, o esteio incontestável, um exemplo de dedicação.

A minha noiva, Thaliane, por todo amor e apoio incondicionais.

A meu irmão, André, por exercer com muita competência tal função: um irmão.

Ao LEP (Laboratório de Estudos Polifônicos), espaço acadêmico de interlocução onde os experimentos e as polifonias podem ebulir sem serem cerceadas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos, orientador e amigo, instância-sujeito singular em meus empreendimentos polifônicos.

A minha família, Clarice da Aparecida Madeira, Thaliane Cassemira Alves e André Madeira Silveira França, pelo amor e por acreditarem em mim.

A todos os colegas do Laboratório de Estudos Polifônicos, em especial a João Bôsko Cabral dos Santos, Ivi Furloni Ribeiro, Sônia de Fátima Elias Mariano Carvalho, Ana Júlia Queiroz Furquim, Marília Simari Crozara, Luis Fernando Bulhões Figueira, Carmem Lúcia da Silva, Clécio Luis Gonçalves de Oliveira, Ismael Ferreira Rosa, Grenissa Bonvino Stafuzza e Maria de Fátima Fonseca Guilherme de Castro, interlocutores e amigos valorosos.

À Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil e ao Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, pelas sugestões e colaborações dadas ao trabalho no exame de qualificação.

À Eneida Aparecida de Lima e à Maria Solene do Prado, pela gentileza e destreza com que sempre me atenderam.

Aos professores do Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos pela formação acadêmica que me proporcionaram.

À FAPEMIG, pelo subsídio financeiro que permitiu dedicar-me, durante treze meses, exclusivamente à realização do trabalho como pesquisador.

Ao meu amigo Fábio Leonel Borges, aquele que, um dia, mostrou-me os caminhos fascinantes da pesquisa acadêmica.

Para se compreender bem o que segue, convém sublinhar que tanto o autor destas linhas, como o leitor, são sujeitos, portanto sujeitos ideológicos (proposição tautológica), isto é, que o autor como o leitor destas linhas vivem *espontaneamente* ou *naturalmente* na ideologia, no sentido em que dissemos que *o homem é por natureza um animal ideológico*. (ALTHUSSER, 1980, p. 94)

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Sentidos do signo “dízimo” no jornal Folha Universal”, tem o objetivo de investigar sentidos subjacentes ao signo "dízimo" quando aparece nos artigos da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou um dizimista fiel” do jornal Folha Universal. A reflexão teórica, que se inscreve nos estudos da Análise do discurso de Michel Pêcheux em diálogo com a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, é formulada a partir do exame de um *corpus* constituído por depoimentos de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) ao jornal Folha Universal. Nos textos do jornal, os fiéis da igreja enunciam os diversos problemas que acometiam suas vidas (dívidas, doenças) antes de entrarem para a Igreja Universal e se fidelizarem ao pagamento do dízimo. Após serem enunciadas as dificuldades sofridas pela instância-sujeito, ingressar para a IURD e pagar o dízimo é um acontecimento discursivo que desencadeia melhorias de ordem econômico-capitalistas. Para a realização da pesquisa, desenvolvemos o estudo, estabelecendo duas instâncias de pesquisa. Uma macro-instância que partiu da explicitação das condições de produção dos depoimentos, buscando uma descrição das características históricas, do cenário social, bem como um esboço das situações enunciativas instauradas. Em uma micro-instância de análise, buscamos focalizar os potenciais de significação que emergem dos artigos da Folha Universal, por meio dos dispositivos metodológicos axiomático e matricial. Assim, identificamos atravessamentos interdiscursivos (discursos-outros) subjacentes heterogeneamente nos artigos da seção em estudo, bem como analisamos que sentidos são produzidos a partir do embate entre a discursividade econômico-capitalista e a religiosa.

Palavras-chave: Análise do discurso; Interdiscurso; Discursividade econômico-capitalista; discursividade religiosa; Folha Universal.

ABSTRACT

This research entitled *Senses on the sign 'tenth' in 'Universal News'* aims at investigating senses which mean the sign “tenth” when it occurs in news in the section “Oh God, do not forget I am a faithful tenth follower”, in “Universal News”. A theoretical reflection, inscribed in the framework of Michel Pêcheux’s discourse analysis and in a dialogical relation to Mikhail Bakhtin’s language philosophy, was formulated from an exam of a *corpus*, constituted by reports from followers of “God Kingdom Universal Church”, given to the weekly “Universal News”. In such reports, followers enounce their life problems (debts, diseases) before sticking to “Universal Church” and declare their loyalty to payment of tenth. After enouncing their difficulties, having adhered to “Universal Church” and pay tenth, such attitude is a discursive happening which provokes several economic-capitalist benefits. Such study was developed considering two branches of approach: a macro-instance which describes production conditions from such reports, searching for historical features, social *ethos*, as well as, install enunciative situations and a micro-instance in which meaning potentials have been focalized, scanning articles from “Universal News”. For such procedure, it was used a matrix and axiomatic methodological devices. Thus, it was identified interdiscursive crossings (other discourses) heterogeneously linked to articles in the section in study. In the same way, it was examined senses which are produced from the impingement between economic-capitalist and religious discursivities.

Keywords: Discourse Analysis; interdiscourse; economic-capitalist and religious discursivities; Universal News

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Religião, igreja e a sociedade brasileira.....	12
O dízimo, Malaquias e as igrejas cristãs.....	16
A Igreja Universal do Reino de Deus e o dízimo.....	18
Proposta de investigação.....	20
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PARA UM ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO.....	26
1.1. Por que a AD?.....	26
1.2. AD e Michel Pêcheux: fronteiras e descontinuidades.....	27
1.3. Formação discursiva e interdiscurso.....	33
1.4. Pêcheux e Bakhtin: atravessamentos teóricos.....	39
1.4.1. O sujeito social e o problema do diálogo.....	39
1.5. Memória discursiva.....	49
1.5.1. A Imagem como mecanismo operador de memória.....	51
1.6. A instância enunciativa sujeitucional.....	53
CAPÍTULO II – SENTIDOS DO SIGNO "DÍZIMO" NO JORNAL "FOLHA UNIVERSAL".....	56
2.1. Percepções introdutórias.....	56
2.2. Experimentos de análise de corpora: dispositivo axiomático.....	57
2.3. Configuração e regularidades dos depoimentos.....	59
2.4. A rotina enunciativa dos depoimentos.....	67
2.4.1. A anterioridade histórica da instância-sujeito empresário.....	67

2.4.2. O acontecimento causativo e a instauração de discursos-outros	74
2.4.3. O discurso religioso como mascaramento da captação através do dízimo.....	79
2.4.4. O dízimo enquanto devolução a Deus e prova de fidelidade.....	80
2.4.5. A posterioridade histórica da forma-sujeito dizimista-fiel.....	86
2.4.6. As fotografias do jornal: operadoras de uma memória discursiva.....	95
2.4.7. As notas de rodapé das fotografias.....	100
2.4.8. Considerações Finais.....	104
À GUIA DE ALGUMAS CONCLUSÕES.....	108
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXOS.....	119
<i>CORPUS</i> DA PESQUISA.....	119

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui a dissertação final da pesquisa intitulada “Sentidos do signo “dízimo” no jornal Folha Universal”, realizada no Programa de Pós-graduação - Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.

Pretendemos expor nesse trabalho, as condições de produção, as hipóteses e os objetivos que motivaram a proposta de investigação, bem como a fundamentação teórica e metodológica em que a pesquisa se ancora. Apresentam também as análises empreendidas a partir do *corpus* selecionado e, por fim, as considerações formuladas a respeito dos questionamentos levantados pela proposta de investigação, com base nas análises realizadas. Como anexo deste trabalho, apresentamos o *corpus* que compõem a pesquisa.

Antes de quaisquer dizeres que vão justificar os “porquês” desse estudo, adiantamos o principal para nossos leitores. Esse estudo tem o objetivo de prestar sua contribuição à desestabilização das bases arraigadas e cristalizadas de parte da discursividade que é tomada como discurso religioso. Não pensamos em constituir uma ilusão de completude em pensar preencher as lacunas que os discursos instituídos como dogmáticos escancaram. Queremos apenas lançar olhares instigadores sobre esse terreno de férteis discussões.

Religião, igreja e a sociedade brasileira

Ao discorrermos acerca das diferentes formas de religião, sabemos que o debate pode ser intenso. Isso porque a religião, enquanto manifestação discursiva é, talvez, uma das que mais atravessa/interpela a constituição do sujeito, haja vista o seu valor hierárquico cristalizado. Dependendo do posicionamento ocupado pelo sujeito do discurso, ele se inscreverá nos valores ideológicos desse ou daquele grupo religioso, sempre os tomando

como um valor de verdade. Ademais, mesmo com algumas peculiaridades constitutivas, os sentidos depreendidos do discurso religioso dependerão, como em toda manifestação discursiva, das posições ocupadas pelos sujeitos discursivos.

Mas qual a importância de pesquisarmos as religiões no contexto da sociedade brasileira? Podemos dizer que as relações com instituições laicas, como jornais e canais de televisão exercem influência política em nossa sociedade? Diversos estudos sociológicos reconhecem que, no Brasil, as religiões são fontes de orientação de condutas e de legitimação das mudanças e transformações da sociedade. Os fiéis procuram as religiões, muitas vezes, em para suprir aquilo que o mundo laico não pode oferecer. As igrejas, nesses casos, são vistas como possibilidade de mudanças, de melhoria de vida. “É nesse momento, quando a medicina falha, a racionalidade econômica frustra, a certeza dos propósitos ruí, que as alternativas religiosas se mostram como respostas.” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p.17). Concebido sob a égide de um sempre-já sujeito, o indivíduo se inscreve em um lugar discursivo de “fiel à igreja” e tem buscado as religiões nos momentos de crise existencial.

O que apreendemos na esfera sociopolítica brasileira é que as diferentes vertentes religiosas, principalmente do cristianismo, vêm ocupando cada vez mais as cadeiras do cenário político e o espaço em canais de comunicação, incluindo televisões, rádios, jornais e internet. Seguindo essa afirmação, as igrejas evangélicas¹ são as que, estatisticamente, mais marcam presença nos veículos abertos de comunicação no Brasil.

A progressão das igrejas evangélicas se constitui como o principal causador da diversidade religiosa no Brasil a partir dos anos 1980. E, “esta tendência tem sua visibilidade aumentada pela natureza do proselitismo religioso dos pentecostais e pelo tipo de publicidade feita por essas igrejas”. (JACOB et al, 2003, p.39)

¹ No Brasil, o termo evangélico designa tanto as religiões protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional, Episcopal etc.), quanto as pentecostais, como, por exemplo, a Evangelho Quadrangular, a Assembléia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus.

Após a sua formação nos Estados Unidos no início do século XX, as igrejas evangélicas pentecostais crescem consideravelmente, principalmente nos países em desenvolvimento. Isso fez com que o pentecostalismo se tornasse o segundo maior grupo religioso do Brasil. Mesmo crescendo prioritariamente em países em desenvolvimento, o pentecostalismo vem encontrando crescente visibilidade pública e seus adeptos circulam em diferentes classes sociais no Brasil, estando, também, entre os empresários, profissionais liberais, artistas e esportistas.

Contudo, o avanço pentecostal não ocorre apenas no plano religioso. Este, que já é o segundo maior grupo religioso do Brasil, vem se estendendo pelos campos político partidário, midiático, assistencial e editorial. Como já dissemos, é simples percebermos o quanto as igrejas evangélicas têm ocupado espaços em vários canais de televisão e rádio, bem como exercendo grande influência em decisões políticas, uma vez que tem expandido o número de cadeiras nas plenárias políticas. Durante as eleições presidenciais de 2002, o candidato Anthony Garotinho, presbiteriano, utilizou-se da denominação “evangélico” para que pudesse alcançar expressivos 17,9% dos votos válidos no primeiro turno. A respeito disso, Jacob et al (2003, p.40) diz:

Além da coincidência entre as boas votações para Garotinho e os elevados percentuais de pentecostais no Norte e Centro-Oeste, cabe observar o fato de ser exatamente nessas regiões que a Rede Record, da Igreja Universal do Reino de Deus, se apresenta mais bem instalada, com maior número de repetidoras.

Fundadas por pastores brasileiros, temos, ainda, as igrejas evangélicas denominadas de neopentecostais. Essas igrejas, de caráter essencialmente brasileiro, tiveram seu início na década de 1970 e tem-se fortalecido cada vez mais nos últimos anos. As principais neopentecostais brasileiras são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo. Tais igrejas se caracterizam por enfatizar a guerra espiritual entre Deus e o Diabo e,

principalmente, por pregar a Teologia da Prosperidade, a qual o cristão deve ser satisfeito e vitorioso em seus empreendimentos e negócios terrenos.

A Teologia da Prosperidade é um movimento religioso que surgiu na década de 40 nos Estados Unidos e foi reconhecida como doutrina na década de 70, ao se difundir pelo meio evangélico. Com um intenso discurso de autoajuda, o cristão que compartilha desse ideário compreende que tem direito ao melhor que a vida pode oferecer: boa saúde, riqueza material e uma vida plena de felicidade e sem dificuldades.

Em contrapartida, é esperado que o fiel não duvide em nenhum momento do recebimento da bênção, haja vista que isto implicaria em sua perda. Não receber as bênçãos de Deus significa que o fiel tem “pouca fé” para que mereça ser agraciado e que, por conseguinte, sucumbiu ao triunfo do Diabo. Na Teologia da Prosperidade, a relação entre o fiel e Deus ocorre por meio da reciprocidade, de um lado o cristão sendo fiel aos dízimos e ofertas, de outro Deus cumprindo suas promessas.

Segundo Bovkalovski (2002, p.96)

A Teologia da Prosperidade corrobora com o anseio de acomodação ao mundo de certas lideranças com a possibilidade de mobilidade social para alguns fiéis e com a manutenção de um *status* já adquirido para outros, sem o sentimento de culpa. Em vez de ouvir num sermão que “é mais fácil um camelo atravessar um buraco de agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Mateus 19,24 e Marcos 10, 25), agora a novidade reside na possibilidade de desfrutar de bens e riquezas, sem constrangimento e com a aquiescência de Deus.

Fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Edir Macedo descreve em um de seus livros dizeres que refletem os ideais da Teologia da Prosperidade

Comece hoje, agora mesmo, a cobrar d’Ele tudo aquilo que Ele tem prometido (...). O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na sua palavra é uma dívida que tem para com você (...). Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a Bíblia (...). Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, repreendendo os espíritos devoradores (...). Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d’Ele aquilo que prometeu?

O dizimista! (...) Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o Sr. Colgate, o Sr. Ford e o Sr. Caterpillar. (MACEDO, 1997, p. 36)

Macedo (1997) afirma que, de acordo com a Bíblia, quem paga o dízimo é um candidato a receber várias bênçãos e a se tornar um milionário como o “Sr.Ford”, por exemplo. O dizimista-fiel deve cobrar de Deus, pois promessa é dívida também no plano divino. Pagar o dízimo credencia o fiel a desfrutar sem nenhum sentimento de culpa, qualquer bênção que um milionário possa comprar: imóveis, carros, empresas, entre outros.

O dízimo, Malaquias e as igrejas cristãs

Etimologicamente, o vocábulo “dízimo” representa a décima parte de um todo, e quando buscamos alusões textuais acerca de tal palavra, percebemos que sua referencialidade é levada para a espacialidade do discurso religioso. Para a religião, o dízimo é uma taxa/contribuição/oferenda paga pelos fiéis e justificada, na maioria das vezes, com o objetivo de auxiliar na manutenção da organização religiosa.

As igrejas protestantes tradicionais (reformadas, luteranas, anabatistas) utilizam-se de diversas formas para a manutenção, como subscrições, ofertas voluntárias e em alguns casos fundos estatais. Entretanto a prática do dízimo é empregada hoje por várias igrejas de denominações (pentecostais ou neopentecostais), principalmente na América Latina.

O dízimo enquanto obrigação religiosa é um preceito que faz parte do judaísmo historicizado nos livros do Antigo Testamento. Trata-se de uma ordenação somente ao Povo de Israel, assim como a circuncisão e a necessidade de se guardar os sábados. O dízimo, no Antigo Testamento, foi ordenação divina para sustento dos Levitas e da Casa de Deus. Dessa forma, os dizeres proféticos do livro do profeta Malaquias devem ser tomados segundo o contexto sócio-histórico do Antigo Testamento judaico.

Ainda que o dízimo seja um comprometimento religioso concernente à religião judaica, a obrigação do dízimo também é tomada por muitas igrejas de ordenação cristã aludindo ao livro Malaquias (Capítulo 3. Versículo 10), presente no Antigo Testamento da Bíblia. Alegar que as profecias e as orientações do livro de Malaquias se aplicam às igrejas cristãs, é uma atitude que implica na quebra de princípios básicos que norteiam uma interpretação gramático-histórica da Bíblia. A mensagem de Malaquias está fundamentada na necessidade de se observar o cumprimento da Lei do Senhor, prescrita para o povo de Israel. As igrejas cristãs que se utilizam de Malaquias 3.10, acabam por se apropriar de um preceito judaico por meio de uma interpretação alegórica.

Quem alegoriza fala ou escreve sobre alguma coisa por intermédio de outra, procurando desvendar sentidos simbólicos, espirituais ou ocultos. [...] De acordo com o método alegórico, o sentido literal e histórico das Escrituras é completamente desprezado, e cada palavra e acontecimento são transformados em alegoria de algum tipo, a fim de escapar de dificuldades teológicas ou para sustentar certas crenças estranhas e alheias ao texto bíblico. Assim, não se interpreta o texto bíblico, mas se perverte o verdadeiro sentido deles, embora sob o pretexto de buscar um sentido mais profundo ou mais espiritual. (BENTHO, 2003, p. 124)

O que ocorre é que a maioria das vezes que um pastor evangélico – nos clássicos programas de TV evangélicos – vai se referir à prática do dízimo, o texto de Malaquias é citado, com o objetivo de distorcer os dizeres bíblicos, trazendo-os para um contexto sócio-histórico que reflete os costumes e práticas sociais contemporâneos. Muitas vezes, as maldições e castigos citados no Antigo Testamento, e que eram sofridos pelos levitas que desrespeitavam o serviço sacerdotal, são tiradas de seu contexto histórico e utilizadas como mecanismo ideológico de amedrontamento dos fiéis nos dias atuais.

A cobrança de dízimos não está presente somente nas igrejas evangélicas. O dízimo voltou a ser implantado pela CNBB (Confederação Nacional de Bispos do Brasil) na Igreja Católica após 1969. Os dízimos centravam-se em atender às necessidades das dimensões social, religiosa e missionária assumidas pela Igreja. Desde então não se utilizava mais a

estipulação de 10 % da renda dos adeptos, e sim uma doação de acordo com a sua possibilidade e disposição.

No entanto, várias paróquias católicas desrespeitavam a prática do dízimo enquanto oferta voluntária e conforme a possibilidade do fiel. Em 2005, o Papa Bento XVI extinguiu o termo “dízimo” dos Mandamentos da Igreja, trazendo ao dízimo católico o sentido clássico de uma contribuição à igreja sem nenhuma relação com a décima parte. Porém sabemos que em várias paróquias ainda existem as pastorais do dízimo.

Assim, não há respaldo bíblico que autorize a cobrança do dízimo dos cristãos. O dízimo só tem referência bíblica enquanto vigorava o pacto da Lei que endossa o livro de Malaquias, capítulo 3 versículo 10:

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes. (BÍBLIA, 1980)

Com a abolição da Lei do Senhor atribuída ao povo de Israel, a ordem de dar o dízimo também foi cancelada. Nenhuma resolução do Novo Testamento atesta que o dízimo deve ser pago pela congregação cristã, o que entra em contradição com as práticas de vários segmentos das igrejas cristãs – evangélicas e católicas.

A Igreja Universal do Reino de Deus e o dízimo

Criada em 1977 na cidade do Rio de Janeiro, a Igreja Universal do Reino de Deus se tornou, em menos de três décadas, o mais bem-sucedido fenômeno religioso do Brasil. Considerada a igreja neopentecostal mais liberal perante seus fiéis, a Igreja Universal é a que mais cresce nas estatísticas do IBGE. Ela rompe com boa parte do ascetismo tradicional dos pentecostais e se moderniza, permitindo que seus fiéis assistam à televisão, torçam por times

de futebol, vistam roupas da moda, usem cosméticos e produtos de beleza, escutem diversos ritmos musicais e frequentem lugares diversos, como cinemas e teatros.

A competência que a Igreja Universal tem de se estabelecer em todo o território brasileiro está ligada a todos os recursos da mídia que a igreja utiliza a seu favor. Desde sua fundação, seu líder e fundador Edir Macedo adotou como estratégia a evangelização eletrônica. A Rede Record, por exemplo, comprada pela Igreja Universal por 45 milhões de dólares em 1990, exerce, mesmo de forma indireta, um papel relevante na difusão dos ideais da Igreja Universal. Afirmamos isso, uma vez que os estados brasileiros que menos têm receptividade com as mensagens da Igreja Universal também são os estados que a Rede Record atinge seus menores índices. “Pode-se notar que nos espaços particularmente favoráveis à Igreja Universal, a Rede Record apresenta uma malha densa no território”. (JACOB et al, 2003, p.43)

Todavia, a Igreja Universal não é proprietária unicamente da Rede Record. A IURD – sigla que representa a Igreja Universal – é proprietária da TV Mulher, de 62 emissoras de rádio no Brasil, de gravadoras e editoras, bem como de diversas outras empresas como, por exemplo, o jornal Folha Universal. Impresso desde 1992, esse jornal de distribuição gratuita tem, atualmente, tiragem semanal de mais de 1,5 milhões de exemplares e é distribuído nas ruas pelos próprios obreiros da Igreja Universal.

Segundo pesquisa feita pelo ISER (Instituto Superior de Estudos da Religião), a Igreja Universal é a que mais arrecada contribuições financeiras por meio do recurso do dízimo. Este estudo revelou ainda que os fiéis de baixa renda da IURD são os que mais contribuem com mais de 10% do que ganham.

Cabe destacar que, dos crentes cuja renda não ultrapassa dois salários mínimos, os da Universal foram os que mais doaram quantias superiores à décima parte de sua renda: 35% contra 20% da média dos evangélicos. Quanto a essa disparidade, observa-se que pastores da Universal ensinam a seus adeptos que eles devem doar

dízimos com base na renda que desejam receber, que é, em geral, superior a que recebem de fato. (MARIANO, 2004, p.128)

A eficiência na arrecadação do dízimo se deve não apenas ao maciço investimento de marketing da igreja. Aliando retórica argumentativa à fé dos fiéis, os pastores são treinados a convencer que o fiel que não paga o dízimo, rouba a Deus². De tal modo que, a igreja convence os fiéis de que o grande desafio são os investimentos de alto valor, uma vez que eles acreditam poder “cobrar” de Deus o retorno desses “investimentos”.

A simbologia do mercado religioso é válida para descrever a arrecadação financeira de várias igrejas brasileiras, já que, em um mercado, o consumidor compra produtos, prontos e acabados, que as empresas lhe propõem. Igualmente, o espaço da religião passa a ser tomado como um espaço mercadológico, um lugar discursivo em que são ofertados e vendidos aos fiéis (e/ou clientes) produtos e serviços “mágico-religiosos”.

Faz-se necessário, portanto, investigarmos, sob o crivo da Análise do Discurso Francesa e sua rede conceitual, a maneira pela qual os fiéis depoentes da Folha Universal se relacionam com o pagamento do dízimo e, nessa perspectiva, analisar que sentidos podemos depreender da significativa arrecadação dos dízimos da Igreja Universal.

Proposta de investigação

Iniciamos essa seção justificando o que o presente trabalho não se propõe a fazer, para depois colocarmos o que será desenvolvido. Optamos por essa justificativa já que as questões que relacionam o sujeito da pós-modernidade nos assediaram em vários momentos do decorrer da pesquisa.

² É relevante ressaltar que algumas das técnicas de convencimento mencionadas não são exclusivas da Igreja Universal. Tais técnicas são recorrentes na evangelização das igrejas que se utilizam da mídia para expansão.

É certo que o sujeito fiel moderno tem buscado nas religiões soluções acalentantes nos momentos de crise existencial tão frequentes na sociedade atual. Todavia, não é propósito desse trabalho entrar nas questões de identificação do sujeito pós-moderno. A presente pesquisa considera que existe uma interpelação ideológica da religião, em função da existencialidade humana, a qual consideramos fragilizada pela própria condição econômica imposta pelas relações sociais, vinculadas pela religião como uma forma de exercer um poder econômico sobre o deslocamento socioeconômico dos sujeitos fiéis.

Dessa forma, não hipotetizamos uma heterotopia do discurso religioso em discurso econômico-capitalista sob o ponto de vista de uma auto-ajuda, pelo fato de nossa escolha teórica recair no olhar sócio-histórico-político das representações imaginárias que se vinculam nas relações do dízimo com a prosperidade econômica por meio da ideologia religiosa. Estudar como as relações entre a exterioridade dos efeitos econômicos do capitalismo selvagem podem interpelar o sujeito em se inscrever na enunciação religiosa, como uma forma de deslocar-se, na ilusão de prosperidade e minimização dos conflitos seria profícuo. Destarte, fica como uma indicação de pesquisa futura o olhar sobre as manifestações discursivas do “sofrimento humano” relacionadas a uma vinculação religiosa. Essa pesquisa tem como foco a Igreja Universal, o jornal A Folha Universal e suas relações discursivas acerca das questões do dízimo.

A Folha Universal é um periódico semanal que apresenta diversas sessões com temáticas diversas de saúde, comportamentos, esportes, moda, entre outras. O jornal possui algumas sessões que são voltadas especialmente para os fiéis da Igreja Universal, como “Os grandes milagres da Fogueira Santa de Israel”, notícias sobre a comunidade da igreja, bem como uma seção intitulada “Ó Deus, não se esqueça que eu sou um dizimista fiel”. Essa seção do jornal é composta por depoimentos de fiéis da Igreja Universal que enunciam os problemas de sua vida antes de entrarem para a igreja e começarem a pagar o dízimo. Enunciam, ainda,

que tais melhorias são decorrentes da filiação à igreja e ao dízimo. Os artigos são também acompanhados por fotografias que retratam o fiel ao lado dos bens materiais conquistados.

O conjunto de textos que compõem o *corpus* dessa investigação faz parte da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou um dizimista fiel”. São treze depoimentos que estão compreendidos no período de 08 de outubro de 2006 a 05 de agosto de 2007. No entanto, não analisamos exclusivamente os textos presentes nos artigos. Agregadas aos depoimentos, a seção apresenta fotografias que auxiliam a compor a reportagem jornalística, fazendo, portanto, parte do objeto de investigação da presente pesquisa, uma vez que percebemos que tais imagens auxiliam (ou até mesmo asseveram) determinadas interdiscursividades. Por conseguinte, as fotografias são relevantes ao analisarmos “sentidos possíveis” atribuídos aos artigos da Folha Universal. Analisaremos, também, os escritos de rodapé que acompanham as fotografias, hipotetizando uma regularidade entre o texto dos depoimentos, as fotografias e seus rodapés.

Para a concretização da dissertação, desenvolvemos o estudo, estabelecendo duas instâncias de pesquisa. Uma macro-instância que partiu da explicitação das condições de produção dos depoimentos, buscando uma descrição das características históricas, do cenário social, bem como um esboço das situações enunciativas instauradas. Em uma micro-instância de análise, buscamos focalizar os potenciais de significação que emergem dos artigos da Folha Universal, por meio de dispositivos de análise que serão descritos abaixo.

Dessa forma, a hipótese principal, responsável por nortear os objetivos de pesquisa, é que o deslocamento de sentidos que a Folha Universal faz do conceito de dízimo é o acontecimento que possibilita, em algum momento, que a cobrança do dízimo seja feita e que tenha determinados efeitos sobre os fiéis. Mesmo respaldado em seu caráter dogmático, a discursividade religiosa, presente na seção em estudo, é atravessada por equivocidades discursivas que a contradizem ideologicamente. Essa afirmação é possível já que percebemos

que o processo discursivo instaurado nos textos do *corpus* faz um apagamento do sentido bíblico do dízimo enquanto uma oferenda.

Para o desenvolvimento do estudo proposto, idealizamos como principal objetivo investigar a interdiscursividade subjacente ao signo "dízimo" quando aparece nos artigos da seção "Ó Deus, não se esqueça que eu sou um dizimista fiel" do jornal Folha Universal. Levando em conta o caráter interdiscursivo de toda manifestação discursiva, sabemos ser impraticável apontar todos os atravessamentos que um dado objeto discursivo sofreu para se constituir. Portanto, estabelecemos como foco de análise a interdiscursividade econômico-capitalista presente na Folha Universal, haja vista que essa exerce grande influência nos efeitos de sentidos que inscrevem discursivamente os depoimentos que compõem o *corpus*.

Estamos tomando por discurso econômico-capitalista as manifestações discursivas alusivas ao acúmulo de capital, ao lucro, ao consumo e aquisição de bens materiais e ao empreendedorismo comercial e industrial. Dessa forma, quando a instância-sujeito empresário enumera seus problemas financeiros ou quando, depois da fidelização ao dízimo, a forma-sujeito dizimista-fiel enuncia o progresso econômico – por meio da compra de carros, casas e de sucesso empresarial –, nomeamos tais manifestações discursivas como discurso econômico-capitalista.

Para tanto, objetivamos identificar alguns desses atravessamentos interdiscursivos (discursos-outros) subjacentes heterogeneamente nos artigos da seção em estudo, bem como analisar que sentidos são produzidos a partir desses atravessamentos do embate entre a discursividade econômico-capitalista e a religiosa.

Para Santos (2004, p.110) "os processos enunciativos, arena das trocas languageiras, circunscrevem os discursos em circunstâncias pontuais. Nessa perspectiva, os efeitos de sentido refletem significações sincrônicas em acontecimentos singulares". Nesse ínterim, analisaremos quais "circunstâncias pontuais" que emergem da conjuntura enunciativa em

estudo, buscando os possíveis efeitos instaurados a partir do diálogo enunciativo percebido nos depoimentos.

Com relação às fotografias que acompanham as matérias jornalísticas, objetivamos analisar se elas operam uma dada memória discursiva, refletindo esses atravessamentos interdiscursivos. Investigamos, ainda, se tais figuras auxiliam (ou asseveram) na construção de efeitos de enunciação (possivelmente) almejados pela Folha Universal.

Dessa relação que expomos surgem três questões que viabilizaram o desenvolvimento da pesquisa em questão: i) Quais são os atravessamentos interdiscursivos econômico-capitalistas que podemos encontrar nos artigos da seção em estudo e que deslocam o conceito de *dízimo* na manifestação enunciativa do *corpus*? ii) Que inscrições discursivas subjazem esses atravessamentos interdiscursivos? iii) De que forma esses atravessamentos interdiscursivos determinam o funcionamento do discurso religioso na Folha Universal?

Como metodologia de análise, utilizamos o dispositivo axiomático³ em consonância com o dispositivo matricial. O dispositivo axiomático é constituído por um enunciado que emerge de um efeito de enunciação, tendo o papel de delinear, em uma dada manifestação discursiva, a função de operador enunciativo de uma discursividade. A partir da instauração de axiomas discursivos, serão montadas as matrizes norteadoras da análise que, segundo Santos (2004, p.114), é “um mapeamento de ocorrências das regularidades no todo do *corpus*, com vistas a uma organização distintiva da conjuntura discursiva da enunciação em análise”. É da relação entre os dois dispositivos metodológicos que emergem os procedimentos da micro-instância de análise, na qual buscamos desvendar as particularidades e os efeitos advindos de um enfoque interdiscursivo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, ancoramo-nos teoricamente nos estudos da Análise do Discurso desenvolvidos por Michel Pêcheux. Para esse autor, a constituição das

³ A noção de dispositivo axiomático foi configurada a partir do conceito de axioma discursivo em Figueira (2007).

noções de sentido e sujeito estão constitutivamente imbricadas, e não podem ser pensadas fora da figura da interpelação. Para a teoria pecheutiana, os sujeitos recebem os sentidos como evidentes porque estão inscritos em uma formação discursiva que os interpela e dissimula a sua dependência ao interdiscurso.

No primeiro capítulo da dissertação expomos a fundamentação teórica utilizada no estudo desenvolvido. Após justificarmos o porquê de nossa pesquisa se ancorar na Análise do Discurso francesa, estabelecemos um passeio teórico pela constituição da rede conceitual pensada por Michel Pêcheux, da qual emerge os principais conceitos que alicerçam o presente estudo, como, por exemplo, forma-sujeito, formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva.

Ainda no capítulo primeiro, construímos um diálogo entre os estudos de Pêcheux e a filosofia dialógico-polifônica de Mikhail Bakhtin. Demonstramos que o caráter dialógico de todo discurso e a interpelação dos processos ideológicos são caminhos que fazem esses dois estudiosos convergirem olhares para uma direção semelhante.

O segundo capítulo é destinado às análises desenvolvidas, bem como à exposição da metodologia de análise utilizada, o dispositivo axiomático em consonância com o dispositivo matricial. Construímos as análises, demonstrando o funcionamento do dispositivo metodológico axiomático, observando rotinas enunciativas que fazem parte da configuração do *corpus*. Expomos análises de enunciados operadores que denotem o deslocamento de lugares discursivos e análises das fotografias, tomadas como operadores de uma memória discursiva.

Nas considerações finais, construímos uma reflexão sobre a proposta de investigação, acerca das questões, objetivos e a hipótese de estudo que nortearam o estudo da interdiscursividade subjacente ao signo “dízimo” na Folha Universal, demonstrando quais respostas emergiram das análises empreendidas na presente pesquisa.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PARA UM ESTUDO DO DISCURSO RELIGIOSO

O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria, tornar-se-á objeto de estudos dos filólogos e não será mais um instrumento racional e vivo para a sociedade. (BAKHTIN, 2006, p. 47-48)

1.1 Por que a AD?

Para o cumprimento de nossa investigação, inscrevemo-nos teoricamente no âmbito da Análise do discurso de linha francesa. Compreendemos a AD, preconizada por Michel Pêcheux, como um campo de estudos que combate as “certezas” e as “evidências” da linguagem, uma vez que se configura como uma episteme que transpassa questões de linguagem com exterioridades sócio-histórico-político-ideológicas, o que justifica abordar, enquanto suporte, a enunciação religiosa vinculada a tais aspectos.

Uma vez que tomamos o acontecimento religioso como uma enunciação singular enquanto prática social, vinculada a uma ideologia, a uma inscrição histórica e a uma prática de poder, tal manifestação discursiva funciona como sintoma enunciativo de um discurso cristalizado. Instaura-se enquanto polêmica de práticas discursivas contraditórias e heterotópicas, a exemplo do atravessamento do discurso capitalista.

Inscrevemo-nos na AD por se tratar de uma prática discursiva atravessada pela ideologia e pela história, que denota uma postura epistemológica em que a configuração emana efeitos enunciativos de caráter filosófico, cultural, psicológico e político. Concebemos que as práticas religiosas são constituídas de um caráter simbólico que é atravessado por discursos com motivação econômico-capitalista e balizadas por uma interpelação ideológica

de preceitos religiosos cristalizados. Dessa forma, diremos que o caráter político que constitui a rede conceitual da AD, bem como a sua postura crítica de recusar um ceticismo do conhecimento que busque uma interpretação única, são fatores que impulsionaram o imbricamento dessa teoria com nossa reflexão acerca da discursividade religiosa.

1.2 AD e Michel Pêcheux: fronteiras e descontinuidades

diremos que a “indiferença” da língua em relação à luta de classes caracteriza a *autonomia relativa do sistema lingüístico* e que, *dissimetricamente*, o fato de que as classes não sejam “indiferentes” à língua se traduz pelo fato de que *todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*. (PÊCHEUX, 1997a, p.92)

No decorrer dos estudos de Michel Pêcheux, podemos perceber um embate epistemológico contra as “certezas” do sentido. A Análise do Discurso pecheutiana recusa o ceticismo mediante as questões da linguagem e preconiza o discurso como uma unidade tida como não estável sob a forma de uma alteridade entre a ideologia e a língua. Assim, Pêcheux, ao teorizar sobre o sentido de uma palavra, afirma que uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes, dependendo do lugar sócio-histórico-ideológico em que for produzida. O lugar de produção do discurso, bem como a posição ocupada pelo sujeito do discurso, são determinantes para a constituição do sentido.

A escolha pela rede conceitual da AD possibilita que vislumbremos o funcionamento discursivo de natureza político-ideológica do processo discursivo instaurado pelos depoimentos da Folha Universal. A AD denota uma postura epistemológica que faz emergir o funcionamento de sentidos no interior de diversas instituições sociais, como por exemplo, a igreja.

Para que alcancemos o objetivo proposto de investigar a interdiscursividade subjacente ao signo “dízimo” na Folha Universal, enfocaremos neste arcabouço teórico a concepção pecheutiana de discurso por meio de reflexões acerca de conceitos, como sentido, interdiscurso, formação discursiva e memória discursiva. No entanto, tais conceituações teóricas não foram tomadas separadamente no interior da presente investigação, uma vez que a rede conceitual da AD francesa integraliza uma diversidade de conceitos que são interligados com os que tomamos para focalização.

O sujeito concebido por Pêcheux deve ser pensado enquanto efeito. Enquanto uma instância em constante alteridade descontínua na qual os processos históricos e ideológicos, bem como os processos simbólicos que envolvem a figura do Outro psicanalítico, se imbricam. O sujeito pecheutiano é afetado pelo que o autor denominou de esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2, apresentando-se como uma instância constantemente crivada e contraditória.

No esquecimento nº 1, o sujeito tem a ilusão de que é o criador de seu discurso e também a origem do sentido, deixando de lado tudo que remete ao exterior de sua formação discursiva. Já, no esquecimento nº 2, o sujeito tem a ilusão de que o que ele diz tem somente um significado e que seu dizer será captado pelo seu interlocutor com esse mesmo sentido. O sujeito tem a ilusão de que controla tudo aquilo que diz.

Ao desenvolver os fundamentos da teoria materialista do discurso, Pêcheux destaca o vínculo contraditório das condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção. Nessa conjuntura, esse estudo revela que uma formação ideológica admite, ao mesmo tempo, os “objetos” ideológicos que reproduzem a ideologia dominante, como os que a contradizem. O discurso será, assim, o palco de uma constante luta ideológica, em que os “sentidos” serão empregados às palavras de acordo com o interesse da classe a qual elas servem.

Para Pêcheux (1997a, p.146)

Isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas de luta de classes), “posições de classe” que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas aos diferentes “objetos” ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. É aí, na verdade, que o vínculo contraditório entre reprodução e transformação das relações de produção se liga ao nível ideológico, na medida em que não são os “objetos” ideológicos regionais tomados um a um, mas sim o próprio desmembramento em regiões (Deus, a Moral, a Lei, a Justiça, a Família, o Saber, etc.) e as relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões que constituem a cena da luta ideológica de classes.

A ideia de reprodução e contradição relacionada à formação imaginária, que se relaciona com o pensamento do discurso como “palco de uma constante luta ideológica” é muito próxima da teoria bakhtiniana, exposta em “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006). Assim, construímos a seção “1.4. Pêcheux e Bakhtin: atravessamentos teóricos” para demonstrar o imbricamento teórico entre a AD de Pêcheux e a teoria de Bakhtin. Nessa seção, estabelecemos uma reflexão sobre os estudos de Bakhtin, relacionando sua filosofia da linguagem com a rede conceitual de Pêcheux, por entendermos que o primado dialógico do discurso e a interpelação ideológica dos processos discursivos são questões que colocam os dois autores em um processo de diálogo teórico.

No interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado, as relações de classes⁴ são dissimuladas pelo que Pêcheux chamou de “todo complexo com dominante” das formações ideológicas. Esse “todo complexo com dominante” será responsável por dissimular a luta de classes no interior dos aparelhos e por caracterizar a objetividade da instância ideológica inserida em uma dada formação social.

⁴ Não devemos confundir a noção de classe empreendida no interior do marxismo com a releitura de Althusser, nem com a concepção de Pêcheux, na qual as práticas sociais são concebidas enquanto interpelação ideológica de uma exterioridade social.

Nesse ínterim, A Ideologia⁵ interpela os indivíduos em sujeitos e esses, sempre-já interpelados por ela e revestidos de práticas sociais serão, por conseguinte, sempre-já revestidos historicamente de uma forma de sujeito, conceito formulado nos estudos althusserianos e inserido na AD por Pêcheux. Ao nos remetermos ao texto “Resposta a John Lewis”, encontramos a conceituação de forma-sujeito assim descrita:

Os indivíduos humanos

Atuam em e sob as determinações das *formas de existência* histórica das relações sociais de produção e reprodução (...) Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da *forma de sujeito*. A “forma-sujeito”, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais: pois as relações sociais de produção e de reprodução compreendem necessariamente, como parte *integrante*, aquilo que Lênin chama de “*relações sociais [jurídico-] ideológicas*”, as quais, para funcionar, impõem a todo indivíduo-agente a forma de *sujeito*. Os indivíduos-agentes, portanto, agem sempre na forma de sujeitos, enquanto sujeitos. (ALTHUSSER, 1978, p.67, grifo do autor)

Revestidos com a forma-sujeito – a forma de existência histórica de qualquer indivíduo - os sujeitos atuam sob as determinações das relações sociais de produção e reprodução. Dessa forma, para a teoria marxista re-significada pela leitura de Althusser, as relações sociais de produção e reprodução (infra-estrutura) e as *relações sociais [jurídico-] ideológicas* que fazem parte da superestrutura, são responsáveis por determinar que os indivíduos atuem na história sob a *forma de sujeito*. E essa determinação se dá por meio do processo histórico de constituição do sujeito que Althusser denominou de interpelação, em que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1980, p.102).

Assim como na teoria de (1980), para Pêcheux a ideologia é responsável por fazer dos indivíduos sujeitos (inscritos em discursos), por meio da interpelação ideológica, que constitui o sujeito em sua relação com os sentidos:

⁵ É relevante que não confundamos “Ideologia” com “ideologia”. Ideologia é o conjunto de ideologia (s), é o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas teorizado por Michel Pêcheux. Por isso ela não ser historicamente diferente da (s) ideologia (s) que refletem sempre uma história que lhes é própria.

É a ideologia que fornece as evidências (...) que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997a, p.160, grifos do autor)

Ao mesmo tempo em que a ideologia constitui o sujeito, ela também é responsável por determinar o processo de constituição do *sentido*, uma vez que sujeito e sentido são constituições que, para Pêcheux, se juntam sob a figura da interpelação.

Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação, pela qual a questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (...) no interior da própria ‘tese central’, na figura da *interpelação*. (PÊCHEUX, 1997a, p.153-154, grifos do autor).

A forma-sujeito corresponderá a uma inscrição ideológica do sujeito no interior da sociedade. A partir dessa inscrição, a forma-sujeito também é inscrita em formações discursivas que irão refletir as suas relações intradiscursivas com a sociedade. Como afirma Pêcheux (1997a, p.152), todo “homem”, ao nascer, já é “um animal ideológico”, ou seja, é um sempre-já sujeito, configurado em forma-sujeito que, ao enunciar em um dado acontecimento discursivo, incide na inscrição de um dado lugar discursivo. Essa inscrição em um lugar discursivo se dá porque a forma-sujeito é a configuração histórica de existência do sujeito enquanto agente de práticas sociais.

Quando Pêcheux adota a proposição althusseriana de que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia”, não a concebe como uma “transição” de indivíduo a sujeito, o sempre-já sujeito não pré-existe à sua interpelação ideológica.

Segundo Althusser (1980, p.102)

A ideologia sempre-já interpelou os indivíduos como sujeitos, o que nos leva a precisar que os indivíduos são sempre-já interpelados pela ideologia como sujeitos, e nos conduz necessariamente a uma última proposição: *os indivíduos são sempre-já sujeitos*. (grifos do autor)

Assim, ao dizermos que o sujeito é interpelado pela ideologia, não devemos desconsiderar que antes da ideologia também não há sujeito. Só há interpelação ideológica porque há o simbólico (por meio do qual o sujeito enuncia – a linguagem) e só há sujeito unicamente porque há interpelação.

Ainda em Althusser (1980, p.102)

A categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) – constituir – os indivíduos concretos em sujeitos. (grifos do autor)

Retomando a citação de Pêcheux (1997a, 153-154), a constituição do sujeito e do sentido se une sob a figura da interpelação. Além de determinar a constituição dos sujeitos e dos sentidos, a interpelação será responsável por proporcionar aos sujeitos a ilusão de que suas escolhas são conscientes. Nessa conjuntura, ideologia e inconsciente se unem para dissimular suas existências no interior do funcionamento discursivo, produzindo evidências subjetivas que fazem parte da constituição do sujeito e, por sua vez, dos sentidos.

A respeito de compreendermos “de que modo todos os indivíduos *recebem como evidente o sentido*”⁶ (PÊCHEUX, 1997a, p.157), evitando o “efeito Münchhausen” que coloca o sujeito do discurso como origem de si e do seu dizer, Pêcheux encontra espaço para o desenvolvimento de conceitos como os de formação discursiva e interdiscurso que veremos doravante.

Quanto ao “efeito Münchhausen”, Mالدیدیر (2003, p.49) nos explica que “em memória do imortal barão que se levantava no ar puxando-se a si mesmo pelos cabelos, o ‘efeito Münchhausen’ é o nome com que Michel Pêcheux batiza ironicamente o efeito-sujeito, a ilusão subjetiva”. Para Pêcheux, evitar a ilusão subjetiva denominada de “transparência da linguagem” é conceber que a Ideologia é responsável por mascarar o “caráter material do

⁶ Os grifos são do autor.

sentido” das palavras. Dessa forma, sentido terá dependência constitutiva do “todo complexo das formações ideológicas”, e, por conseguinte, das posições de classes ocupadas pelos sujeitos discursivos. Assim,

Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas em relação às outras (PÊCHEUX *et al*, 2007, p.26, grifos do autor).

Nesse sentido, a formação ideológica é que constitui as representações que denotam as relações de luta de classe no interior de uma dada discursividade. Por isso

a ideologia do discurso religioso desencadeia uma função de dominação e de deformação presentes numa linguagem de representação de valores selecionados pela percepção do fiel ou inculcados pela ideologia do próprio sistema religioso que acaba por determinar tais valores como fundantes e legitimadores da experiência religiosa. (FRANÇA, 2008, p.3)

1.3. Formação discursiva e interdiscurso

Ao explicar a dependência do sentido a esse “complexo”, o autor desenvolveu duas teses. A primeira postula que o sentido das palavras é determinado pelas posições ideológicas sustentadas pelos sujeitos que as empregam. Assim, as palavras adquirem um determinado sentido “em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem” (PÊCHEUX, 1997a, p.160). Nesse contexto, Pêcheux reconfigura o conceito foucaultiano de formação discursiva.

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997a, p.160, grifos do autor).

Para Foucault, a FD é pensada como um conjunto de enunciados que não são apenas objetos linguísticos, mas são ainda submetidos a uma regularidade e a uma dispersão sob a forma dos saberes e dos poderes. Na perspectiva foucaultiana, a FD é um espaço que compreende um número infinito de posições. Quando Pêcheux traz o conceito de FD para a AD, configura-o, relacionando a FD às questões relativas à ideologia e ao processo da luta de classes. Pêcheux afirma que extraiu da conceituação foucaultiana o que “ela tinha de materialista e revolucionária”.

Em Pêcheux, os “sentidos” vão depender da tomada de posição das instâncias-sujeito que os empregam. Então, ao determinar “o que pode e deve ser dito”, a formação discursiva (FD) atribui “sentidos” às palavras e, ainda, os coloca como “evidentes” aos olhos dessa instância-sujeito. “Os indivíduos são ‘interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso⁷) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1997a, p.161).

Desse modo, é a inscrição em uma FD que provoca nas instâncias-sujeito a ilusão de que o sentido de um objeto ideológico é dado. O sujeito compartilha dessa obviedade dos sentidos. Dessa forma, a idealização do sentido literal de uma palavra torna-se incongruente, uma vez que é a inscrição em uma FD que se ocupa de imbuir as palavras de sentidos “evidentes” ao crivo das instâncias-sujeito.

Ao afirmar que uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes, dependendo da FD em que estiver inscrita e, além disso, que diversas palavras possam ter o mesmo sentido no interior de uma FD, Pêcheux elabora a conceituação de processo discursivo como “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”. (PÊCHEUX, 1997a,

⁷ Entendemos a palavra “discurso” nesta citação como sinônima da palavra “dizer”.

p.161). A FD é responsável por determinar a “distribuição” de elementos do “todo complexo com dominante” no interior do processo discursivo.

A segunda tese de Pêcheux afirma que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas definido mais acima”. (PÊCHEUX, 1997a, p.162). As FDs são componentes interligados às formações ideológicas, uma vez que a FD é a representação discursiva da FI na língua. Ainda que as FDs sejam antagônicas, elas se unem na dependência (dissimulada) do “todo complexo com dominante”, o interdiscurso.

Pêcheux (1997a, p.162) propõe “chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas”. (PÊCHEUX, 1997a, p.162). Diremos que a FD, espaço de constituição do sentido e subordinada ao interdiscurso, tem a função de dissimular a sua dependência ao “todo complexo” e dissimular “na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso” (PÊCHEUX, 1997a, p.162), que determina cada FD a sua maneira. Essa objetividade material contraditória do interdiscurso tem a ver com o fato de “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente”. (PÊCHEUX, 1997a, p.162). Todo dito é sempre um já-dito e, ao mesmo tempo, um jamais-dito, em outro lugar e em outro momento, sob a tutela do complexo das formações ideológicas.

A respeito da composição do interdiscurso, Pêcheux nos diz que essa noção é constituída por elementos de articulação e de encadeamento do pré-construído. Elementos esses, determinados na própria estrutura do interdiscurso, responsáveis por configurar uma

instância-sujeito, impondo-lhe o assujeitamento por uma aparente autonomia da/na estrutura discursiva da forma-sujeito. Assim,

“O pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob a forma da universalidade (“o mundo das coisas”), ao passo que a ‘articulação’ *constitui o sujeito em sua relação com o sentido (...)* aquilo que determina a dominação da forma-sujeito. (PÊCHEUX, 1997a, p.164, grifos do autor).

Ao definir os elementos de pré-construído e de articulação, Pêcheux afirma que o efeito de sentido é a relação das possibilidades de substituição entre elementos linguísticos no interior de uma mesma FD. Do mesmo modo, o autor afirma que a forma-sujeito é produzida pelo “efeito do real sobre si mesmo”, que impõe uma “realidade” (ilusória) ao sujeito. A forma-sujeito recebe “realidades possíveis”, imagens ficcionais de mundo, as quais o sujeito se reconhece consigo e com o outro. A FD, então, deve ser pensada como:

espaço de reformulação-paráfrase onde se constitui a ilusão necessária de uma “intersubjetividade falante” pela qual cada um sabe de antemão o que o “outro” vai pensar e dizer..., e com razão, já que o discurso de cada um reproduz o discurso do outro (uma vez que, como dizíamos (...) cada um é o espelho dos outros). (PÊCHEUX, 1997a, p.172)

Enquanto o interdiscurso é o “todo das coisas ditas”, a FD é o espaço de reformulação e paráfrases dessas “coisas ditas”. E é nesse espaço de reformulação-paráfrase (lugar de constituição do sentido) que acontece o ocultamento do que não pertence a uma dada FD, por meio do que Pêcheux chamou de esquecimento nº1. “Esse acobertamento se efetua, na realidade, na esfera reflexiva da consciência e da intersubjetividade” (PÊCHEUX, 1997a, p.177) da forma-sujeito que, como a ideologia, “não possui exterior”.

Sujeitos e sentidos são constituídos por meio de uma “utopia interdiscursiva”. O funcionamento do interdiscurso é absorvido/esquecido pela forma-sujeito no interior do intradiscurso (o “fio-do-discurso”), onde o interdiscurso aparece apenas como um “já-dito” do

intradiscurso. O interdiscurso se camufla no funcionamento e na constituição da forma-sujeito, que será responsável por dissimular/implantar os “sentidos” e o “real” do interdiscurso no interior do dizer do sujeito (o intradiscurso).

Dessa maneira, “O interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos ‘em plena liberdade’” (PÊCHEUX, 1997a, p. 215). Para Pêcheux, a FD em que a instância-sujeito se circunscreve é determinada pelo interdiscurso, e os sentidos de um enunciado ou de uma palavra serão uma “ficção cômoda”, um ponto de vista em que a verdade é um mito. Então, diremos que será função da FD arquitetar a ilusão de verdade no interior da forma-sujeito, deixando a porta sempre aberta para que o interdiscurso exerça sua dominância.

Sendo assim, ao pensarmos o interdiscurso como determinante da “identificação ou contra-identificação do sujeito com uma formação discursiva” (PÊCHEUX, 1997a, p. 216) é possível afirmarmos que a FD não tem fronteiras fixas. Uma FD será constituída por elementos do interdiscurso e, constantemente, atravessada por outras FDs.

É nesse contexto epistemológico que postulamos não ser coerente nomearmos uma FD (FD religiosa, FD capitalista entre outras). Ela não tem limites estabelecidos e, se está sujeita a sofrer atravessamentos de outras FDs, a FD deve ser concebida como um *continuum* de uma dada alteridade descontínua (no caso deste trabalho, alteridade entre a discursividade religiosa, cristã, econômica, capitalista, entre outras). O espaço de uma FD é um conjunto de dizeres em dialogismo.

Não estamos tomando a FD como um conjunto de dizeres agrupados ao acaso. Concebemos a FD como um espaço heterogêneo que possibilita o trabalho teórico de detecção de índices de regularidades, permitindo que a FD possa ser pensada como uma dada configuração discursiva, e não uma nomeação propriamente dita.

A FD, para Pêcheux, deve ser pensada como um *continuum* no qual não se pode separar os elementos que a constituem. Negar isso seria apagar o acontecimento. Pêcheux diz:

A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise do discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora. (PÊCHEUX, 2006, p. 56)

Dessa forma quando falamos do atravessamento entre o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista, não estamos falando que existem aqui uma FD religiosa e uma FD econômico-capitalista. O que encontramos é uma FD (sem nos iludirmos que ela não é atravessada por outras FDs) em constante alteridade com os incontáveis atravessamentos interdiscursivos que a constituem.

Em “Remontemos de Foucault a Spinoza”, Pêcheux (1990b, p. 258)⁸ diz que:

toda formação ideológica deve necessariamente ser analisada de um ponto de vista de classe e de um ponto de vista "regional", e pode ser que isso explique que toda ideologia seja dividida (não idêntica a si mesma). É porque as formações ideológicas, que elas se referem as mesmas "coisas" de modo diferente (Liberdade, Deus, a Justiça, etc.), e é porque as formações ideológicas têm um caráter de classe que elas se referem simultaneamente às mesmas "coisas" (por exemplo, a Liberdade) sob modalidades contraditórias ligadas aos antagonismos de classes. Nessas condições, parece que é na modalidade pela qual se designam (pela fala ou pela escrita) essas "coisas" a cada vez "idênticas" e divididas, que se especifica aquilo que se pode, sem inconvenientes, chamar de "formação discursiva", com a condição de se entender bem que a perspectiva "regional" das "formas de repartição" e dos "sistemas de dispersão" de Foucault se encontram assim reordenados à análise das contradições de classe. (grifos do autor)

A formação ideológica expressa uma representação pontual de uma ideologia, ou seja, duas formações ideológicas podem aludir ao mesmo objeto ideológico de modos diferentes ou aludir de modos semelhantes a objetos ideológicos diversos. Logo, a FD será o espaço em que essas significações pontuais e contraditórias emanam como discursos constituídos. Por isso a FD de caráter essencialmente econômico-capitalista, responsável por determinar a

⁸ Tradução livre.

configuração da enunciação religiosa da igreja, crivar a discursividade bíblica em prol da ideologia da Igreja Universal de forma tão categórica.

1.4. Pêcheux e Bakhtin: atravessamentos teóricos

A palavra, para o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975), é lugar de conflitos de dizeres, “é o fenômeno ideológico por excelência”, é o ambiente onde se trava um diálogo constante entre os dizeres do “um” e do “outro”. O dialogismo bakhtiniano postula a presença da voz do outro no discurso, estabelecendo a interação verbal no âmbito das relações sociais. Nenhum dizer pode ser atribuído a um sujeito isolado, toda palavra é um já-dito jamais-dito.

Esta seção pretende demonstrar os possíveis atravessamentos teóricos da teoria bakhtiniana com os estudos de Pêcheux no campo da Análise do Discurso. Para tanto, construímos uma breve reflexão acerca dos estudos diálogos de Bakhtin, procurando relacionar tais pensamentos com a rede conceitual pecheutiana.

1.4.1. O sujeito social e o problema do diálogo

Para Mikhail Bakhtin, toda palavra é dialógica. O conceito de diálogo na concepção teórica bakhtiniana não deve ser tomado como uma simples conversa face a face. Pensar no dialogismo de toda palavra é dizer que a palavra é internamente/constitutivamente dialógica, haja vista que é condição de existência da palavra enquanto signo ideológico o atravessamento pela palavra do Outro.

Ao postular o texto como objeto de estudo das ciências humanas, em “Estética da criação verbal” (1997), Bakhtin coloca o homem como produtor de textos e como constitutivo

deles, ou seja, o homem se constitui enquanto objeto social por meio dos textos. Mas um texto na concepção bakhtiniana não pode ser pensado como um discurso fechado em si mesmo. Na teoria bakhtiniana, o texto é concebido como único e não reiterável, sempre o produto de uma criação social, histórica e ideológica, não devendo ser concebido fora do contexto da sociedade em que é produzido.

Afinal, são as mesmas condições econômicas que associam um novo elemento da realidade ao horizonte social, que o tornam socialmente pertinente, e são as mesmas forças que criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa, etc.), as quais determinam, por sua vez, as formas da expressão semiótica (BAKHTIN, 2006, p.47).

A palavra, nesse sentido, é pensada como o mais sensível indicador de mudanças ideológicas no seio da sociedade, já que é concebida como “fenômeno ideológico por excelência”, a forma mais pura de expressão das relações sociais. Ela é considerada uma forma pura porque mesmo sendo um signo ideológico por natureza, também é um “signo neutro”⁹, já que é empregada de diferentes formas pelos interlocutores de cada campo ideológico, refletindo e refratando várias realidades sociais.

Nessa perspectiva, os interlocutores de um texto são tomados sempre como sujeitos sociais em constante alteridade, já que o “um” só pode ser concebido em relação com o “outro”. A vida do sujeito é tomada como dialógica¹⁰ por natureza. Dessa forma, o sentido de um texto só pode ser apreendido na interação¹¹ entre os sujeitos que o produzem, já que toda palavra é dirigida a um interlocutor.

Por meio de uma associação lógica, a concepção de discurso dialógico nos remete ao seu contraposto, ou seja, a um discurso monológico. No entanto, para Bakhtin, o discurso

⁹ A ideia de “signo neutro” para Bakhtin diz respeito à possibilidade de um mesmo signo ideológico ser utilizado em diferentes contextos sociais e diferentes situações de enunciação.

¹⁰ A constituição dialógica deve ser apreendida entre diversos textos, como entre interlocutores de uma dada interação verbal.

¹¹ Tomamos como interação a própria noção bakhtiniana de interação verbal, como uma relação entre interlocutores em uma dada enunciação.

tomado como monológico também se trata de uma resposta a algo, o discurso é sempre constituído pelo diálogo com diversos outros discursos, trata-se de um primado da sua concepção de linguagem, e ignorar esse primado é ignorar também a relação existente entre a linguagem e a vida social dos sujeitos.

E, no entanto, a enunciação monológica já é uma abstração, embora seja uma abstração de tipo “natural”. Toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num monumento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que as precederam, trava uma polémica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN, 2006, p.101)

Por conseguinte, não podemos cometer o equívoco de conceber que, mesmo um discurso cristalizado socialmente como a enunciação de carácter religiosa, seja imune a esses inúmeros atravessamentos de outros discursos. Assim, até as palavras proferidas durante uma missa ou em um culto, os dizeres de uma homilia, de um jornal de uma igreja, serão palco de uma constante luta ideológica que é travada no interior da linguagem pensada por Bakhtin.

Em “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006), Bakhtin constrói uma crítica a linguística saussuriana, demonstrando o quanto a ideologia pode determinar a linguagem e a consciência. O autor enfoca a natureza social dos fatos linguísticos, demonstrando que a língua é inseparável do seu conteúdo ideológico ou vivencial. A palavra deve ser concebida como um signo ideológico, não de forma fixa, mas na relação com os sujeitos e as atribuições sociais que permeiam suas vidas.

No entanto, discorrer a linguagem sempre em seu carácter dialógico, não quer dizer que esse diálogo se dê de forma harmoniosa e simétrica. Como já afirmamos, uma situação enunciativa implicará conflitos e relações de dominação e resistência, uma vez que “a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema” (BAKHTIN, 2006, p.14). Logo,

o efeito enunciativo depreendido de um acontecimento discursivo dependerá se os interlocutores fizerem ou não parte do mesmo grupo social, ocuparem posições inferiores ou superiores na hierarquia social, bem como se estiverem unidos por laços sociais, como, por exemplo, de pai e filho, marido e esposa, patrão e empregado, padre e fiéis, entre outros.

Por meio das reflexões que empreendemos acerca dos estudos de Bakhtin, dois fatores emergem como constitutivos dos estudos em AD francesa. A relação entre o “eu” e o “outro” (onde o “um” é constitutivo/constituente/constituído do/pelo “outro”) e a concepção de um caráter heterogêneo, dialógico e a natureza social de toda enunciação. Esses dois fatores reforçam que o fenômeno linguístico como um entrelaçamento discursivo, realizado nas interações entre os sujeitos e não como uma manifestação individual.

Com isso percebemos que a teoria de Bakhtin é constitutiva dos estudos linguísticos, principalmente as teorias acerca do discurso. No capítulo “O discurso em Dostoiévski” da obra “Problemas da poética de Dostoiévski” (1981), o autor nos diz

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integralidade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são esses aspectos, abstraídos pela lingüística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subseqüentes não são lingüísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da lingüística. (BAKHTIN, 1981, p.157).

Ainda que a noção de discurso para Bakhtin¹² seja diferente da noção de discurso dos estudos em Análise do Discurso francesa, ambas as concepções levantam a relevância de fatores advindos da exterioridade linguística. Com isso, o dialogismo é tomado como condição

¹² Se para Pêcheux o discurso deve ser compreendido em sua relação com o interdiscurso (inserido em uma historicidade), nos estudos de Bakhtin, a palavra “discurso” deve ser entendida como uma instância em que discursos outros se entrelaçam e se atravessam por meio da interação verbal entre sujeitos.

indispensável de qualquer palavra, e acaba constituindo uma influência teórica com a noção de sentido enquanto efeito, advinda dos estudos de Pêcheux (1997a). Para esse autor,

o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997a, p.160, grifos do autor)

Utilizaremos o primado bakhtiniano do dialogismo, sob o crivo dos estudos em AD francesa, já que entendemos que os estudos de Bakhtin dialogam com a constituição da rede conceitual da AD. A ideia de uma linguagem dialógica, um discurso tecido a partir do discurso do outro, bem como a exterioridade constitutiva são pontos convergentes desses dois estudos. Nesse sentido, Bakhtin é responsável por construirmos a percepção do discurso como uma teia, constantemente atravessado por vários outros discursos. Todo discurso será sempre um já-dito jamais-dito.

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. (BAKHTIN, 1997, p.319)

Segundo Bakhtin, só mediante a idealização de um Adão bíblico é que poderíamos pensar em dizeres que não dialogam com outros. Todo dizer será resultado dos atravessamentos sócio-histórico-ideológicos que permeiam e constituem os sujeitos de uma interação verbal.

No entanto não podemos cometer o equívoco epistemológico de colocarmos Bakhtin e Pêcheux “numa mesma panela” teórica. Gregolin (2006, p. 35), ao estudar esses atravessamentos pontua.

É preciso considerar que, enquanto Pêcheux e Foucault viveram intensamente as lutas políticas da França entre 1960-1980, Bakhtin produziu sua obra teórica em

outro tempo e espaço, e, por isso, ele participa da AD como um “outro”, uma leitura, uma interpretação. Nesse sentido, a leitura que Pêcheux faz de Bakhtin é determinada por várias distâncias: participando da “primeira recepção” de Bakhtin na França, no final dos anos 1960, como todos os que o leram naquele momento, Pêcheux tinha uma vaga referência sobre aquele teórico russo de quem se traduzia *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da poética de Dostoievski*, obras escritas na União Soviética do final dos anos 1920. (grifos do autor)

Ainda que Pêcheux, para Gregolin, somente tenha tido “uma vaga referência” sobre os estudos do filósofo russo, existem pelo menos duas referências que Pêcheux faz aos estudos de Bakhtin. No texto “Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault”, Sargentini (2006) traduz uma nota do texto de Pêcheux (1990a) “Lecture er mémoire” em que o mesmo cita a obra de Bakhtin:

A obra de Bakhtin constitui um dos exemplos mais acabados dessa tese, colocando a inscrição das discursividades em um corpo de traços sócio-históricos: O caráter mais importante do enunciado, ou em todo caso o mais ignorado, escreve Todorov na sua apresentação dos trabalhos de M. Bakhtin, é seu dialogismo, isto é a dimensão intertextual. (PÊCHEUX, 1990a apud SARGENTINI, 2006, p. 187)

Pêcheux faz menção à obra de Bakhtin como “um dos exemplos mais acabados” dos estudos que tomam a inscrição das discursividades relacionadas aos traços sócio-históricos em que estão inscritos. Além disso, o analista do discurso demonstra interesse pelo dialogismo enquanto uma dimensão intertextual, “o caráter mais importante do enunciado”.

No capítulo “A linguística marxista” de “A língua inatingível”, Pêcheux et al (2004) do mesmo modo faz referência a Bakhtin:

Em 1929, aparece *Marxisme et Philosophie du langage*, assinado por V. Volochinov, recentemente republicado na França com o nome de M. Bakhtin na perspectiva de um questionamento marxista do “formalismo saussuriano”. (PÊCHEUX et al, 2004, p. 101, grifos do autor)

Nessa menção, Pêcheux toma os estudos de Bakhtin como uma varredura aos dogmas saussurianos por meio de “uma aplicação do método marxista em linguística”. O presente texto faz alusão também à abordagem bakhtiniana que toma a enunciação como interação

verbal e considera o diálogo em oposição ao monólogo. Assim, as duas citações de textos de Pêcheux que demonstram que o autor tinha conhecimento dos estudos de Bakhtin asseveram a afirmação de que existe um atravessamento bakhtiniano na AD pecheutiana.

Outra convergência entre os dois autores é a retomada da teoria de Ferdinand Saussure para discutirem o objeto da Linguística. Ainda que as concepções de discurso sejam diferentes em Pêcheux e Bakhtin, ambos questionam a *langue* como um sistema abstrato e propõe o discurso enquanto objeto linguístico.

Concebida como objetiva e sistêmica, a língua, para Saussure, tem o estatuto de objeto dos estudos linguísticos. A fala, tomada como oposição à língua, é subjetiva e deve ser pensada como uma variável de acordo com cada falante. Para Pêcheux, o deslocamento conceitual introduzido por Saussure consiste em desconsiderar o caráter constitutivo entre a prática e a teoria da linguagem. A língua pensada como um sistema “deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento” (Pêcheux, 1997b, p.62).

Em Bakhtin, a crítica a Saussure se constitui em circunstâncias semelhantes. Contudo não são críticas em nome da teoria marxista. São questionamentos que se fundamentam no interior da própria linguística, uma vez que Bakhtin encontra falhas nas dicotomias língua/fala e sincronia/diacronia. Representante do que o Bakhtin chamou de objetivismo abstrato, a linguística de Saussure é criticada por conceber a língua como um objeto abstrato que rejeita as manifestações individuais (fala). Ligada às estruturas sociais, a fala (enunciação), para Bakhtin, deve ser valorizada pela sua natureza social e por representar o motor das transformações linguísticas.

Na introdução do “Marxismo e filosofia da linguagem”(2006), afirma-se que

a evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais (...). O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao ‘sinal’ inerte que

advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. É o que leva Bakhtin a atacar a noção de sincronia. (BAKHTIN, 2006, p.15).

Para Bakhtin, o objetivismo abstrato de Saussure favorece a unicidade e “prende” a palavra em um dicionário. O signo bakhtiniano é vivo, móvel e ideológico. E se “a ideologia é um reflexo das estruturas sociais (...) toda manifestação da ideologia encadeia uma modificação na língua”. (BAKHTIN, 2006, p.15).

Com relação à noção de sentido para a AD, também consideramos enfatizar o conceito bakhtiniano de signo ideológico como um possível postulado constitutivo. O signo ideológico é a palavra em interação verbal, é o espaço onde confrontam-se valores contraditórios, é a instância linguística onde se desenvolve a luta de classes. Dessa forma, o conceito bakhtiniano de signo ideológico pode ser tomado como constitutivo da noção de sentido para a AD ao passo que contribui para a percepção da possibilidade heterogênea da significação.

Tais conceitos são constitutivos por conceberem o objeto linguístico vinculada às instâncias sociais e ideológicas. Para Bakhtin, o signo ideológico tem significação apenas em sua materialização no interior do auditório social. Para a AD, a materialidade linguística também só significa quando vinculada com suas condições de produção.

Para Guilherme de Castro (2008, p.60), a tese de Bakhtin acerca do dialogismo “pode ser percebida como aspecto constitutivo da noção de formação discursiva”. Segundo a autora, podemos perceber isso nas palavras de Bakhtin, quando o mesmo diz ser relevante determinar

o peso específico dos discursos retórico, judicial ou político na consciência linguística de um dado grupo social na hierarquia social de valores. Quanto mais forte for o sentimento de eminência hierárquica na enunciação de outrem, mais claramente definidas serão as suas fronteiras, e menos acessível será ela à penetração por tendências exteriores de réplica e comentário (BAKHTIN, 2006, p. 159).

Para Bakhtin, cada tipo de discurso, em um dado grupo social, obedece a uma hierarquia ideológica que determina a “rigidez” das fronteiras desse discurso. Quanto maior o valor hierárquico de uma enunciação para um grupo social, menos atravessamentos esse

discurso sofrerá. E as condições sócioverbais são determinantes para as mudanças de um dado para outro.

A língua existe não por si mesma, mas somente em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta. É apenas através da enunciação que a língua toma contato com a comunicação, imbuí-se do seu poder vital e torna-se uma realidade. As condições da comunicação verbal, suas formas e seus métodos de diferenciação são determinados pelas condições sociais e econômicas da época. As condições mutáveis da comunicação sócio-verbal precisamente são determinantes para as mudanças de forma que observamos no que concerne à transmissão do discurso de outrem (BAKHTIN, 2006, p. 160).

Dessa forma, as fronteiras de que fala Bakhtin podem ser tomadas como um atravessamento constitutivo da FD pecheutiana,

na medida em que funcionam como aspecto fundador para a tese de Pêcheux de que a formação discursiva é a matriz do sentido, ou seja, é o lugar da constituição do sentido, acrescentando, porém, que toda formação discursiva representa, na linguagem, a formação ideológica que lhe é correspondente. (GUILHERME DE CASTRO, 2008, p.60).

Pêcheux postula a FD como o espaço de constituição dos sentidos e que determina a luta de classes, a partir de uma dada formação ideológica e de um dado posicionamento sócio-histórico. Assim, ainda que o espaço da FD não seja por esse estudo passível de fronterização, existe sempre um arqui-tema que se sobressai no interior de uma FD. No entanto, sabemos que o tema não é reiterável pela discursividade. O que apresentamos é a significação articulada pelo interdiscurso em um dado processo discursivo, de acordo com as tomadas de posição das instâncias-sujeito inseridas nesse processo. Se para Bakhtin a instância de significação advém do signo ideológico em dialogismo, em Pêcheux o sentido se instaura no interior das formações discursivas¹³. Pensamos que se o primado bakhtiniano do dialogismo pode ser concebido como constitutivo da noção de formação discursiva, também o

¹³ Pensamos que se o primado bakhtiniano do dialogismo pode ser concebido como constitutivo da noção de formação discursiva, também o consideramos como constitutivo da noção de interdiscurso, uma vez que a FD é dependente (ainda que dissimule) ao “todo complexo com dominante”, o interdiscurso.

consideramos como constitutivo da noção de interdiscurso, uma vez que a FD é dependente (ainda que dissimule) ao “todo complexo com dominante”, o interdiscurso.

Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. O próprio subtítulo de “Marxismo e filosofia da linguagem” (2006) é bastante revelador, uma vez que demonstra ser um estudo que aborda as relações entre a linguagem e a sociedade, “colocado sob o signo da dialética do signo, enquanto efeito das estruturas sociais” (BAKHTIN, 2006, p.13). Outro ponto de encontro entre Bakhtin e Pêcheux é a relação construída entre as estruturas sociais e o processo da enunciação. Se nos postulados de Bakhtin o social envolve os indivíduos que exercem funções de sujeitos nas relações dialógicas de uma dada interação verbal, na teoria de Pêcheux as condições de produção, de ordem sócio-histórico-ideológica, permeiam o processo enunciativo. Ao ocupar um dado lugar social o sujeito se inscreve – e é inscrito – em formações discursivas.

A concepção do “outro” bakhtiniano também pode ser considerada como constitutiva da AD, pelo pensamento de Pêcheux. O “outro” de Bakhtin reflete a ideia de que a língua é o reflexo das relações sociais dos falantes, o “um” só existe em interação com o outro. Todo enunciado é réplica de um outro já-dito anteriormente. Dessa forma, o diálogo entre vozes remete ao termo psicanalítico “alteridade”, emprestado por Pêcheux na AD francesa. No processo dialógico os indivíduos se interpelam em um processo de devir, daí aludirmos à noção de alteridade.

Para Pêcheux, o inconsciente é um vestígio de linguagem que advém da historicidade interna do sujeito. Assim, ao se manifestar, o inconsciente é interpelado por uma dada ordem sócio-histórico-ideológica que o coloca em alteridade descontínua. Sob a recusa de “qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano, e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu dizer” (Pêcheux, 1997a,

p.311), com a noção de alteridade, a AD pecheutiana coloca o sujeito do discurso como um sujeito atravessado pelo inconsciente.

Por fim, esperamos ter demonstrado nessa seção que conceber um diálogo entre Pêcheux e Bakhtin é possível desde que não nos esqueçamos de colocar cada um em seu contexto sócio-histórico. Bakhtin desenvolveu sua filosofia no ambiente soviético da década de 1920. Pêcheux concebe a Análise do Discurso na década de 1960 na França. É notório que a forma de conceber o sujeito em alteridade com o “outro”, o caráter dialógico de todo discurso e a interpelação dos processos ideológicos são primados teóricos que colocam Bakhtin e Pêcheux em um processo de diálogo teórico, cada qual em seu tempo, cada qual com seus objetos de estudo.

1.5. Memória discursiva

Memória discursiva diz respeito à recorrência de dizeres que emergem a partir de uma contingência histórica específica, sendo atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo, é algo que fala sempre, antes, em outro lugar. Acerca do conceito de memória, Gregolin (2001, p.69) afirma que “um objeto que recorta, no infinito campo dos enunciados efetivamente formulados, um conjunto de enunciados delimitados (...), inscrito na memória discursiva, possibilita os movimentos de retornos, as repetições e deslocamentos”. Para Orlandi (2000, p.31), é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito; é, enfim, o interdiscurso que interpela o sujeito

Diferente de uma semelhança com “lembranças pessoais”, a memória deve ser concebida numa esfera coletiva e social, responsável por produzir as condições necessárias de um funcionamento discursivo e, conseqüentemente, para a interpretabilidade de textos. De tal modo, são as redes de memória, incitadas por vários tipos de materialidades discursivas, que

possibilitam a retomada de discursos do passado, atualizando-os para a memória de uma historicidade atual. A estruturação do discurso constitui, por conseguinte, a materialidade de uma memória social determinada historicamente.

A memória discursiva não é responsável somente por reforçar o discurso “já-dito”. Como lemos na citação de Gregolin, por meio das retomadas e deslocamentos de um objeto discursivo, podemos dizer que se produz na memória um jogo de força simbólico que constitui uma questão social. Logo, os enunciados retomados por uma dada memória discursiva, por serem indubitavelmente interdiscursivos, serão atravessados pela exterioridade (discursos-outros), podendo denotar efeitos de sentido que, implicitamente, denegam o discurso já-dito.

Sobre o aspecto reformulador da memória, Pêcheux nos diz que:

a memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p.52)

A memória não será somente responsável por repetir e reproduzir um acontecimento factual, o já-dito. No espaço da memória há um jogo de forças que pretende, ao mesmo tempo, reforçar os discursos estabilizados e regular os deslocamentos (geralmente implícitos) que ela veicula. O lugar da memória deve ser pensado como um espaço de alteridade entre os discursos pré-construídos e os discursos-transversos que são produzidos sob o crivo do interdiscurso.

Nesse sentido, a análise do discurso preconiza a memória como uma instância que atravessa as reformulações discursivas. A memória deve ser tomada como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p.56). Trata-se de um conceito que exerce, portanto, uma função contraditória na produção de

discursividade, já que a memória “recupera” o passado e também o “elimina” por meio de apagamentos e reformulações.

É justamente por comportar formulações já enunciadas que a memória discursiva admite na complexa rede de formulações (o interdiscurso) a manifestação, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente.

Assim, os sentidos se instauram de acordo com a forma pela qual os discursos se inscrevem na língua e na história. Historicamente determinada, a memória possibilita que os dizeres façam sentido, já que todo dito é um já-dito proferido antes, em outro lugar, de forma independente da situação discursiva em uso. Sob a obediência ao interdiscurso, é na memória discursiva que surge a possibilidade de toda formação discursiva produzir e operar discursos já-ditos. É da memória discursiva que emerge a infinita rede de formulações interdiscursivas, o aparecimento, o apagamento ou a transformação de dizeres que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente.

1.5.1 A Imagem como mecanismo operador de memória

Tendo em vista todos os adventos tecnológicos da modernidade, todo sujeito pode se tornar um cinegrafista ou um fotógrafo. As câmeras (que são encontradas em celulares, computadores) estão cada vez mais acessíveis e fazem parte do dia-a-dia da sociedade atual. Com isso, a imagem na contemporaneidade (a ilustração, a fotografia) deve ser tomada como um relevante mecanismo operador de uma memória social.

As inúmeras formas de acesso a imagens de qualquer parte do mundo (estamos nos referindo à internet, principalmente) fazem com que elas estejam cada vez mais presentes na construção de uma memória social na pós-modernidade. Não se trata aqui de sobrepor a

relevância da imagem ao texto escrito. No entanto, com a grande oferta de informação visual causada pelos grandes avanços tecnológicos, a imagem funciona cada vez mais como um recurso de construção de uma memória social e, por conseguinte, de uma memória discursiva.

Um dos aspectos peculiares da imagem enquanto um operador de memória é que ela vem representar a realidade enquanto uma imitação. Assim, o lugar discursivo em que uma imagem é inserida (pensamos aqui, por exemplo, em um jornal ou revista) poderia determinar que discursos fossem produzidos num dado contexto sócio-histórico-ideológico.

Desse modo, a mídia atual usa as imagens como artifício para complementar (ou distorcer) os enunciados e balizar os sentidos, operando uma memória social, já que as imagens se comportam como enunciados operadores de simbolização no interior do discurso midiático.

A respeito disso Pêcheux afirma que

a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento, que faz da imagem como que a recitação de um mito (PÊCHEUX, 1999, p.51)

De maneira mais evidente que o texto escrito, a imagem tem na sua constituição um programa de leitura, ou seja, ela baliza o que os sujeitos devem “enxergar”, para onde olhar. Por se tratar de uma “representação do real”, uma fotografia tem espaço privilegiado na produção de “realidades possíveis”, exercendo grande força na imposição de um sentido pretendido.

Portanto, o discurso midiático usa a imagem para complementar os enunciados verbais, se valendo do caráter simbólico que a imagem opera, em prol de uma memória social. Por meio de uma imagem, um veículo de comunicação, como um jornal, pode enunciar por meio de uma manifestação discursiva não-verbal aquilo que prefere silenciar no discurso verbalizado.

Desse modo, a imagem, tomada em alguns casos como um recurso meramente ilustrativo, pode ser tomada pela AD como portadora e operadora de discursividades que, por ventura, sejam silenciadas em manifestações discursivas verbalizadas.

A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÊCHEUX, 1999, p.55).

Tomando a imagem como operadora de memória, analisaremos as ilustrações que acompanham os artigos da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel”. Cada edição da Folha Universal traz dois depoimentos de sujeitos fiéis diferentes, sendo que cada depoimento vem acompanhado de uma ou mais fotografias. Trataremos tais imagens como representações imagéticas, imbricadas ao processo dialógico entre os discursos religioso e o econômico-capitalista que emerge dos depoimentos da Folha Universal.

1.6. A instância enunciativa sujeitucional

Ao desenvolvermos um trabalho de pesquisa no interior da Análise do discurso, percebemos a constante dúvida sobre como pensar a figura do sujeito. Devemos tomar o sujeito como sujeito discursivo, forma-sujeito, lugar discursivo? Para que o conflito das diversas tomadas de posição de um sujeito possa ser debatido no interior do presente estudo, partimos da noção de instância enunciativa sujeitucional. Concebida por Santos (2009) como uma extensão do conceito de sujeito pecheutiano, o sujeito é tomado como circunscrito em uma diversidade de processos identitários que o inserem em lugares discursivos e em papéis sociais heterogêneos. Nesse sentido, o sujeito constituído por instâncias enunciativas heterogêneas é coincidente com a forma em que o sujeito deve ser tratado no presente estudo.

Para Santos (2009, p.1)

a realização linguageira, enquanto ato interrelativo e interenunciativo, traça o perfil de sujeitos heterogêneos pertencentes a um grupo social, e actantes em sua constitutividade discursiva. A nosso ver, trata-se de sujeitos circunscritos em processos identitários, inseridos em práticas sociais, e em ações contextuais, do e no processo enunciativo. Essa heterogeneidade estabelece uma relação de reciprocidade, quanto ao lugar discursivo que esses sujeitos ocupam na interpelação. Assim, no decorrer do processo enunciativo, os sujeitos podem estar inseridos em um papel social, e numa diversidade de *instâncias enunciativas sujeitacionais*.

A gama de papéis sociais em que o sujeito está inserido faz com que o mesmo deva ser tomado como uma instância enunciativa sujeitacional, representando a alteridade de instâncias que o sujeito se coloca em um dado processo enunciativo. Instâncias essas que são interpeladas pelo interdiscurso e pela memória discursiva, que estão em constante movência e que “oscila entre as facetas de um lugar social e de um lugar discursivo na alteridade de formas-sujeito que se movem pela interpelação e pelo atravessamento de discursos outros em seu enunciar”. (SANTOS, 2008, p.2).

A noção de instância enunciativa sujeitacional, para Santos (2009, p.4), “assume um caráter enunciativo-discursivo-distintivo-singularizador do papel do sujeito na realização linguageira”. Tal noção faz emergir a singularidade das tomadas de posição do sujeito, colocadas em alteridade uma vez que representam o conflito polifônico dos diversos posicionamentos ideológicos representados pelo sujeito discursivo.

Tal conceituação é balizadora, ao mesmo tempo, da diversidade de tomadas de posição dessa instância-sujeito e das particularidades de cada instância nos diferentes planos discursivos, uma vez que a produção de sentidos que emerge dos diferentes dizeres podem representar formações discursivas coincidentes ou antagônicas. Tomarmos o sujeito como uma instância enunciativa é pensar o sujeito discursivo em constante alteridade de lugares discursivos, interpelado de diversas formas e podendo representar várias formas-sujeito em constante alteridade.

Por questionar as “certezas” e as “evidências” da linguagem e por se constituir com uma episteme que transpassa questões linguísticas, a AD coloca-se como o arcabouço teórico necessário a presente pesquisa, que objetiva investigar a enunciação religiosa vinculada às exterioridades sócio-histórico-político-ideológicas.

Questionamos as significações que emergem do signo “dízimo” nos depoimentos da Folha Universal, levando em consideração que o lugar de produção de uma manifestação discursiva, assim como o lugar ocupado pelo sujeito do discurso, são determinantes para a constituição dos sentidos. Tais significações promovem um embate ideológico entre uma diversidade de discursos, dos quais ressaltamos o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista.

No interior do processo discursivo instaurado pelos depoimentos da Folha Universal, a instância-sujeito empresário é interpelada pelas FDs que denotam o discurso da IURD. Ao se inscrever nessas FDs, a instância-sujeito empresário é “revestido” de uma forma-sujeito dizimista-fiel. A partir dessa inscrição, “o que pode e deve ser dito” pela forma-sujeito revela a discursividade econômico-capitalista como a manifestação discursiva dominante do “todo complexo” da Igreja Universal do Reino de Deus.

CAPÍTULO II

SENTIDOS DO SIGNO "DÍZIMO" NO JORNAL "FOLHA UNIVERSAL"

Em outros termos, Deus não tem um estilo próprio: pela boca dos profetas, ele fala diferentemente a mesma coisa: ele pode também designar coisas diferentes por meio das mesmas palavras. (PÊCHEUX, 1990b, p.251)

2.1 Percepções introdutórias

A citação acima, extraída de “Remontemos de Foucault a Spinoza” (1990b) de Pêcheux, expressa a concepção de Deus que se configura a partir dos depoimentos em estudo. A representação ideológica e imaginária de Deus, bem como os dizeres das escrituras que são tomados como sagrados, são discursivamente manipulados de acordo com os interesses de uma dada FD dominante.

Nos depoimentos da Folha Universal, FDs antagônicas se unem e dissimulam a formação ideológica da Igreja Universal. Se partirmos da historicidade de cada instância-sujeito, as mesmas se constituem como empresários e depois como fiéis. Não são “fiéis que se tornaram empresários”, são “empresários que, por uma necessidade pessoais, se tornaram fiéis”. Pelo fato de fazerem parte de um jornal de uma igreja, existe uma dissimulação do caráter empresarial dos depoimentos. Por isso consideramos o discurso econômico-capitalista como o discurso dominante dos textos da Folha Universal. A enunciação religiosa é o discurso que dissimula a objetividade da instância ideológica, o discurso empresarial da Igreja Universal do Reino de Deus.

Para analisar o funcionamento discursivo da FD que desponta como dominante nos textos da Folha Universal, utilizamos como dispositivo metodológico para análise de *corpora*

o axioma discursivo. Um enunciado-operador que sintetiza as regularidades do *corpus* e revela espaços de configuração de sentidos e posicionamentos ideologicamente marcados.

2.2. Experimentos de análise de corpora: dispositivo axiomático

Um axioma é uma sentença ou proposição considerada como óbvia ou como uma evidência inicial necessária para a construção ou aceitação de uma dada teoria. Por isso, é aceito como verdade e serve como ponto inicial para dedução e inferências de outras verdades.

No entanto, a função de um axioma discursivo é postular ou construir uma significação para a instauração de determinadas regularidades enunciativas. O axioma funcionará como uma sentença de apoio, como um ponto de partida para uma análise de regularidades no interior de um *corpus* cuja unidade de análise se configura pelo recorte de enunciados operadores de discursividade.

A conceituação do axioma discursivo foi formulada no âmbito dos estudos em AD no Brasil por Figueira (2007). Para o autor

O status de um axioma discursivo consiste em sua existência material (não-empírica) no nível da memória discursiva. Tal existência permite que o axioma discursivo seja repetível, isto é, que seja retomado em infinitas reformulações possíveis ao longo dos processos enunciativos que se inscrevem no devir histórico. (FIGUEIRA, 2007, p.59)

O axioma discursivo consiste em um enunciado que é determinado a partir de várias sequências discursivas nas quais percebemos uma regularidade. Dessa forma, o axioma é formulado após uma prévia análise de regularidades em um *corpus* e, por terem existência na memória discursiva, permitem a estabilização de certos espaços de configuração de sentidos. Tais espaços, por conseguinte, vão revelar posicionamentos no interior das formações ideológicas.

O caráter de repetibilidade do axioma faz com que ele se enquadre no que Pêcheux denominou de “espaços de reformulação-paráfrases”, ou seja, as formações discursivas. Assim sendo, a configuração discursiva da formação discursiva que predomina no *corpus* da presente investigação é revelada pelos axiomas discursivos. O axioma funcionará, então, como um enunciado revelador daquilo que “pode e deve ser compreendido” dos artigos em estudo. Para essa pesquisa, o dispositivo analítico axiomático funcionará como uma ferramenta de natureza filosófico-pragmática entre regularidades percebidas no *corpus* (artigos da Folha Universal) colocadas sob o crivo da rede conceitual da AD – interdiscurso, formação discursiva, forma-sujeito, memória discursiva, entre outros conceitos que integralizam os postulados pecheutianos.

Desse modo, o axioma discursivo, sob o ponto de vista metodológico, será tomado como um enunciado representante de um efeito de enunciação, que tem a função de delinear uma dada manifestação discursiva, almejando o vislumbre da inscrição em um posicionamento ideologicamente marcado.

Além disso, o dispositivo axiomático pode funcionar como um enunciado-operador do funcionamento dos atravessamentos interdiscursivos. Portanto, durante o levantamento dos axiomas, as análises serão fundamentadas mediante o suporte conceitual apresentado ao longo do arcabouço teórico. Para que possamos vislumbrar o funcionamento do dispositivo axiomático na presente pesquisa, sigamos às análises onde o dispositivo metodológico colocado em funcionamento.

Ao serem construídos, os axiomas discursivos são acompanhados por matrizes discursivas. As matrizes são constituídas com o objetivo de mapear as ocorrências de regularidades discursivas, apresentadas pelos axiomas. A construção matricial é tomada como um mapeamento de ocorrências de regularidades que organiza a conjuntura discursiva de uma dada enunciação.

A matriz é um dispositivo de organização dos registros da materialidade linguística, com a função de mapear os dados e organizá-lo de acordo com os comportamentos enunciativos percebidos. É a partir das matrizes que emergem os procedimentos para a análise das particularidades e efeitos da conjuntura enunciativa em estudo.

2.3. Configuração e regularidades dos depoimentos

Nesta seção apresentamos percepções acerca da configuração dos depoimentos (macro-instância de análise), recortando enunciados do *corpus* que corroborem com as proposições construídas a partir do diagnóstico das condições de produção dos depoimentos da Folha Universal. Expomos também os primeiros axioma discursivo e matriz, dispositivos metodológicos do presente estudo.

Uma característica habitual das igrejas evangélicas são os testemunhos. Com o desígnio evangelizador, a maior parte dessas igrejas oferece um espaço para que a instância-sujeito fiel deponha, relatando as transformações em sua vida após a conversão. Trata-se de um espaço utilizado, tradicionalmente, por ex-endividados, ex-viciados, ex-doentes, ex-depressivos, ex-bandidos que relatam como tiveram suas vidas mudadas após o ingresso na igreja evangélica.

A seção da Folha Universal “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel” é composta por depoimentos de fiéis da Igreja Universal. Ao principiarmos a leitura dos testemunhos da Folha Universal, percebemos a discursivização de problemas enfrentados pela instância-sujeito empresário em sua historicidade pessoal, anteriores à instauração da forma-sujeito dizimista fiel. Entre os obstáculos pessoais mais descritos estão algumas doenças, os vícios e, principalmente, dívidas e instabilidade financeira em diversos tipos de ramos empresariais. São academias, escolas, padarias entre outras:

(T09/SD01¹⁴) quando chegou à Igreja Universal do Reino de Deus, era viciado em álcool, drogas e estava separado da esposa;

(T10/SD02) Meu nome ficou negativo junto aos órgãos de proteção ao crédito e eu fiquei numa situação bastante delicada.

As doenças – crises convulsivas, depressão, intolerância à lactose, síndrome do pânico, infertilidade, tentativa de suicídio – e os vícios – drogas e álcool – funcionam como mecanismos discursivos que argumentam a favor da fidelização ao dízimo.

(T11/SD03) João Batista de Barros Filho, 39, chegou à *Igreja Universal do Reino de Deus* com depressão, insônia e viciado em bebidas alcoólicas.

Não ser fiel ao dízimo é possibilitar que as forças malignas exerçam controle na vida das instâncias-sujeito empresário por meio do acometimento de tais mazelas. Ao se tornarem dizimistas-fiéis, as doenças e vícios são curados e substituídos por sucesso financeiro e empresarial.

(T06/SD04) Tenho casa própria, não sou mais depressiva e tenho certeza de que tudo isso só foi conquistado e estabelecido porque me tornei dizimista fiel

(T12/SD05) O casal acredita que o dízimo abriu as portas e impediu o mal de chegar à família, já que, hoje, o filho, que era doente, está completamente saudável.

(T12/SD06) Jane, que para os médicos não podia mais ter filhos, deu à luz outra criança.

(T13/SD07) Depois do milagre da cura, descobri que existia um espírito devorador que consumia nosso dinheiro através daquela doença.

A discursividade econômico-capitalista começa a determinar a configuração da FD dominante nos textos, uma vez que os enunciados que demonstram as dificuldades que não são de ordem financeira, como as doenças e os vícios, funcionam como enunciados que asseveram a condição financeira degradante em que se encontra a instância-sujeito

¹⁴ A numeração (T09/SD01) adotada como notação para os fragmentos analisados corresponde a (Texto 09/Sequência discursiva 01). O mesmo critério será utilizado para a referência às demais sequências discursivas recortadas.

empresário. Com o “apelo discursivo” das mazelas, a instabilidade financeira adquire o *status* de problema-mor nos depoimentos da Folha Universal.

Para Bakhtin (2006), a palavra é a arena de confronto de valores sociais contraditórios. Nos artigos da Folha Universal esse embate também ocorre por meio do apagamento à denominação de “pai”, “marido”, “mãe” ou outras atribuições sociais que não sejam relacionadas às atividades empresariais desenvolvidas pelos fiéis. O embate ideológico entre o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista promove uma denominação recorrente dos fiéis, sendo que, nos depoimentos, a referência aos depoentes é feita mediante o emprego dos signos “empresário” e “comerciante”. O espaço de embate ideológico instaurado entre o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista eleva o signo linguístico “empresário” ou “comerciante” em detrimento do próprio nome de registro do fiel. Nesse ínterim estabelecemos o primeiro axioma discursivo.

AXIOMA 01: O embate ideológico entre os discursos religioso e econômico-capitalista na Folha Universal promove um silenciamento das demais denominações sociais dos fiéis da IURD, uma vez que, nos depoimentos, todos são referenciados como empresários, comerciantes ou proprietários de empresas.

Para que visualizemos tal inferência nos depoimentos, expomos a primeira matriz composta por excertos dos depoimentos que remetem ao proposto pelo axioma:

Matriz 01: Denominação Instância-sujeito empresário	
Artigo 01 “Estava praticamente falida” ¹⁵	A empresária e advogada Gardênia de Fátima Figueiredo, 26 anos, conta que sempre trabalhou muito para alcançar o sucesso profissional.
Artigo 02 Empresária já morou nas ruas	“Empresária já morou nas ruas”
Artigo 03	Solange agora tem carro, casa e uma loja de perfumes importados no Centro de Itaipava.

¹⁵ Alguns dos títulos dos depoimentos estão entre aspas por estarem assim representados no jornal. Além disso, as aspas representam os dizeres que teriam sido ditos pelos próprios fiéis, diferentes dos demais títulos que são enunciados construídos pelos redatores da Folha Universal.

“Minha situação era lastimável”	
Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás	O empresário Adélio Garcia da Silva, 60 anos, perseverou e obteve, enfim a prosperidade que tanto buscou no decorrer de sua vida.
Artigo 05 Volta por cima através da fidelidade a Deus	Deus me direcionou em tudo, até no modo de administrar a minha escola, que agora é estruturada e foi ampliada. Itália emprega 14 funcionários, adquiriu um carro zero e as dívidas foram completamente quitadas.
Artigo 06 “Só usava roupas usadas, hoje sou dona de uma loja”	Antes eu precisava usar roupas doadas pelas pessoas, hoje sou dona de uma loja de vestuário feminino. Também abri uma confecção, vendo minha própria marca.
Artigo 07 “Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”	Hoje, os investimentos na agência são muito maiores, porém o Senhor Jesus não deixa coisa alguma me faltar. Antes, eu tinha que procurar pelos clientes. Atualmente, acontece o contrário. Vários entram em contato conosco.
Artigo 08 Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária	“Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária”
Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel	Como as bênçãos não param para quem é fiel, o empresário continua contando o que Deus tem feito em sua vida.
Artigo 10 De funcionário a dono do próprio	“De funcionário a dono do próprio negócio”
Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso	“Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso”
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	Problemas financeiros e de saúde rondavam os empresários Jane Pereira dos Santos, 26, e Fábio dos Passos Severino, 28.
Artigo 13 “Ser dizimista é tudo para mim”	“Passamos fome para comprar o medicamento que era muito caro” – relembra a empresária Cristina Meurer Ferreira Melo, 39 anos.

Se a língua é o espaço de manifestação das relações de sentido que refletem uma luta de caráter ideológico, a enunciação constitui-se como o espaço para os embates ideológicos de caráter linguísticos. Assim, a seleção das palavras que “devem ser ditas” – empresário ao invés de “Fulano de Tal”, por exemplo – é um dos indícios que revelam a dominância do discurso econômico-capitalista sobre o discurso religioso.

Não se trata de um pai ou uma mãe sofrendo de problemas diversos. Trata-se de empresários e comerciantes com dificuldades financeiras. E a nomeação que se reporta, regularmente, à discursividade empresarial começa a demonstrar qual será o foco discursivo dos depoimentos. Denominar as instâncias-sujeito como empresários ou comerciantes é uma forma de enunciar qual a configuração social do fiel que está depondo nos artigos da Folha Universal. A seção não inclui depoimentos de empregados subordinados, encarregados ou domésticas. Trata-se de proprietários que, ainda que tenham passado por situações difíceis em suas empresas, ocupam posições sociais de patrões. Mesmo que tenhamos enunciados em alteridade discursiva como:

(T13/SD08) “Passamos fome para comprar o medicamento que era muito caro” – relembra a empresária Cristina Meurer Ferreira Melo,

A instância-sujeito é continuamente o patrão, aquele que emprega e que lucra com a empresa. Se a língua é o espaço de manifestação das relações de sentido que refletem uma luta de caráter ideológico, a enunciação constitui-se como o espaço para os embates ideológicos de caráter linguísticos. Assim, a seleção das palavras que “devem ser ditas” – “o empresário” ou “o patrão” ao invés de “Fulano de Tal”, por exemplo – é um dos indícios que revela a dominância do discurso econômico-capitalista sobre o discurso religioso.

Outra distinção particular de algumas igrejas evangélicas, como a Igreja Universal, é pregarem o embate do bem contra o mal, ou seja, de Deus contra o Diabo. Ao descreverem os problemas de vida, os fiéis costumam atribuir as suas desgraças à imagem do demônio:

(T05/SD09) Hoje sei que haviam forças malignas dispostas a me derrubar em todas as áreas.

Atribuir os problemas a forças malignas auxilia na construção de uma significação na qual o fiel é um ser “fraco”, à mercê do bem e/ou do mal. O Diabo é tomado como o causador

das doenças e da falta de dinheiro. E para livrar-se dele o caminho é se fidelizar ao dízimo. Dessa forma, enunciar que o dinheiro é de Deus e que o fiel deve devolvê-lo em forma de dízimo, também significa enunciar “pague o dízimo para se afastar do Diabo”. Por isso o dízimo, nos depoimentos, é tomado como devolução e não como doação:

(T05/SD10) Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu.

Construir discursivamente uma memória que traz o dízimo como uma devolução do que Deus emprestou é afirmar que “ser fiel ao dízimo” não é bondade, e sim obrigação bíblica do fiel:

(T04/SD11) é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra;

(T07/SD12) – No momento em que o pastor começou a explicar sobre o dízimo, descrito em Malaquias 3.10, entendi que, por meio dele, Deus repreende o devorador e se faz prosperar que é fiel.

Após a descrição de todas as mazelas sofridas, os depoimentos enunciam o contato inicial que a forma-sujeito tem com a Igreja Universal:

(T03/SD13) Sem perspectiva, através de uma cunhada, ela conheceu a Igreja Universal;

(T12/SD14) Observando a mãe, que freqüentava a Igreja Universal, Jane resolveu conhecê-la.

O contato inicial com a IURD é o acontecimento causativo que desencadeia a interdiscursividade com o discurso religioso haja vista que fatores discursivos, como, por exemplo, as instâncias-sujeito serem empresários ou comerciantes e seus depoimentos enfatizarem os problemas financeiros, demonstram a presença do discurso econômico-capitalista na anterioridade histórica de todas as formas-sujeito investigadas.

(T01/SD15) O pouco dinheiro que ganhava só dava para pagar contas.

(T05/SD16) Passei por muitas atribulações e acabei endividada.

(T08/SD17) Quando tomamos ciência do desfalque, tivemos de arcar com uma dívida altíssima

Dessa forma, o primeiro contato com a Igreja Universal é o acontecimento que instaura o atravessamento do discurso religioso no processo discursivo instaurado pelos depoimentos. Antes as instâncias-sujeito eram “empresários endividados e doentes”. Ao enunciarem do lugar discursivo da IURD, passam a figurarem como fiéis de uma igreja, inscritos no discurso religioso cristão e no discurso bíblico.

(T13/SD18) Segundo ela, a sua situação financeira chegou ao ponto de depender de familiares. Só conseguiu ficar livre do problema quando conheceu a Igreja Universal e tornou-se dizimista fiel.

É no instante em que o fiel entra para a igreja que fica mais evidente a luta ideológica entre o religioso e econômico-capitalista. O embate ideológico entre o discurso religioso e o econômico-capitalista na Folha Universal promove um apagamento da realidade econômica dos fiéis da IURD, uma vez que, nos depoimentos, todos são sempre nomeados de empresários:

(T02/SD19) Empresária já morou nas ruas.

Podemos considerar tal apagamento como um fator relevante na sobreposição do discurso econômico-capitalista no religioso, no interior da FD dominante nessas enunciações. São enfocados somente aqueles fiéis que compartilham do lugar discursivo empresarial.

Mas a filiação à Igreja Universal não é o bastante para que o “empresário fiel” alcance o sucesso em seus empreendimentos. Ser fiel ao dízimo é, sobretudo, condição determinante para a guinada financeira:

(T08/SD20) Ao chegar à Igreja Universal, libertei-me da depressão. Contudo, minha situação financeira e profissional continuava ruim. A transformação só ocorreu de verdade quando me tornei dizimista fiel.

Só após se tornar uma dizimista fiel é que a forma-sujeito entra no momento de posterioridade histórica¹⁶. É nesse momento que o mercado religioso começa a “dar lucro”. O investimento do “empresário fiel”, o dízimo, gera frutos bons:

(T01/SD21) Ela conta que quitou todas as dívidas, as vendas triplicaram ao ponto de ter que ampliar a loja. – Hoje sou muito abençoada em todas as áreas, principalmente na financeira. Sei que tudo isso foi possível porque eu sou dizimista fiel.

O momento de posterioridade histórica é marcado pelo alcance das melhorias de vida da forma-sujeito. Entretanto, esse fiel não pode simplesmente superar a historicidade anterior (problemas financeiros) e deixar de pagar o dízimo. Assim, os depoimentos da Folha Universal aparentam, inicialmente, serem destinados somente a fiéis que não são dizimistas ou a novos adeptos da IURD. No entanto, existe um tipo de destinatário que fica opacizado, ocultado. O dizimista fiel que deve continuar sempre um dizimista fiel:

(T09/SD22) Apesar das conquistas, Édson continua sendo fiel através do dízimo.

Ao final dos depoimentos, a enunciação revela que o acontecimento que faz surgir a forma-sujeito dizimista fiel é um “despertar” de um momento de obscuridade na vida desses fiéis:

(T02/SD23) os meus olhos se abriram e passei a usar a fé que havia em mim – diz.

Ser dizimista fiel é merecer que Deus supra suas necessidades materiais:

¹⁶ A divisão da historicidade enunciativa da forma-sujeito em “momentos” será explanada na próxima seção deste capítulo.

(T06/SD24) Tenho casa própria, não sou mais depressiva e tenho certeza de que tudo isso só foi conquistado e estabelecido porque me tornei dizimista fiel – conclui.

E, mediante a explanação do processo discursivo desencadeado pelos depoimentos, um dos efeitos de sentido que deve ser enfatizado é que a forma-sujeito dizimista fiel só conseguiu alcançar todas as conquistas porque é fiel a Deus através do dízimo:

(T10/SD25) se não fosse a fidelidade a Deus, jamais chegaríamos aonde estamos, tão pouco teríamos a certeza de que muito mais ainda Ele fará! – conclui João Roberto.

Nessa seção do capítulo dois desenvolvemos uma descrição acerca da percepção analítica que esta investigação tem do *corpus*. Os subitens que seguem demonstram a utilização do dispositivo axiomático, acompanhados das análises propostas.

2.4. A rotina enunciativa dos depoimentos

2.4.1 – A anterioridade histórica da instância-sujeito empresário

Como mencionamos anteriormente, a seção que selecionamos para estudo denomina-se “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel”. O próprio título articula-se como um enunciado operador de uma discursividade que denota a maneira que a forma-sujeito fiel deve lidar com a questão do dízimo. O título deixa como um sentido possível o fiel poder cobrar de Deus as recompensas pelo pagamento do dízimo. Como uma forma de convencer e evangelizar novos fiéis dizimistas, o título da seção já afirma que Deus “não vai/não deve” se esquecer de recompensar os fiéis dizimistas, recompensa essa relacionada, nos artigos em estudo, a bens materiais.

No entanto, o título da seção denomina tais fiéis de “dizimista fiel” e não “fiel dizimista.” Em nenhum dos artigos os fiéis são tratados por fiéis dizimistas. Ainda que as

duas expressões possam se confundir, quando dizemos “fiel dizimista”, sugere-se um sujeito que, além de ser fiel, também colabora com o dízimo à igreja. Já a expressão “dizimista fiel” é imbuída de certa ambiguidade, uma vez que o sentido de fidelidade pode estar relacionado à condição do sujeito perante a igreja ou à condição do sujeito perante o dízimo. Logo, “dizimista fiel” provoca um efeito de alguém que é fiel ao pagamento do dízimo e não um fiel que é também dizimista.

Ao lermos os depoimentos em estudo, observamos uma regularidade enunciativa que é coincidente nos textos selecionados. A instância-sujeito que se apresenta nos artigos da Folha Universal sofre deslocamentos de lugar discursivo que são tanto de ordem religiosa (ou não era fiel da IURD, ou não acreditava em Deus, ou não pagava dízimo), como de ordem histórica (a vida antes do dízimo, a vida após o pagamento do dízimo). Por isso, na micro-análise que se segue, nos propomos a dividir os depoimentos dos fiéis em três momentos enunciativos¹⁷ (denominados de “anterioridade histórica”, “acontecimento causativo” e “posterioridade histórica”) que são coincidentes nos artigos que compõem o *corpus* de investigação. A divisão de momentos enunciativos não significa que os três momentos estejam visualmente separados um do outro, nem que uma dada sequência discursiva não possa ser atribuída a mais de um momento enunciativo. Afirmamos isso porque é impensável acreditar ser possível fragmentar a discursividade com fronteiras bem delineadas.

Nomeamos o primeiro momento enunciativo de “anterioridade histórica”. Trata-se dos enunciados que descrevem como a forma-sujeito levava sua vida antes de participar da Igreja Universal do Reino de Deus. Neste momento enunciativo são colocados ainda os dizeres que refletem como era a situação de vida da forma-sujeito antes de se fidelizar ao pagamento do

¹⁷ Quando em uma dada manifestação discursiva se puder perceber diferentes configurações enunciativas, discerníveis, na maioria das vezes, pelas regularidades que as atravessam, cada conjunto enunciativo será tomado como um “momento enunciativo”. Nos artigos da Folha Universal, por exemplo, percebemos três momentos enunciativos, uma vez que cada momento tem suas especificidades em relação às regularidades e sua configuração.

dízimo. Os excertos demonstram regularmente o ambiente de problemas e desgraças em que vivia o fiel:

(T10/SD26) – O dinheiro não dava para nada, pois da forma que entrava saía.

(T12/SD27) Nossa vida era difícil.

Aqui propomos o segundo axioma discursivo:

AXIOMA 02: Os artigos da seção “Ó Deus não se esqueça que eu sou dizimista fiel” iniciam descrevendo os problemas (doenças, vícios e dívidas) atravessados pelos fiéis.

Para melhor compreendermos a divisão dos depoimentos em momentos, construímos uma matriz para cada um deles. Cada matriz é composta por excertos dos treze artigos do *corpus*. Vejamos a matriz que organiza os excertos que se adéquam à “anterioridade histórica” das instâncias-sujeito empresários:

Matriz 02: Anterioridade histórica da instância-sujeito empresário	
Artigo 01 “Estava praticamente falida”	A empresária e advogada Gardênia de Fátima Figueiredo, 26 anos, conta que sempre trabalhou muito para alcançar o sucesso profissional. Após muito esforço, abriu uma loja de calçados e acessórios, porém não obteve resultados satisfatórios. O pouco dinheiro que ganhava só dava para pagar contas. – Fechei a loja três vezes. Fiquei desesperada porque as dívidas foram se acumulando. Estava praticamente falida – lembra.
Artigo 02 Empresária já morou nas ruas	A comerciante Vilma Castro de Oliveira Cordeiro, 56 anos, chegou à <i>Igreja Universal do Reino de Deus</i> totalmente sem esperanças. Ela conta que perdera tudo o que havia construído em 11 anos de trabalho: casa, carro e empresa. – O pior foi perder a confiança nas pessoas e em mim. Eu não acreditava em mais nada. Sentia-me realmente um caso perdido – afirma. Nesse período acabou indo morar nas ruas e durante dois anos viveu em condições precárias com os dois filhos. – Eu dormia em calçadas e em bancos de praça. Fui muito humilhada, passava fome – lembra. Vilma era o retrato da desolação. Vivia angustiada, principalmente porque não via perspectivas de uma vida digna para os filhos.
Artigo 03 “Minha situação era lastimável”	Tentando uma nova oportunidade de vida, Solange Ramos, 39 anos, saiu de Três Rios, Centro-Sul fluminense do Rio de Janeiro, e veio morar na capital carioca com a expectativa de dias melhores. O sonho até se realizou, mas ela conta que conquistou emprego, estabilidade e, de uma hora para outra,

	<p>perdeu tudo. – Conquistei um excelente emprego em uma loja de perfumes importados. Ganhava muito bem, tinha conforto, mas, de repente, fiquei sem nada. Minha situação era lastimável – relata. Trabalhando muito e sem obter resultados satisfatórios, Solange chegou ao extremo de morar de favor. – Fui morar com minha sogra. Trabalhei em vários lugares diferentes, porém meu salário mal dava para me sustentar – afirma.</p>
<p>Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás</p>	<p>O empresário Adélio Garcia da Silva, 60 anos, perseverou e obteve, enfim a prosperidade que tanto buscou no decorrer de sua vida. – Comecei a trabalhar aos 15 anos como alfaiate. Aos 20 me casei e, pouco depois, consegui meu próprio negócio. A partir daí, enveredei por vários ramos comerciais. Já perdi supermercado, fábrica de roupas e loja de tecidos – lembra. Há pouco mais de quatro anos ele adquiriu a Impacto, loja de acessórios automotivos, com as últimas economias que tinha. Em dificuldades financeiras e atormentado por ser avalista de uma pessoa com dívidas, Adélio não sabia como investir mais em seu comércio. O estoque estava quase vazio. – As vendas caíram muito. Precisava vender, mas não tinha peças.</p>
<p>Artigo 05 Volta por cima através da fidelidade a Deus</p>	<p>Itália Di Credico, 40 anos, biomédica, passou por muitas dificuldades, apesar de ser uma pessoa muito determinada. Teve poucas oportunidades em sua área e lutou muito para se firmar tanto profissional quanto financeiramente. Ao tornar-se dizimista-fiel, sua vida deu uma guinada. – Tive uma loja de roupas mais a vendi e comprei uma escola. Passei por muitas atribulações e acabei endividada. Hoje sei que haviam forças malignas dispostas a me derrubar em todas as áreas – relembra. Itália conta que passou por necessidades extremas, mas jamais desistiu de crer que Deus reverteria sua situação. – Tentaram me destruir por completo. Sofri muitas humilhações, fiquei endividada. Até a escola era vítima de difamação – recorda.</p>
<p>Artigo 06 “Só usava roupas usadas, hoje sou dona de uma loja”</p>	<p>Nascida na Bahia, de origem humilde, Ivete Assunção Gentile, 47 anos morou durante muito tempo com os pais e mais nove irmãos no interior do Estado e nesse ambiente vivenciou uma história de muita pobreza. (...) - Tive uma vida difícil, passei muita fome e sem ter esperança para acabar com todo aquele sofrimento, vim morar no Rio de Janeiro. Estava disposta a ajudar meus pais a sair daquela miséria – relembra. Ivete conta que passou muito tempo sem ter um local certo para ficar. – Morei de favor durante anos, mudando-me de casas diversas vezes. Minha vida não mudou depois que cheguei aqui. Apesar de ser muito esforçada e trabalhadora, não via o fruto do meu esforço – relata. Como se não bastassem os problemas econômicos, ela passou a sofrer de depressão profunda.(...) – Eu era tão depressiva que tentei o suicídio três vezes, sentia-me muito humilhada tendo que sempre andar a pé, usando roupas usadas.</p>
<p>Artigo 07 “Em um ano e meio,</p>	<p>Pós-graduado em Análise de Sistemas e com uma agência de automóveis em um excelente bairro do Rio de Janeiro, José</p>

<p>conquistei o que não consegui em 16 anos”</p>	<p>Julião tinha todas as condições de ser um homem bem sucedido. Entretanto, seus empreendimentos iam de mal a pior. – Eu possuía uma empresa, porém ela não prosperava, mesmo com toda a minha experiência de mercado. Era como se o dinheiro evaporasse. Além disso, tinha muitas dúvidas, era inseguro, sentia medo de investir devido às crises econômicas do governo. Achava que o motivo do meu fracasso era o local onde a empresa funcionava – lembra Julião, acrescentando que a dificuldade financeira afetou sua família. – Vivíamos uma situação apertada. Eu não podia garantir qualidade de vida para minha esposa e minhas duas filhas.</p>
<p>Artigo 08 Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresário</p>	<p>Ela lembra que, ao chegar à <i>Igreja Universal</i> há cerca de 10 anos, sua academia estava praticamente falida, e o marido, desempregado. – Sem explicação aparente, a clientela começou a sumir. Tempos depois, descobrimos que o contador, em quem confiávamos totalmente, há não pagava os impostos e obrigações da empresa. Quando tomamos ciência do desfalque, tivemos de arcar com uma dívida altíssima – conta. A empresária diz que, na época, saíra de um quadro depressivo. Porém, a enfermidade se agravou ainda mais com aquela situação. – Sempre que conseguia dormir, logo acordava por conta de pesadelos horríveis. Vivia atormentada – acrescenta</p>
<p>Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel</p>	<p>Édson José da Silva, 42, quando chegou à <i>Igreja Universal do Reino de Deus</i>, era viciado em álcool, drogas e estava separado da esposa. O salário que recebia não supria as necessidades e não havia nenhuma perspectiva de mudança de vida.</p>
<p>Artigo 10 De funcionário a dono do próprio</p>	<p>Durante muitos anos João Roberto Alves de Souza, 33, foi funcionário de grandes empresas e multinacionais, atuando na área de importação e exportação. Chegou a gerente de departamento e, segundo afirma, apesar de o último emprego que teve lhe proporcionar um bom salário, carregava dentro de si o sonho de trabalhar por conta própria. – A instabilidade e a mudança freqüente de emprego acabavam freando o meu progresso e a realização dos meus planos – diz. João conta que, embora tivesse experiência naquilo que fazia, não prosperava. – O dinheiro não dava para nada, pois da forma que entrava saía. As pessoas do meu convívio não entendiam as razões que me faziam financeiramente debilitado – lembra, acrescentando que, com o passar do tempo acabou contraindo dívidas em bancos, o que gerou problemas ainda maiores. – Meu nome ficou negativo junto aos órgãos de proteção ao crédito e eu fiquei numa situação bastante delicada; mal conseguia pagar as contas do mês. Era frustrante.</p>
<p>Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso</p>	<p>João Batista de Barros Filho, 39, chegou à <i>Igreja Universal do Reino de Deus</i> com depressão, insônia e viciado em bebidas alcoólicas. Mas o maior problema que enfrentou foi o financeiro. E mesmo freqüentando o templo, sua vida continuava a mesma.</p>
<p>Artigo 12</p>	<p>Problemas financeiros e de saúde rondavam os empresários Jane Pereira dos Santos, 26, e Fábio dos Passos Severino, 28. O</p>

Obediência modificou a vida do casal	filho do casal nasceu com alergia e intolerância à lactose – incapacidade do organismo de aproveitar o leite e seus derivados – causando sérios problemas intestinais. Os remédios custavam caro e o salário de Fábio, que era mecânico, só dava para os gastos com a criança. O salário de Jane, que era vendedora, mal dava para pagar o aluguel, dependiam de parentes para comer. Nossa vida era difícil. Meu marido trabalhava sete dias por semana e mesmo assim levávamos uma vida complicada – lamentou. (...) Nesta mesma época, o casal ficou desempregado. – Foram os meses mais difíceis da nossa vida. Não tínhamos dinheiro para nada. Faltava tudo em casa.
Artigo 13 “Ser dizimista é tudo para mim”	“O médico disse que a qualquer momento meu filho poderia morrer. Eu não tinha coragem de me afastar dele nem por um minuto. Passamos fome para comprar o medicamento que era muito caro” – relembra a empresária Cristina Meurer Ferreira Melo, 39 anos. Segundo ela, a sua situação financeira chegou ao ponto de depender de familiares. (...) Na realidade, os meus problemas eram causados por causa dos gastos com o remédio do meu filho, que tinha crises convulsivas constantes. Certa vez, uma delas durou 12 horas. Tudo na minha casa começou a quebrar, não tínhamos dinheiro nem para as necessidades básicas – relata.

Ainda que existam relatos de alguns problemas que não sejam de ordem econômica – como doenças, desfragmentação familiar e vícios – os treze excertos que compõem o momento enunciativo “anterioridade histórica” se voltam para a situação financeira da instância-sujeito empresário enquanto foco discursivo. O período de dívidas e de falta de dinheiro é colocado como um momento de grande descontentamento e contrariedade:

(T02/SD28) Eu não acreditava em mais nada. Sentia-me realmente um caso perdido – afirma;

(T03/SD29) Minha situação era lastimável – relata.

Constrói-se, discursivamente, um ambiente enunciativo¹⁸ de desolação e pessimismo, período no qual a instância-sujeito empresário está continuamente em situação de degradação pessoal:

¹⁸ Sob a égide do interdiscurso pecheutiano, concebemos ambiente enunciativo como uma discursividade de ordem patêmica que atravessa e interpela uma dada manifestação discursiva. No primeiro momento enunciativo dos artigos em estudo, por exemplo, configura-se um ambiente enunciativo de depressão, desolação, pessimismo e tristeza.

(T06/SD30) – Eu era tão depressiva que tentei o suicídio três vezes;

(T08/SD31) A empresária diz que, na época, saíra de um quadro depressivo. Porém, a enfermidade se agravou ainda mais com aquela situação.

Apesar de haver dificuldades com doenças e outros tipos de mazelas, a instabilidade financeira é o problema que emerge discursivamente como central:

(T07/SD32) Entretanto, seus empreendimentos iam de mal a pior;

(T11/SD33) Mas o maior problema que enfrentou foi o financeiro.

Nesse sentido, situações como “morar de favor”, “andar a pé” e “usar roupas usadas” são tomadas pela instância-sujeito empresário como situações de grande humilhação:

(T03/SD34) Solange chegou ao extremo de morar de favor;

(T06/SD35) sentia-me muito humilhada tendo que sempre andar a pé, usando roupas usadas.

Os excertos demonstram que a causa ou origem dos problemas, tanto empresariais quanto pessoais, são atribuídos a algo inexplicável ou misterioso (veremos posteriormente que é aludida a figura do demônio):

(T13/SD36) Tudo na minha casa começou a quebrar, não tínhamos dinheiro nem para as necessidades básicas.

Tais enunciados colocam a instância-sujeito empresarial em posição de “passageiro” em sua vida, uma vez que a má gestão empresarial, por exemplo, não é tomada como uma possível causa do desequilíbrio no empreendimento:

(T08/SD37) – Sem explicação aparente, a clientela começou a sumir.

Ao serem descritos todas as dificuldades enfrentadas pela instância-sujeito empresário, a “anterioridade histórica” é o momento em que se constrói o ambiente enunciativo favorável para a instauração do acontecimento discursivo que irá desencadear processos de mudanças que instaurarão discursos-outros.

2.4.2 – O acontecimento causativo e a instauração de discursos-outros

O segundo momento enunciativo é denominado de “acontecimento causativo”. Conceitualmente, o acontecimento enunciativo tem a particularidade de configurar um já-dito como um jamais-dito. Dessa forma, tomamos como “acontecimento causativo” o momento em que a instância-sujeito empresário é interpelada pelo discurso da Igreja Universal e passa a enunciar um já-dito sob a forma de um jamais-dito, já que após essa inscrição emerge uma forma-sujeito dizimista-fiel. Chamamos o acontecimento de causativo porque é a inscrição no discurso da IURD que “causa” a configuração da forma-sujeito dizimista-fiel.

Assim, o momento “acontecimento causativo” compila as sequências discursivas que remetem ao momento em que a instância-sujeito empresário começa a participar da IURD e/ou começar pagar o dízimo regularmente:

(T02/SD38) – Ser dizimista foi o primeiro passo para que as portas pudessem se abrir para mim.

Vejamos a constituição do terceiro axioma, bem como a matriz que organiza os excertos que se adéquam ao momento “acontecimento causativo”:

AXIOMA 03: Após serem enunciadas as dificuldades sofridas pela instância-sujeito empresário, entrar para a IURD e pagar o dízimo é um acontecimento discursivo que desencadeia mudanças.

Acontecimento causativo: encontro com a IURD e fidelização ao dízimo

<p>Artigo 01</p> <p>“Estava praticamente falida”</p>	<p>A vida de Gardênia teve uma mudança a partir do momento que aceitou o convite de sua tia para participar de uma reunião na <i>Igreja Universal</i>. – Comecei a participar da reunião crendo na vitória e me tornei dizimista.</p>
<p>Artigo 02</p> <p>Empresária já morou nas ruas</p>	<p>Um dia, recebeu um convite para ir à <i>Igreja Universal</i>. – Relutei um pouco, pois achava que não daria resultado, porém, ao participar dos propósitos de oração, os meus olhos se abriram e passei a usar a fé que havia em mim – diz. Vilma afirma que aprendeu a importância de ser fiel a Deus através do dízimo. – Ser dizimista foi o primeiro passo para que as portas pudessem se abrir para mim e, aos poucos, Deus foi transformando meu coração e a minha vida – comenta.</p>
<p>Artigo 03</p> <p>“Minha situação era lastimável”</p>	<p>Sem perspectiva, através de uma cunhada, ela conheceu a <i>Igreja Universal</i>. Decidiu assistir a uma reunião e afirma que saiu do local convicta de que sua vida poderia mudar. – A partir daquele momento, decidi que daria ouvidos ao Senhor Jesus. Por meio dos ensinamentos, dia após dia, aprendi que eu não prosperava por ser infiel a Deus. Comecei a devolver o dízimo, que é d’Ele, e vi minha vida “decolar”, tudo começou a dar certo – afirma. Solange faz questão de dizer que precisou lutar muito para alcançar seus objetivos. – As lutas não deixaram de existir, a diferença é que hoje tenho sempre a certeza da vitória porque o Senhor Jesus é comigo e sou fiel a Ele – afirma.</p>
<p>Artigo 04</p> <p>Comerciante próspero em Goiás</p>	<p>Angustiado, fui à <i>Igreja Universal</i> buscar uma solução. Ajoelhava todos os dias em minha loja e clamava a Deus por prosperidade – afirma. Após seis meses frequentando as reuniões da IURD, Adélio compreendeu a importância de ser uma dizimista fiel e sua vida prosperou. – Aprendi que, quando somos fiéis, Ele nos abençoa – atesta.</p>
<p>Artigo 05</p> <p>Volta por cima através da fidelidade a Deus</p>	<p>Ao tornar-se dizimista-fiel, sua vida deu uma guinada. (...) Comecei a frequentar a <i>Igreja Universal</i>. Deus me direcionou em tudo, até no modo de administrar a minha escola, que agora é estruturada e foi ampliada.</p>
<p>Artigo 06</p> <p>“Só usava roupas usadas, hoje sou dona de uma loja”</p>	<p>– Minha vida só mudou quando conheci a <i>Igreja Universal</i> e me tornei dizimista-fiel. (...) Até que um dia vendo todo meu sofrimento, um amigo me convidou para assistir a uma reunião na Igreja e eu aceitei, afinal não agüentava mais sofrer – afirma. Frequentando as reuniões e participando dos propósitos de fé, aprendeu o valor de ser dizimista-fiel.</p>
<p>Artigo 07</p> <p>“Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”</p>	<p>Mas, ao participar de uma reunião na <i>Igreja Universal</i>, teve a oportunidade de ouvir uma pregação sobre esse assunto. – No momento em que o pastor começou a explicar sobre o dízimo, descrito em Malaquias 3.10, entendi que, por meio dele, Deus repreende o devorador e se faz prosperar que é fiel. Quando passei a devolvê-lo, meu lucro aumentou.</p>
<p>Artigo 08</p> <p>Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária</p>	<p>Só quando o pastor me mostrou, na Palavra, que o dízimo é bíblico, compreendi o porquê de não estar prosperando. (...) – Ao chegar à <i>Igreja Universal</i>, libertei-me da depressão. Contudo, minha situação financeira e profissional continuava</p>

	ruim. A transformação só ocorreu de verdade quando me tornei dizimista fiel.
Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel	No entanto, ao conhecer o Senhor Jesus e se tornar um dizimista fiel, sua vida foi reconstruída. (...) - Após muito sofrimento, cheguei à IURD. Ao ouvir a Palavra de Deus e colocar em prática os ensinamentos que tratam do exercício da fé, fui gradativamente alcançando meus objetivos.
Artigo 10 De funcionário a dono do próprio	Foi desta forma que Roberto chegou à <i>Igreja Universal do Reino de Deus</i> , e ao perceber que com a força do braço não chegaria a lugar algum deu novos rumos à sua vida.
Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso	No entanto, tudo melhorou quando começou a ouvir a Palavra de Deus, aprendendo a importância da devolução do dízimo. – obtive a direção do Senhor Jesus e comecei a controlar as minhas finanças. Aprendi a devolver o dízimo e, hoje, tenho duas empresas.
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	Observando a mãe que freqüentava a <i>Igreja Universal</i> , Jane resolveu conhecê-la. – Pegava quatro conduções para chegar ao templo. Fábio não gostava, mas me esforcei em levá-lo. Hoje, graças a Deus, ele também faz parte da IURD – lembrou Jane. Apesar de ir à Igreja, Jane tinha dificuldades em compreender a importância de devolver o dízimo a Deus. (...) Somente quando o casal aprendeu que deveria ser fiel a Deus, é que as bênçãos começaram a ser derramadas e tiveram a vida transformada.
Artigo 13 “Ser dizimista é tudo para mim”	No auge dos problemas, um dia, ao voltar para casa, ela passou em frente a uma Igreja Universal e, por um minuto, lembrou que as pessoas sempre diziam para ela ter fé. – Entrei como um foguete e fui direto à frente do altar. Fui orientada e, através daquele homem de Deus, vi o Senhor Jesus cuidar de mim – admite

É sob o esteio do “acontecimento causativo” que a instância-sujeito empresário se torna um dizimista fiel. O acontecimento discursivo da fidelização à igreja e ao dízimo desencadeia o processo em que a instância-sujeito é tomada por inscrições ideológicas que a tornam uma forma-sujeito dizimista-fiel. A ideologia da Igreja Universal interpela os empresários em fiéis e esses, sempre-já interpelados por uma ideologia cristã e pelas práticas sociais instauradas pela igreja, são revestidos historicamente pela forma-sujeito que denominamos de dizimista-fiel. Como já dissemos no capítulo teórico, ainda que os sujeitos sejam indivíduos interpelados pela Ideologia, não estamos afirmando que haja um processo de transição de indivíduo a sujeito.

Essa forma-sujeito corresponde à inscrição ideológica da instância-sujeito empresário no interior das FDs que refletem as relações intradiscursivas da Igreja Universal com o discurso econômico-capitalista. Para Pêcheux (1997a, p.156), todo indivíduo é um sempre-já sujeito. Assim, todo sujeito é uma sempre-já forma-sujeito. Dessa forma, não estamos afirmando que a instância-sujeito presente nos depoimentos só adquira *status* de forma-sujeito após o acontecimento causativo, e sim que a forma-sujeito com a configuração discursiva “dizimista-fiel” é instaurada após o acontecimento.

Por isso, a partir do contato com a igreja e com o dízimo, as manifestações discursivas da forma-sujeito enunciam e instauram discursos-outros. Os dizeres e fatos relatados que antecedem a instauração do “acontecimento causativo” são tomados pelo acontecimento discursivo: A instância-sujeito começa a participar dos cultos da IURD e se fideliza ao pagamento do dízimo.

(T06/SD39) – Minha vida só mudou quando conheci a Igreja Universal e me tornei dizimista-fiel.

O acontecimento instaura um processo de mudança na vida da forma-sujeito dizimista fiel:

(T01/SD40) A vida de Gardênia teve uma mudança a partir do momento que aceitou o convite de sua tia para participar de uma reunião na Igreja Universal.

Descobrir o caminho para a Igreja Universal é o primeiro passo para que as mudanças comecem.

(T09/SD41) - Após muito sofrimento, cheguei à IURD.

Todavia participar da comunidade religiosa da IURD não é o suficiente para que os problemas sofridos pela forma-sujeito dizimista fiel desapareçam. Mais do que ser da Igreja

Universal, o fiel deve compreender, por meio da fé e dos ensinamentos da igreja, a relevância do pagamento do dízimo. Diante dessa regularidade discursiva construímos o próximo axioma:

AXIOMA 04: A filiação à Igreja Universal não é o suficiente para que o sujeito discursivo fiel alcance o sucesso em seus empreendimentos. A condição determinante da guinada financeira é a fidelização ao pagamento do dízimo.

Matriz 03: A fidelidade ao dízimo transcende a fidelidade a Igreja	
Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás	Após seis meses freqüentando as reuniões da IURD, Adélio compreendeu a importância de ser uma dizimista fiel e sua vida prosperou.
Artigo 08 Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária	Estava na Igreja há algum tempo, mas ainda não compreendia a importância de ser fiel ao Senhor Jesus nos dízimos. Só quando o pastor me mostrou, na Palavra, que o dízimo é bíblico, compreendi o porquê de não estar prosperando. Ao chegar à Igreja Universal, libertei-me da depressão. Contudo, minha situação financeira e profissional continuava ruim. A transformação só ocorreu de verdade quando me tornei dizimista fiel.
Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel	Após muito sofrimento, cheguei à IURD. Ao ouvir a Palavra de Deus e colocar em prática os ensinamentos que tratam do exercício da fé, fui gradativamente alcançando meus objetivos. É claro que, antes de tudo, tive um encontro com Deus. Então, libertei-me do mal, tornei-me dizimista fiel, e batizei-me nas águas.
Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso	E mesmo freqüentando o templo, sua vida continuava a mesma. No entanto, tudo melhorou quando começou a ouvir a Palavra de Deus, aprendendo a importância da devolução do dízimo.
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	Apesar de ir à igreja, Jane tinha dificuldades em compreender a importância de devolver o dízimo a Deus. Nesta mesma época, o casal ficou desempregado. – Foram os meses mais difíceis da nossa vida. Não tínhamos dinheiro para nada. Faltava tudo em casa. Somente quando o casal aprendeu que deveria ser fiel a Deus, é que as bênçãos começaram a ser derramadas e tiveram a vida transformada.

Somente se filiar à IURD não é o discurso “que deve ser dito”. No espaço de reformulação-paráfrase da FD, instaurada pelos depoimentos dos fiéis, é necessário ser fiel ao dízimo para que os problemas sejam resolvidos. Nos excertos supracitados percebemos que apesar de participarem dos cultos, a instância-sujeito empresário só se realiza quando é instaurada a forma-sujeito dizimista fiel. Os dizeres demonstram que a fidelidade ao dízimo transcende até mesmo a fidelidade à Igreja, no entanto quem recebe as providências do dízimo também é a Igreja.

2.4.3 – O discurso religioso como mascaramento da captação através do dízimo

Até a instauração do acontecimento que desencadeia a fidelização da instância-sujeito empresário ao dízimo, as manifestações discursivas não haviam sido atravessadas pela discursividade religiosa. Não concordamos em dizer que o simples fato da Folha Universal ser de propriedade da IURD resulte em um discurso essencialmente religioso.

Os depoimentos, durante a “anterioridade histórica”, refletem a manifestação de diversos discursos em diálogo, como o empresarial, o econômico-capitalista, o discurso do sofrimento, entre outros. A interdiscursividade religiosa atravessa o processo discursivo a partir do momento em que a instância-sujeito empresário entra para a Igreja Universal:

(T02/SD42) ao participar dos propósitos de oração, os meus olhos se abriram e passei a usar a fé que havia em mim.

É o atravessamento do discurso religioso no momento do acontecimento causativo que gera uma variação na constituição da FD dominante. O discurso do sofrimento é atravessado pelo discurso religioso, abrindo portas ao discurso econômico-capitalista. Mas não devemos conceber o discurso econômico-capitalista como uma resultante dos processos

interdiscursivos instaurados nos textos. O discurso econômico-capitalista é o discurso dominante do “todo complexo” que emerge dos depoimentos da Folha Universal.

Enquanto discursividade dominante, o econômico-capitalista dialoga com o discurso religioso para que o posicionamento ideológico capitalista seja travestido como o discurso da religião. As formações ideológicas que constituem o pensamento cristão-evangélico são crivadas para que a captação de dinheiro por meio do dízimo possa significar um preceito religioso. A partir disso o dízimo passa a ser colocado como uma devolução a Deus, uma prova de fidelidade.

2.4.4 – O dízimo enquanto devolução a Deus e prova de fidelidade

Em decorrência do acontecimento que desencadeia a conversão da instância-sujeito empresário à Igreja Universal, a captação do dízimo ganha *status* de devolução. O ideário é que a forma-sujeito dizimista-fiel, por ser fiel a Deus, é agraciada com todos os bens adquiridos. Dessa forma, é uma questão de fidelidade devolver 10% a Deus.

Dáí emerge o seguinte axioma discursivo, bem como a matriz que organiza os excertos adequados ao proposto pelo axioma:

AXIOMA 05: O dízimo é tomado, discursivamente, como uma devolução do que Deus emprestou, dessa forma pagá-lo é uma obrigação asseverada pelo discurso bíblico.

Matriz 04: O dízimo enquanto devolução a Deus	
Artigo 03 “Minha situação era lastimável”	Comecei a devolver o dízimo, que é d’Ele, e vi minha vida “decolar”.
Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás	é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra.
Artigo 05	Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu.

Volta por cima através da fidelidade a Deus	
Artigo 07 “Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”	– No momento em que o pastor começou a explicar sobre o dízimo, descrito em Malaquias 3.10, entendi que, por meio dele, Deus repreende o devorador e se faz prosperar que é fiel. Quando passei a devolvê-lo, meu lucro aumentou. Em um ano e meio que estou na IURD, conquistei o que não consegui em 16 anos na minha empresa – ressalta.
Artigo 08 Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária	Só quando o pastor me mostrou, na Palavra, que o dízimo é bíblico, compreendi o porquê de não estar prosperando.
Artigo 11 A resposta não tarda para quem é fiel	Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso. (...) No entanto, tudo melhorou quando começou a ouvir a Palavra de Deus, aprendendo a importância da devolução do dízimo. (...) Aprendi a devolver o dízimo e, hoje, tenho duas empresas.
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	Apesar de ir à igreja, Jane tinha dificuldades em compreender a importância de devolver o dízimo a Deus.

Pregar o dízimo como uma devolução denota que se deve entregar de volta aquilo que já é de Deus:

(T05/SD43) Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu.

Não há nos artigos da Folha Universal alguma menção que revele o destino da captação do dízimo referindo-se a recursos que são destinados à igreja. Silencia-se o destino da arrecadação como se Deus estivesse realmente captando o dinheiro do dízimo.

Para que a cobrança do dízimo seja atrelada à figura de Deus, o discurso bíblico é tomado como autoridade incontestável:

(T04/SD44) é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra.

No entanto, as referências bíblicas que a Igreja Universal utiliza para referendar o dízimo se encontram, na maioria das vezes, no Antigo Testamento. São leituras utilizadas de forma descontextualizada¹⁹, uma vez que o Antigo Testamento é composto por livros que antecedem o cristianismo e suas igrejas.

Outro mecanismo discursivo que busca assegurar a captação da igreja por meio do dízimo é a referência à figura do demônio como causador das desgraças humanas. Aqui propomos os seguintes axioma e matriz de excertos:

AXIOMA 06: Devido ao embate de Deus contra o Diabo, característica das igrejas neopentecostais, os dizeres dos fiéis atribuem suas desgraças à imagem do demônio. Assim, pagar o dízimo também significa “se afastar do Diabo”.

Matriz 05: O embate entre Deus e o Diabo	
Artigo 05 Volta por cima através da fidelidade a Deus	Hoje sei que haviam forças malignas dispostas a me derrubar em todas as áreas. O devorador não entra mais em minha vida, pois sou dizimista-fiel.
Artigo 07 “Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”	No momento em que o pastor começou a explicar sobre o dízimo, descrito em Malaquias 3.10, entendi que, por meio dele, Deus repreende o devorador e se faz prosperar que é fiel.
Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel	Então, libertei-me do mal, tornei-me dizimista fiel, e batizei-me nas águas.
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	O casal acredita que o dízimo abriu as portas e impediu o mal de chegar à família, já que, hoje, o filho, que era doente, está completamente saudável.
Artigo 13 “Ser dizimista é tudo para mim”	Depois do milagre da cura, descobri que existia um espírito devorador que consumia nosso dinheiro através daquela doença.

¹⁹ Reportemos à leitura clássica de Malaquias 3.10, explicitada no capítulo de introdução (O dízimo, Malaquias e as igrejas cristãs) como a mais utilizada pelas igrejas evangélicas que objetivam a captação do dízimo assegurando-se no discurso bíblico.

Quando a forma-sujeito dizimista fiel atribui ao demônio tudo aquilo de maléfico que lhe acontece, os problemas humanos, como dívidas ou doenças, ganham status transcendental e não podem ser resolvidos por eles mesmos. Ao se atribuir a gênese dos problemas ao demônio, também se assegura que o único capacitado a resolvê-los é Deus. Entretanto, segundo os artigos da Folha Universal, não existe fidelidade a Deus sem o pagamento do dízimo. Tira-se a causa e a resolução dos problemas do plano humano para que o dízimo seja uma espécie de “pagamento de resgate”, uma vez que o homem é tomado, nessa configuração ideológica, como refém, um ser manipulável, uma marionete que nem é causador de seus problemas e nem é capaz de solucioná-los.

Tomado por “o devorador”, “a força maligna”, o “mal”, a figura do demônio é responsável inclusive pelos gastos financeiros da instância-sujeito empresário:

(T13/SD45) descobri que existia um espírito devorador que consumia nosso dinheiro.

E é a fidelidade a Deus que possibilita à repreensão do divino perante o demônio, bem como a libertação do fiel.

No entanto, a fidelidade a Deus não se prova unicamente com a fé:

(T08/SD46) Estava na Igreja há algum tempo, mas ainda não compreendia a importância de ser fiel ao Senhor Jesus nos dízimos.

(T11/SD47) E mesmo freqüentando o templo, sua vida continuava a mesma.

A prova de fidelidade é assegurada somente a fidelização ao dízimo. Os signos “dízimo” e “Deus” passam a ocupar a mesma instância-sentidural, dialogam em relação sinonímica quando a fidelidade está em pauta, nos artigos da Folha Universal:

(T01/SD48) Sei que tudo isso foi possível porque eu sou dizimista fiel.

Tanto no título da seção em análise como no decorrer dos depoimentos, os enunciados “ser fiel” e “fidelidade” apresentam ocorrências repetitivas. Afinal, a igreja não deseja apenas dizimistas, mas dizimistas fiéis, que cumpram regularmente com suas obrigações de dizimista. E, ao analisarmos os depoimentos dos fiéis, percebemos que, quando temos esses dois enunciados relacionados com o enunciado “Deus”, ou seja, “fidelidade a Deus” e “fiel a Deus”, ocorre um deslocamento de sentido em decorrência da interdiscursividade econômico-capitalista. “Ser fiel a Deus” tem, nos textos da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel”, o mesmo sentido de “ser fiel ao dízimo”. Chamamos de deslocamento de sentido por uma questão de adequação discursiva. No entanto, podemos perceber que existe uma possível “alteridade proposital”, um imbricamento sentidural entre os enunciados “ser fiel a Deus” e “ser fiel ao dízimo”.

Tal deslocamento/imbricamento de sentidos edifica a imagem da igreja enquanto um empreendimento mercadológico. Levantamos a figura de um mercado religioso no qual, em troca da fidelidade ao dízimo (chamado em alguns momentos de Deus), a forma-sujeito dizimista-fiel poderá desfrutar das vantagens do produto que comprou.

Mediante a instauração desse deslocamento de sentido como uma regularidade enunciativa, estabelecemos o seguinte axioma discursivo.

AXIOMA 07: Nos textos da seção “Ó Deus, não se esqueça que eu sou dizimista fiel”, o enunciado “ser fiel a Deus” ou “fidelidade a Deus” têm sentidos imbricados com os enunciados “ser fiel ao dízimo” ou “fidelidade ao dízimo”.

Para demonstrarmos as ocorrências do deslocamento/imbricamento de sentidos proposto pelo axioma, expomos abaixo uma matriz com excertos dos depoimentos da Folha Universal.

Matriz 06: “Ser fiel a Deus” e “ser fiel ao dízimo: sentidos imbricados	
Artigo 02 Empresária já morou nas ruas	- A fidelidade a Deus nos dízimos e nas ofertas faz as janelas dos céus se abrirem e Deus derrama bênçãos sem medida em nossas vidas. Não abro mão de ser uma dizimista fiel .

<p>Artigo 03</p> <p>“Minha situação era lastimável”</p>	<p>- Por meio dos ensinamentos, dia após dia, aprendi que eu não prosperava por ser infiel a Deus. Comecei a devolver o dízimo, que é d’Ele, e vi minha vida “decolar”, tudo começou a dar certo – afirma.</p>
<p>Artigo 04</p> <p>Comerciante próspero em Goiás</p>	<p>Após seis meses freqüentando as reuniões da IURD, Adélio compreendeu a importância de ser uma dizimista fiel e sua vida prosperou. (...) – Para ter sucesso na vida financeira, é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra – garante Adélio.</p>
<p>Artigo 05</p> <p>Volta por cima através da fidelidade a Deus</p>	<p>- O devorador não entra mais em minha vida, pois sou dizimista fiel. Aprendi que Deus não precisa do nosso dinheiro, mas da nossa fidelidade. Precisamos ser fiéis no pouco e no muito. Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu – finaliza ela.</p>
<p>Artigo 10</p> <p>De funcionário a dono do próprio</p>	<p>– Aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo, ou seja, se almejamos prosperar e desfrutar de uma vida abençoada em todos os sentidos, temos de ser fiéis a Deus, o que hoje faz toda diferença em minha vida. (...) Embora esteja a apenas um ano em atividade, ele frisa que as conquistas se tornaram reais após ter se tornado dizimista fiel. (...) O crescimento é evidente, mais se não fosse a fidelidade a Deus, jamais chegaríamos aonde estamos, tão pouco teríamos a certeza de que muito mais ainda Ele fará!</p>
<p>Artigo 12</p> <p>Obediência modificou a vida do casal</p>	<p>Somente quando o casal aprendeu que deveria ser fiel a Deus, é que as bênçãos começaram a ser derramadas e tiveram a vida transformada. (...) De empregado eu passei a ser patrão. Uma grande bênção – concluiu Fábio, que reconhece a importância de ser dizimista fiel.</p>
<p>Artigo 13</p> <p>“Ser dizimista é tudo para mim”</p>	<p>Tudo isso é fruto da minha fidelidade a Deus através do dízimo. Ser dizimista é tudo para mim porque sei que se for fiel a Deus, é certo que Ele também o será – conclui a empresária;</p>

Portanto, a recorrência de tal deslocamento de sentido revela uma das facetas do atravessamento interdiscursivo econômico-capitalista. Tanto que o “produto” vendido pela empresa/igreja não é (não é mais ou nunca foi?) a prosperidade espiritual, e sim a possibilidade de sucesso financeiro, produto mais cobiçado no sistema capitalista, já que o sucesso financeiro é, segundo o que percebemos nos textos em estudo, conquistado mediante à fidelização do pagamento do dízimo, “ser fiel a Deus” imbrica-se com “ser fiel ao dízimo”. Após o sentido do enunciado “fidelidade a Deus” deslocar-se para “fidelidade ao dízimo”, tais

dizeres passam a figurar como sinônimos possíveis no interior de um diálogo entre a discursividade religiosa e a econômico-capitalista.

Ao aludirmos o pensamento de Pêcheux (1997a) quando afirma que os “sentidos” vão depender da tomada de posição dos sujeitos, podemos afirmar que, no interior da FD dominante dos depoimentos, o sentido de “ser fiel a Deus” implica, necessariamente, “ser fiel ao dízimo”. O discurso religioso – principalmente o discurso bíblico – é tomado como construção ideológica para se atingir um objetivo. Convencer os fiéis a pagar o dízimo atestando sua validade através do discurso bíblico.

Nos artigos do jornal, a cobrança do dízimo é tomada como uma compulsão da forma-sujeito dizimista-fiel, uma vez que todo o patrimônio conquistado (ou reconquistado) só foi possível devido a sua fidelidade a Deus, fidelidade ao dízimo.

2.4.5 – A posterioridade histórica da forma-sujeito dizimista-fiel

“Posterioridade histórica” é a designação que atribuímos ao terceiro momento enunciativo configurado como uma regularidade nos artigos da Folha Universal. Fazem parte deste momento os excertos dos depoimentos que enunciam as transformações e conquistas da forma-sujeito dizimista-fiel, historicamente posteriores à fidelização ao pagamento do dízimo para a Igreja Universal:

(T07/SD49) Nos dias atuais, bem-sucedido, José Julião, de 42 anos, mora com sua família na Barra da Tijuca, uma das áreas nobres do Rio de Janeiro.

Dessa aspiração analítica decorre o próximo axioma discursivo e sua matriz de excertos:

AXIOMA 08: *Posteriormente ao acontecimento causativo que desencadeia o processo de instauração da forma-sujeito dizimista-fiel, são enunciadas as transformações e conquistas que decorrem da fidelidade ao dízimo.*

Matriz 07: Posterioridade Histórica: Transformações da forma-sujeito dizimista-fiel	
Artigo 01 “Estava praticamente falida”	Mesmo surgindo barreiras em meu caminho para que eu desanimasse, perseverei e, com determinação, venci – relata Gardênia. Ela conta que quitou todas as dívidas, as vendas triplicaram ao ponto de ter que ampliar a loja. – Hoje sou muito abençoada em todas as áreas, principalmente na financeira. Sei que tudo isso foi possível porque eu sou dizimista fiel. Me formei em Direito e na primeira tentativa passei na prova da OAB – conclui.
Artigo 02 Empresária já morou nas ruas	Em pouco tempo conseguiu sair da rua; mas tarde casou-se novamente. – Conquistamos nossa loja de presentes, carro e casa. Além de meus dois filhos biológicos tenho mais sete adotivos. Não nos falta nada. A fidelidade a Deus nos dízimos e nas ofertas faz as janelas dos céus se abrirem e Deus derrama bênçãos sem medida em nossas vidas. Não abro mão de ser uma dizimista fiel – conclui.
Artigo 03 “Minha situação era lastimável”	Por meio dos ensinamentos, dia após dia, aprendi que eu não prosperava por ser infiel a Deus. Comecei a devolver o dízimo, que é d’Ele, e vi minha vida “decolar”, tudo começou a dar certo – afirma. (...) Solange agora tem carro, casa e uma loja de perfumes importados no Centro de Itaipava. – Para mim, fidelidade é tudo, sem isso não conseguimos progredir – conclui.
Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás	Hoje Adélio é um homem próspero. Além da Impacto Peças e Acessórios Automotivos, conquistou mais uma loja – a Máster Car Acessórios. – Para ter sucesso na vida financeira, é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra – garante Adélio.
Artigo 05 Volta por cima através da fidelidade a Deus	Itália emprega 14 funcionários, adquiriu um carro zero e as dívidas foram completamente quitadas. – Hoje a Escola Líder é respeitada, uma referência no bairro (Jardim Guanabara). Todos os funcionários e o corpo docente foram contratados com a direção do Senhor Jesus. O devorador não entra mais em minha vida, pois sou dizimista-fiel. Aprendi que Deus não precisa do nosso dinheiro, mas da nossa fidelidade. Precisamos ser fiéis no pouco e no muito. Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu – finaliza ela.
Artigo 06	– Deus supriu todas as minhas necessidades. Antes eu

<p>“Só usava roupas usadas, hoje sou dona de uma loja”</p>	<p>precisava usar roupas doadas pelas pessoas, hoje sou dona de uma loja de vestuário feminino. Também abri uma confecção, vendo minha própria marca. Tenho casa própria, não sou mais depressiva e tenho certeza de que tudo isso só foi conquistado e estabelecido porque me tornei dizimista fiel – conclui.</p>
<p>Artigo 07</p> <p>“Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”</p>	<p>Em um ano e meio que estou na IURD, conquistei o que não consegui em 16 anos na minha empresa – ressalta. (...) – Hoje, os investimentos na agência são muito maiores, porém o Senhor Jesus não deixa coisa alguma me faltar. Antes, eu tinha que procurar pelos clientes. Atualmente, acontece o contrário. Vários entram em contato conosco. Houve uma época em que só tínhamos três carros. Agora, a loja está cheia de veículos. Está comprovado que o dízimo é de Deus, pois as promessas d’Ele têm se cumprido na minha vida – comprova. Nos dias atuais, bem-sucedido, José Julião, de 42 anos, mora com sua família na Barra da Tijuca, uma das áreas nobres do Rio de Janeiro. – A minha filha mais nova é obreira da <i>Igreja Universal</i>. A outra passou no vestibular para Medicina e minha esposa está completamente liberta da síndrome do pânico – testemunha.</p>
<p>Artigo 08</p> <p>Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária</p>	<p>Hoje, a academia de Maria do Socorro está situada em uma movimentada praça da Zona Norte de São Paulo e possui diversos equipamentos. – Aos poucos, quitamos as dívidas e, rapidamente, nossa clientela dobrou. Meu marido hoje é proprietário de uma representação comercial e de dois prédios – conclui.</p>
<p>Artigo 09</p> <p>A resposta não tarda para quem é fiel</p>	<p>Apesar das conquistas, Édson continua sendo fiel através do dízimo. – Como Deus é fiel, a resposta não tarda. (...) O Senhor Jesus colocou em minhas mãos uma empresa no ramo em que eu trabalhava: ou seja, uma madeireira num excelente ponto, com maquinário e uma vasta clientela. Larguei o meu trabalho e tomei posse da bênção – declarou. Como as bênçãos não param para quem é fiel, o empresário continua contando o que Deus tem feito em sua vida. – Ele colocou em minha frente uma pessoa que abasteceu a loja com tudo o que eu precisava, e eu poderia pagar da forma que quisesse. Hoje tenho quatro funcionários registrados, um carro zero km e estou terminando de construir uma bela casa.</p>
<p>Artigo 10</p> <p>De funcionário a dono do próprio</p>	<p>– Aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo, ou seja, se almejamos prosperar e desfrutar de uma vida abençoada em todos os sentidos, temos de ser fieis a Deus, o que hoje faz toda diferença em minha vida.(...) Roberto afirma que conseguiu pagar as dívidas e ainda conquistou a própria empresa, na mesma área em que sempre atuou. Embora esteja a apenas um ano em atividade, ele frisa que as conquistas se tornaram reais após ter se tornado dizimista fiel. – Os clientes</p>

	<p>se multiplicaram, novas conquistas aconteceram;(…) Minha esposa e eu não passamos mais por nenhuma privação, compramos o que queremos, inclusive já adquirimos nosso apartamento, na cidade de Santos, litoral de São Paulo, onde vivemos com conforto e prosperidade. Deus tem nos proporcionado condições de obter tudo quanto almeja o nosso coração – finaliza. Roberto salienta que a empresa também possui representante em diversas cidades do Brasil e do exterior, como Argentina e Uruguai. – O crescimento é evidente, mais se não fosse a fidelidade a Deus, jamais chegaríamos aonde estamos, tão pouco teríamos a certeza de que muito mais ainda Ele fará! – conclui João Roberto.</p>
<p>Artigo 11</p> <p>Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso</p>	<p>As duas empresas dele são a Atrus Informática e a Flag Comércio e Representações Ltda. – Também comprei um carro modelo Honda Civic e tenho uma bela casa num bairro nobre da capital. Fui curado da depressão, dos vícios e sou feliz. O dízimo é a nossa primícia para Deus. Além disso, Ele nos abençoa abundantemente – conclui o empresário.</p>
<p>Artigo 12</p> <p>Obediência modificou a vida do casal</p>	<p>Hoje, eles possuem uma oficina mecânica com 2500m². Fábio tornou-se especialista em reparo e manutenção de veículos importados, tem 11 funcionários, convênio com concessionárias e uma grande carteira de clientes. O casal acredita que o dízimo abriu as portas e impediu o mal de chegar à família, já que, hoje, o filho, que era doente, está completamente saudável. Jane, que para os médicos não podia mais ter filhos, deu à luz outra criança. – Minha vida mudou da água para o vinho. De empregado eu passei a ser patrão. Uma grande bênção – concluiu Fábio, que reconhece a importância de ser dizimista fiel.</p>
<p>Artigo 13</p> <p>“Ser dizimista é tudo para mim”</p>	<p>Gradualmente, a tristeza e a dor foram dando lugar à fé e à perseverança e, em pouco tempo, seu filho foi curado. – Depois do milagre da cura, descobri que existia um espírito devorador que consumia nosso dinheiro através daquela doença. Foi então que aprendi sobre a importância e me tornei fiel a Deus – afirma. Hoje próspera, Cristina diz que não lhe falta nada, ao contrário, é muito bem-sucedida nos negócios. – Tenho um restaurante de dois andares com pizzaria, padaria e confeitaria, além de um salão de festas, na Zona Sul. Tudo isso é fruto da minha fidelidade a Deus através do dízimo. Ser dizimista é tudo para mim porque sei que se for fiel a Deus, é certo que Ele também o será – conclui a empresária.</p>

É no momento enunciativo “posterioridade histórica” que as transformações na historicidade da forma-sujeito dizimista-fiel são enunciadas. Os excertos enunciam um

sentimento de perseverança e fé, tomados pela forma-sujeito como indispensáveis ao alcance da prosperidade pessoal:

(T01/SD50) Mesmo surgindo barreiras em meu caminho para que eu desanimasse, perseverei e, com determinação, venci – relata Gardênia.

(T13/SD51) Gradualmente, a tristeza e a dor foram dando lugar à fé e à perseverança e, em pouco tempo, seu filho foi curado.

As mudanças que decorrem com o acontecimento causativo – ser fiel da Igreja Universal e ser fiel ao dízimo – e que instauram a forma-sujeito funcionam como o devir-motor que não só desencadeia, mas aperfeiçoa e dinamiza o processo de transformação:

(T02/SD52) Em pouco tempo conseguiu sair da rua; mas tarde casou-se novamente.

Mas a enunciação das modificações no estilo de vida da forma-sujeito busca silenciar em grande parte os problemas que não são de ordem financeira, haja vista que os excertos da “posterioridade histórica” funcionam como uma enumeração de bens materiais, acompanhada de relatos sobre o aumento do poder aquisitivo empresarial da forma-sujeito:

(T03/SD53) Solange agora tem carro, casa e uma loja de perfumes importados no Centro de Itaipava;

(T08/SD54) Meu marido hoje é proprietário de uma representação comercial e de dois prédios – conclui;

(T10/SD55) Minha esposa e eu não passamos mais por nenhuma privação, compramos o que queremos, inclusive já adquirimos nosso apartamento, na cidade de Santos, litoral de São Paulo;

(T11/SD56) Também comprei um carro modelo Honda Civic e tenho uma bela casa num bairro nobre da capital.

São casas em bairros nobres, carros de luxo e, principalmente, empresas que, após a fidelização ao dízimo, estão em franco crescimento:

(T07/SD57) Houve uma época em que só tínhamos três carros. Agora, a loja está cheia de veículos;

(T10/SD58) Os clientes se multiplicaram, novas conquistas aconteceram.

O discurso econômico-capitalista está presente no decorrer dos excertos da “posterioridade histórica” da forma-sujeito dizimista-fiel, representado, essencialmente, pela sobreposição do enfoque discursivo dos bens em relação às melhorias de ordem pessoal/espiritual – as doenças, depressões e os vícios. Porém, o diálogo interdiscursivo com o discurso religioso bíblico configura a FD dominante do processo discursivo, instaurado pelos depoimentos, de forma que Deus é tomado como a instância responsável por gerenciar todas as mudanças na historicidade da forma-sujeito dizimista-fiel:

(T05/SD59) Todos os funcionários e o corpo docente foram contratados com a direção do Senhor Jesus;

(T06/SD60) – Deus supriu todas as minhas necessidades. Antes eu precisava usar roupas doadas pelas pessoas, hoje sou dona de uma loja de vestuário feminino.

A figura do divino ganha efeito de sentido que o coloca numa posição de empreendedorismo transcendental, Deus como o “Grande Gestor” que norteia a forma-sujeito para o caminho do sucesso empresarial:

(T07/SD61) Hoje, os investimentos na agência são muito maiores, porém o Senhor Jesus não deixa coisa alguma me faltar;

(T09/SD62) O Senhor Jesus colocou em minhas mãos uma empresa no ramo em que eu trabalhava.

No entanto, quando recordamos o processo de contraposição de sentidos que ocorre entre a figura de Deus e do dízimo, afirmamos que é a fidelização ao pagamento do dízimo que possibilita o sucesso empresarial. Como mencionado anteriormente, apenas ser fiel a Deus e não pagar o dízimo não é o bastante para que as melhorias se tornem visíveis. A fidelidade ao dízimo é que possibilita à forma-sujeito uma vida abençoada:

(T10/SD63) Aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo, ou seja, se almejamos prosperar e desfrutar de uma vida abençoada em todos os sentidos, temos de ser fieis a Deus;

(T13/SD64) Tudo isso é fruto da minha fidelidade a Deus através do dízimo.

Em vários excertos encontramos o enunciado “fidelidade a Deus através do dízimo”. Mas o diálogo interdiscursivo entre o discurso econômico-capitalista e o religioso provoca o efeito de sentido “fidelidade ao dízimo através de Deus”, ou seja, a imagem de Deus é tomada como um discurso que certifica a autenticidade da cobrança do dízimo.

Os depoimentos da Folha Universal configuram um discurso em que a fidelidade ao dízimo é causadora das melhorias na condição financeira do fiel. Mas tal fidelidade deve se perdurar após todas as transformações, emergindo como uma forma de gratidão a “Deus” e garantias de que virão mais frutos da fidelidade ao dízimo:

(T10/SD65) se não fosse a fidelidade a Deus, jamais chegaríamos aonde estamos, tão pouco teríamos a certeza de que muito mais ainda Ele fará!;

(T13/SD66) Ser dizimista é tudo para mim porque sei que se for fiel a Deus, é certo que Ele também o será.

Por isso, não se pode deixar de pagar o dízimo após todos os problemas desaparecerem:

(T09/SD67) Apesar das conquistas, Édson continua sendo fiel através do dízimo.

A fidelidade ao dízimo é garantia de que os problemas não retornarão, de que mais dádivas surgirão e de que Deus não castigará o fiel por ingratidão.

O embate discursivo travado entre o discurso econômico-capitalista e o religioso é dissimulado por um pretense discurso essencialmente religioso, uma vez que os depoimentos da Folha Universal utilizam do discurso que emana dos dizeres bíblicos judaicos para assegurar a cobrança do dízimo aos cristãos da Igreja Universal.

Reportemos a Pêcheux (1997a, p.215):

O interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos “em plena liberdade”. (destaque do autor)

A configuração que o interdiscurso determina no processo discursivo em estudo faz com que as FDs em diálogo emanem sentidos que colocam a cobrança do dízimo como algo religiosamente atestado e como a única forma de ascendência financeira. Esse efeito de sentido, ainda que possua uma constitutividade contraditória (tomar o discurso do Antigo Testamento como um pré-construído da ideologia cristã), é tomado como um sentido “transparente” pelas instâncias-sujeito que estão inseridas no *continuum* de FDs em diálogo. Daí o dízimo ser tomado nos dizeres da forma-sujeito dizimista-fiel como algo a ser oferecido a Deus como forma de devolução:

(T11/SD68) O dízimo é a nossa primícia para Deus. Além disso, Ele nos abençoa abundantemente – conclui o empresário.

Com a fragmentação enunciativa dos depoimentos em três momentos – anterioridade histórica, acontecimento causativo e posterioridade histórica – reafirmamos o deslocamento sofrido pela instância-sujeito. Na anterioridade histórica, a instância-sujeito empresário enuncia do lugar discursivo de “empresário em dificuldades financeiras e pessoais”. No acontecimento causativo, a instância-sujeito empresário se desloca para uma forma-sujeito dizimista-fiel, ocupando o lugar discursivo de “empresário, fiel da Igreja Universal e dizimista”. Na posterioridade histórica, a forma-sujeito dizimista-fiel ocupa o lugar discursivo de “empresário bem-sucedido e dizimista-fiel”.

Fundamentado na divisão dos momentos enunciativos e em consonância com a rotina enunciativa que emerge dos treze textos que compõem o *corpus*, propomos um axioma-síntese que conclui a categorização desses momentos. Escolhemos ainda um dos depoimentos para demonstrarmos por meio de uma matriz os três momentos enunciativos.

Axioma 09: *A instância-sujeito, em um primeiro momento, apresenta uma situação de vida conturbada (dívidas, vícios, doenças). Posteriormente filia-se à Igreja Universal e se torna um dizimista. Esse acontecimento instaura uma forma-sujeito dizimista-fiel e os problemas da anterioridade histórica são substituídos por uma renovação pessoal com sucesso financeiro.*

Matriz 08: Momentos da rotina enunciativa			
Artigo	Anterioridade histórica da instância-sujeito empresário	Acontecimento causativo	Posterioridade histórica da forma-sujeito dizimista-fiel
Artigo 01 “Estava praticamente falida”	A empresária e advogada Gardênia de Fátima Figueiredo, 26 anos, conta que sempre trabalhou muito para alcançar o sucesso profissional. Após muito esforço, abriu uma loja de calçados e acessórios, porém não obteve resultados satisfatórios. O pouco dinheiro que ganhava só dava para pagar contas. – Fechei a loja três vezes. Fiquei desesperada porque as dívidas foram se acumulando. Estava praticamente falida – lembra.	A vida de Gardênia teve uma mudança a partir do momento que aceitou o convite de sua tia para participar de uma reunião na <i>Igreja Universal</i> . – Comecei a participar da reunião crendo na vitória e me tornei dizimista.	Mesmo surgindo barreiras em meu caminho para que eu desanimasse, perseverei e, com determinação, venci – relata Gardênia. Ela conta que quitou todas as dívidas, as vendas triplicaram ao ponto de ter que ampliar a loja. – Hoje sou muito abençoada em todas as áreas, principalmente na financeira. Sei que tudo isso foi possível porque eu sou dizimista fiel. Me formei em Direito e na primeira tentativa passei na prova da OAB – conclui.

A rotina enunciativa revelada pelos axiomas antecedentes demonstra que, por mais que a instância-sujeito empresário possua uma configuração singular em cada um dos depoimentos, ou seja, tenha diferentes denominações, problemas, ocupem lugares discursivos e sociais diferenciados, a configuração discursiva dos artigos em estudo faz emergir uma forma-sujeito dizimista-fiel coincidente nos treze textos investigados. O desenho “bem demarcado” da forma-sujeito que emerge na Folha Universal tem um papel determinante nos

efeitos de enunciação que emanam dos textos, uma vez que o jornal pretende cristalizar o esboço de um fiel que deve ocupar necessariamente a posição de dizimista no interior do lugar discursivo da Igreja Universal.

2.4.6 As fotografias do jornal: operadoras de uma memória discursiva

Nas análises empreendidas nos depoimentos que compõem o *corpus* dessa investigação, vimos que, ao enunciar sobre as mudanças ocorridas em sua historicidade pessoal, a forma-sujeito dizimista-fiel (outrora instância-sujeito empresário) dá enfoque às melhorias e conquistas financeiras que, segundo seu testemunho, foram adquiridas graças à fidelização ao dízimo. Tais depoimentos são acompanhados de fotografias que enfatizam a forma-sujeito dizimista-fiel no momento de posterioridade histórica, ou seja, a forma-sujeito é sempre retratada em meio a seus bens recém-adquiridos – com ressalva das imagens em que se retratam unicamente os bens.

Por meio da regularidade enunciativa que emerge das fotografias que acompanham os depoimentos, construímos o próximo axioma discursivo:

AXIOMA 10: As fotografias que acompanham os depoimentos dos fiéis da IURD ilustram somente a forma-sujeito dizimista-fiel em seu momento enunciativo de “posterioridade histórica”. Dessa forma, as imagens revelam apenas os bens materiais adquiridos pelo fiel.

Para demonstrarmos a regularidade que endossa a proposição desse axioma, construímos uma matriz que descreve as fotografias que acompanham os treze depoimentos em estudo²⁰:

Matriz 09: Descrição das fotografias

²⁰ Por questões de direitos autorais, optamos por descrever as fotografias ao invés de utilizá-las.

<p>Artigo 01</p> <p>Estava praticamente falida</p>	<p>São três fotografias. A primeira revela o sujeito dizimista-fiel sorridente, vestido com um terno tradicionalmente usado por mulheres de negócios. A segunda e a terceira imagem estampam duas perspectivas diferentes da empresa do sujeito dizimista-fiel, sendo que as prateleiras da loja de presentes estão todas repletas de produtos diversos.</p>
<p>Artigo 02</p> <p>Empresária já morou nas ruas</p>	<p>Apenas uma imagem. Traz o sujeito dizimista-fiel sorrindo, vestido com uma roupa elegante, em frente aos produtos que estão à venda em sua empresa de presentes.</p>
<p>Artigo 03</p> <p>Minha situação era lastimável</p>	<p>São três fotografias. A primeira revela o interior da loja de perfumes da forma-sujeito dizimista-fiel, repleta de diversos produtos de qualidade, segundo a informação do rodapé da imagem. A imagem seguinte demonstra a fachada da empresa bem iluminada e com informes que indicam a aceitação de todos os cartões de crédito. A terceira demonstra forma-sujeito dizimista-fiel vestida com um terno tradicionalmente usado por mulheres de negócios.</p>
<p>Artigo 04</p> <p>Comerciante próspero em Goiás</p>	<p>São duas fotografias. A primeira retrata a forma-sujeito dizimista-fiel atrás do balcão de sua empresa de acessórios automotivos e, ao seu lado, os diversos funcionários da loja. A segunda imagem traz a fachada da loja com diversos produtos expostos e os adesivos de aceitação de todos os cartões de crédito.</p>
<p>Artigo 05</p> <p>Volta por cima através da fidelidade a Deus</p>	<p>São duas fotografias. A primeira traz uma exposição panorâmica da escola de propriedade da forma-sujeito dizimista-fiel, um imóvel extenso e localizado em uma esquina. A imagem seguinte apresenta a forma-sujeito dizimista-fiel em frente ao <i>playground</i> de sua escola que tem muitos brinquedos, sendo que há 15 crianças brincando e uma professora cuidando das mesmas.</p>
<p>Artigo 06</p> <p>Só usava roupas doadas, hoje sou dona de uma loja</p>	<p>São duas fotografias. A primeira imagem demonstra a forma-sujeito dizimista-fiel em meio aos diversos vestidos que estão a venda em sua empresa. A imagem seguinte apresenta o grande estoque de roupas que a loja possui a venda.</p>
<p>Artigo 07</p> <p>Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos</p>	<p>São duas fotografias. A primeira demonstra a forma-sujeito dizimista-fiel vestida com roupas sociais (camisa de manga longa e calça social) em frente a sua loja de veículos. Ao fundo da imagem estão estacionados três carros novos e um informativo que diz “compro seu carro”. Na imagem seguinte a forma-sujeito dizimista-fiel encontra-se no interior da loja com cada uma das mãos no capô de dois carros considerados sedans de luxo.</p>
<p>Artigo 08</p>	<p>São duas fotografias. A primeira revela, com amplitude, o</p>

<p>Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária</p>	<p>interior da academia de ginástica da forma-sujeito dizimista-fiel, com dezenas de equipamentos novos. A imagem seguinte demonstra a forma-sujeito dizimista-fiel vestida com roupas de ginástica, encostado em uma prateleira onde estão dispostos diversos equipamentos de musculação.</p>
<p>Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel</p>	<p>São duas fotografias. A primeira imagem apresenta a forma-sujeito dizimista-fiel vestida com roupas estilo “esporte fino” encostado em seu veículo Ford Ecosport. A segunda imagem revela a fachada da madeireira da forma-sujeito dizimista-fiel com uma faixa indicando que se aceita todos os cartões de crédito e, em frente, o Ford Ecosport está estacionado.</p>
<p>Artigo 10 De funcionário a dono do próprio negócio</p>	<p>São duas fotografias. A primeira revela a forma-sujeito dizimista-fiel como um rapaz jovem, no interior de sua empresa de importação e exportação, vestido de camisa e gravata, em um escritório amplo ao lado de um computador de última geração. A segunda é uma imagem da forma-sujeito dizimista-fiel e sua esposa que, segundo os padrões atuais de beleza, é uma linda mulher.</p>
<p>Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso</p>	<p>São duas fotografias. A primeira apresenta a forma-sujeito dizimista-fiel vestida de forma social (camisa e calça social), em frente ao seu carro modelo Honda Civic e a sua casa que, para os padrões de construção, é um imóvel de luxo. A imagem seguinte revela a forma-sujeito dizimista-fiel em frente a uma de suas empresas de informática e, estacionado na rua, um carro destinado somente a entrega de matérias de informática e assistência técnica a domicílio.</p>
<p>Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal</p>	<p>São duas fotografias. A primeira imagem revela a fachada da empresa de serviços em automóveis nacionais e importados da forma-sujeito dizimista-fiel, sendo que, ao fundo, existem diversos carros de clientes e uma faixa indicando que se aceita todos os cartões de crédito. Na segunda imagem se encontra a forma-sujeito dizimista-fiel e sua esposa, sendo que ele está vestido com o uniforme de sua empresa que traz os logotipos da Toyota e da BMW, empresas de carros importados.</p>

<p>Artigo 13</p> <p>Ser dizimista é tudo para mim</p>	<p>São três fotografias. A primeira apresenta a fachada do restaurante da forma-sujeito dizimista-fiel. Trata-se de um sobrado de dois andares que abriga o restaurante, uma pizzaria e uma padaria com confeitaria. A imagem seguinte apresenta a forma-sujeito dizimista-fiel ao lado da grande variedade de pratos salgados e doces servidos no estilo “self service”. A terceira imagem revela a parte da empresa destinada a panificação e confeitaria, com diversos funcionários e clientes.</p>
---	--

Dessemelhante aos depoimentos dos fiéis, as fotografias revelam somente os bens materiais adquiridos pelos mesmos. São bens móveis – veículos; Bens permanentes – casas, apartamentos, academias, escolas, madeireiras, revendedora de veículos, importadora, lojas de presentes; Bens de consumo – roupas, acessórios, relógios. Atravessadas pelo discurso econômico-capitalista, as fotografias operam uma memória discursiva que objetiva asseverar os efeitos que emergem dos depoimentos, sentidos que enunciam “pague o dízimo e Deus lhe recompensará”.

Uma vez que, segundo a tipologia textual, os depoimentos se enquadram no texto jornalístico, podemos considerar o atravessamento do discurso publicitário como um diálogo possível na memória construída pelas fotografias. Uma publicidade discursiva que demonstra a configuração enunciativa das instâncias-sujeito que enunciam a partir da FD dominante nos depoimentos, uma publicidade que pinça no imaginário do leitor do jornal (forma-sujeito dizimista-fiel em potencial) quais as “recompensas” de ser um dizimista-fiel da Igreja Universal.

As fotografias auxiliam no processo de silenciamento dos problemas – vícios, dívidas, doenças – que a instância-sujeito empresário sofre na “anterioridade histórica”, haja vista que operam a construção de uma memória social na qual o único grande problema é a falta de dinheiro. As imagens operam uma memória de caráter capitalista no interior do discurso

religioso transversal da Folha Universal, reforçando a ideia de que ser fiel ao dízimo é condição indispensável para ascensão social.

Mas a memória não é responsável apenas por reforçar o “já-dito” que emerge dos depoimentos. Uma imagem como a fotografia pode denotar efeitos que, implicitamente, denegam o discurso já-dito. Isso porque evidenciar os bens adquiridos após a fidelização ao dízimo é um “objetivo” velado da Folha Universal. O jornal “pretende” enunciar – levando em consideração uma supérflua interpretação textual dos depoimentos – como Deus recompensa quem lhe é fiel por meio do dízimo. Porém, a análise discursiva desvela sentidos-outras, e as fotografias dos depoimentos restabelecem sentidos “implícitos”, elas fazem emergir o discurso empresarial e marqueteiro da Igreja Universal.

Propomos que tais fotografias funcionam como enunciados não-verbais operadores de uma memória discursiva que atua, simultaneamente, reforçando o já-dito e instaurando discursos-outras. Uma das designações da memória discursiva é estabelecer os discursos “implícitos” para a construção de uma memória social. Dessa forma, o discurso implícito elementar que é desvendado do discurso da Folha Universal é a discursividade econômico-capitalista que emana dos depoimentos como discurso dominante.

As imagens que são retratadas nas fotografias mostram os fiéis em roupas com estilo tradicional de empresários de sucesso, usando relógios que se destacam pela suntuosidade, em frente a seus carros de luxo e perante seus empreendimentos de sucesso. As imagens funcionam como asseveradores da interdiscursividade econômico-capitalista e empresarial que emerge como discursos hierarquicamente privilegiados no interior da FD instaurada pelos depoimentos.

As imagens dos artigos da Folha Universal dialogam com as fotografias tradicionais de premiação de bingos e loterias, retratando o “ganhador” que denota felicidade em meio aos

prêmios “sorteados”. Um sorteio que utiliza o discurso religioso e a igreja como “empresa lotérica” e o dízimo como “bilhete premiado”.

As fotografias da Folha Universal, enquanto representações imagéticas acopladas à enunciação religioso-capitalista, são grandes portadores de discursividade no interior dessa análise discursiva, uma vez que constroem uma memória discursiva como um espaço de alteridade. Se de um lado as fotografias reforçam “já-ditos” e discursos estabilizados por meio das análises que empreendemos dos depoimentos, de outro elas denegam os discursos pré-construídos da igreja e fazem emergir efeitos que contradizem os sentidos dissimulados pela FD que denota o discurso da Igreja Universal.

Produzida sob o crivo do interdiscurso, o lugar da memória nos depoimentos da Folha Universal é de um espaço de alteridade entre os discursos pré-construídos e os discursos-transversos, uma vez que as fotografias são representantes ambivalentes dos deslocamentos de sentido provocados pela discursividade de uma inscrição enunciativa no dízimo enquanto um amuleto para prosperidade.

2.4.7 As notas de rodapé das fotografias

Para as análises empreendidas, as notas de rodapé das fotografias foram tomadas como portadoras de discursividade. Algumas fotografias trazem uma nota como forma de explicação do que está sendo ilustrado ou como alguma informação sobressalente. Assim, desenvolvemos uma breve análise das notas, considerando que esses dizeres têm relevância para a presente análise discursiva. Para tanto, propomos o último axioma discursivo:

AXIOMA 11: As notas de rodapé das fotografias são enunciados que denotam o diálogo interdiscursivo do discurso religioso-capitalista empreendido que emerge das formações ideológicas que se inscreve a Igreja Universal.

Matriz 10: O rodapé das fotografias	
Artigo 01 “Estava praticamente falida”	<ul style="list-style-type: none"> • Gardênia alcançou muitas vitórias após tornar-se dizimista fiel • Sua loja é o resultado de muita perseverança e determinação • A empresária, que teve sérios problemas financeiros, venceu
Artigo 02 Empresária já morou nas ruas	<ul style="list-style-type: none"> • Vilma chegou a morar nas ruas com os filhos, mas hoje é uma bem-sucedida comerciante
Artigo 03 “Minha situação era lastimável”	<ul style="list-style-type: none"> • A qualidade dos produtos é um diferencial na empresa • Solange: “fidelidade é tudo, sem isso não conseguimos progredir” • A empresária Solange Ramos
Artigo 04 Comerciante próspero em Goiás	<ul style="list-style-type: none"> • Adélio entendeu que a vitória financeira só vem com a obediência a Deus • A loja de acessórios automotivos é um grande sucesso
Artigo 05 Volta por cima através da fidelidade a Deus	<ul style="list-style-type: none"> • A escola é conhecida pela qualidade do ensino que oferece • Itália: “Sou dizimista fiel. Aprendi que Deus não precisa do nosso dinheiro, mas da nossa fidelidade”
Artigo 06 “Só usava roupas usadas, hoje sou dona de uma loja”	<ul style="list-style-type: none"> • Ivete realizou o sonho de ter o próprio estabelecimento após tornar-se dizimista fiel • A loja fica no Rio de Janeiro
Artigo 07 “Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”	<ul style="list-style-type: none"> • José Julião e sua agência de carros: hoje ele tem uma vida próspera
Artigo 08 Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária	<ul style="list-style-type: none"> • Uma variedade de equipamentos compõe a academia da empresária Maria do Socorro
Artigo 09 A resposta não tarda para quem é fiel	<ul style="list-style-type: none"> • Édson restaurou sua vida por meio da fé e da fidelidade nos dízimos • Hoje ele é um empresário bem-sucedido no ramo de madeiras
Artigo 10 De funcionário a dono do próprio	<ul style="list-style-type: none"> • João Roberto, “aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo” • João Roberto, ao lado da esposa Amanda
Artigo 11 Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna	<ul style="list-style-type: none"> • João Batista: “obtive a direção do Senhor Jesus e comecei a controlar as minhas finanças” • Atrus: uma das suas empresas

próspero e vitorioso	
Artigo 12 Obediência modificou a vida do casal	<ul style="list-style-type: none"> • Prosperidade de Fábio e Jane veio após entenderem a importância do dízimo
Artigo 13 “Ser dizimista é tudo para mim”	<ul style="list-style-type: none"> • Fachada do restaurante na Zona Sul do Rio. • Produtos de qualidade atraem clientes de toda a vizinhança

Ainda que pareçam enunciar os mesmos dizeres colocados pelos depoimentos, as notas de rodapé das fotografias (doravante notas) são peculiares pela brevidade dos enunciados e, por conseguinte, pela força ilocucionária que comportam em dizeres tão sucintos.

As notas asseveram a necessidade de ser fiel a Deus por meio do dízimo:

(T05/SD61) “Sou dizimista fiel. Aprendi que Deus não precisa do nosso dinheiro, mas da nossa fidelidade”;

(T09/SD62) Édson restaurou sua vida por meio da fé e da fidelidade nos dízimos;

(T10/SD63) João Roberto, “aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo”;

Também enunciam que essa fidelidade é condição necessária para o sucesso financeiro:

(T01/SD64) Gardênia alcançou muitas vitórias após tornar-se dizimista fiel;

(T03/SD65) Solange: “fidelidade é tudo, sem isso não conseguimos progredir”.

As notas discursivizam, também, a condição de “bem-sucedido” que emerge na posterioridade histórica da forma-sujeito dizimista-fiel:

(T02/SD66) Vilma chegou a morar nas ruas com os filhos, mas hoje é uma bem-sucedida comerciante;

(T09/SD67) Hoje ele é um empresário bem-sucedido no ramo de madeireiras.

Mas a discursividade advinda das notas que consideramos ímpar é o enfoque na qualidade dos serviços dos empreendidos da forma-sujeito dizimista-fiel. Tais enunciados demonstram, novamente, o atravessamento dialógico do discurso publicitário nos depoimentos da Folha Universal.

(T03/SD68) A qualidade dos produtos é um diferencial na empresa;

(T04/SD69) A loja de acessórios automotivos é um grande sucesso;

(T05/SD70) A escola é conhecida pela qualidade do ensino que oferece;

(T08/SD71) Uma variedade de equipamentos compõe a academia da empresária Maria do Socorro;

(T13/SD72) Produtos de qualidade atraem clientes de toda a vizinhança.

Esses dizeres fazem propaganda dos serviços e produtos oferecidos pelos empreendimentos dos fiéis, enfatizando sua qualidade. Ao contrário do que os dizeres dos depoimentos relatam – o sucesso das empresas como fruto da fidelidade ao dízimo, a análise das notas faz surgir efeitos de sentido que revelam uma empresa que compete no mercado como qualquer outra, e não uma empresa que se estabelece sob

(T05/SD73) a direção do Senhor Jesus.

As notas funcionam como operadores de uma interdiscursividade publicitária, atuando como um espaço de propaganda para as empresas dos fiéis.

Como afirmamos anteriormente, as notas não são dizeres que destoam do espaço de reformulação-paráfrase da FD dominante dos depoimentos. Como nas sequências recortadas dos depoimentos, elas asseveram o embate ideológico do discurso econômico-capitalista como dominante em relação ao discurso religioso, tanto que uma das notas pode ser considerada o enunciado que denota o funcionamento da FD dominante dos depoimentos da Folha Universal:

(T04/SD74) Adélio entendeu que a vitória financeira só vem com a obediência a Deus.

O sucesso é possível somente sob a tutela de Deus por meio do dízimo pago à Igreja Universal do Reino de Deus.

2.4.8 – Considerações Finais

Por meio das análises que empreendemos em consonância com o dispositivo axiomático, levantamos diversas inscrições discursivas que emergem do diálogo entre o discurso religioso e o econômico-capitalista. A partir da análise dos textos da Folha Universal, o embate ideológico entre o religioso e o econômico-capitalista propiciou a construção de onze axiomas discursivos que foram determinantes para constituição das percepções analíticas estabelecidas na pesquisa.

O axioma discursivo 01 estabeleceu que o embate ideológico entre os discursos religioso e econômico-capitalista na Folha Universal é promove um silenciamento das demais denominações possíveis. A forma-sujeito dizimista-fiel enuncia do lugar discursivo do patrão, do empresário, do comerciante.

O axioma discursivo 02 levantou que em todos os textos que compõem o *corpus*, os depoimentos são enunciados com a descrição dos problemas sofridos pela instância-sujeito empresário. Mesmo que, em alguns momentos, haja relatos de doenças e vícios, no momento enunciativo denominado de “anterioridade histórica”, a enunciação focaliza a situação financeira da instância-sujeito empresário, como forma de determinar “o que pode e deve ser enxergado” nos depoimentos da Folha Universal.

No âmbito da instauração do acontecimento causativo, construímos o axioma discursivo 03. Tomados como o acontecimento, a fidelização à igreja e ao dízimo desencadeiam o processo de configuração de uma forma-sujeito dizimista-fiel e de produção

de discursos-outros que se inscrevem em uma discursividade econômico-capitalista. A forma-sujeito dizimista-fiel é a inscrição da instância-sujeito empresário no interior das FDs que denotam o discurso da Igreja Universal.

O axioma discursivo 04 demonstrou que o acontecimento “filiar-se a IURD” não é o bastante para que a instância-sujeito empresário alcance êxito em seus investimentos empresariais. É a fidelização ao dízimo que determina a ascensão financeira da instância-sujeito, a realização é posterior à instauração da forma-sujeito dizimista-fiel.

O axioma discursivo 05 estabeleceu que, como forma de assegurar o pagamento do dízimo após a conversão da instância-sujeito empresário à Igreja Universal, o pagamento do dízimo ganha *status* de devolução. Ancorado ideologicamente no discurso bíblico do Antigo Testamento, a Folha Universal reconfigura um preceito religioso judaico em prol da captação do dízimo.

Levando em consideração a particularidade comum às igrejas neopentecostais de instigar o embate transcendental entre Deus e o Diabo, o axioma discursivo 06 evidenciou que a Folha Universal utiliza-se desse preceito para enunciar que “ser fiel ao dízimo é manter-se afastado do Diabo”. Atribui-se ao Diabo a responsabilidade de todos os problemas sofridos pela instância-sujeito e assegura-se que Deus é única forma de se afastar das mazelas e da instabilidade financeira. No entanto, filiar-se a Deus é filiar-se ao dízimo da Igreja Universal.

Nas considerações empreendidas pelo axioma discursivo 07, apreendemos que o enunciado “fidelidade a Deus” tem significação clivada para “fidelidade ao dízimo”. Nos espaços de “reformulação-paráfrases” das FDs que denotam o discurso da IURD, os dois enunciados – “ser fiel a Deus” e “ser fiel ao dízimo” – figuram como sinônimos possíveis no embate ideológico entre a discursividade religiosa e a econômico-capitalista. Ser fiel a Deus adquire significação coincidente a ser um dizimista-fiel.

O axioma discursivo 08 empreendeu que a instauração da forma-sujeito dizimista-fiel desencadeia a enunciação de dizeres que remetem às transformações na historicidade da instância-sujeito. Segundo a Folha Universal, tais transformações, que remetem a uma ascensão financeira, são decorrentes da fidelização ao dízimo. Os textos enfocam os bens materiais – carros, casas e empresas – adquiridos pela instância-sujeito após se “revestir” de forma-sujeito dizimista-fiel.

O axioma discursivo 09 constituiu-se como um axioma-síntese da regularidade enunciativa que emergiu dos treze textos. Na anterioridade histórica, a instância-sujeito empresário está com problemas variados (financeiros, pessoais, espirituais, orgânicos, fisiológicos, psicológicos). No âmbito dessa historicidade, tem-se a instauração do acontecimento causativo, que decorre da inscrição da instância-sujeito à Igreja Universal e da fidelização ao dízimo. Em seguida, a “posterioridade histórica” representa o momento em que são enunciados os dizeres que demonstram a renovação da forma-sujeito dizimista-fiel, sob a ótica de um sucesso financeiro empresarial e lucrativo.

Os axiomas discursivos 10 e 11 referem-se às considerações empreendidas a partir das fotografias e dos textos de rodapé que acompanham as mesmas. Tais análises demonstram que as representações imagéticas que fazem parte dos textos ilustram a forma-sujeito dizimista-fiel em meio a seus bens adquiridos na posterioridade histórica. As fotografias silenciam os demais problemas atravessados pela instância-sujeito (doenças, vícios) e operam uma memória discursiva de caráter social em que o único problema a ser solucionado é o financeiro. Como enunciados não-verbais, as fotografias fazem emergir, ainda, significações implícitas que remetem a uma discursividade econômico-capitalista da Igreja Universal, atravessada por uma discursividade empresarial e marqueteira da igreja.

Considerados portadores de discursividade, os textos de rodapé que acompanham as fotografias foram tomados como enunciados que asseveram o embate ideológico entre o

discurso econômico-capitalista e o religioso. Devido à força ilocucionária que os enunciados de rodapé comportam, esses dizeres intensificam que a fidelidade ao dízimo é o caminho adequado para se alcançar a Deus que, pela devolução do dízimo, retribui em forma de sucesso empresarial e financeiro.

À GUIA DE ALGUMAS CONCLUSÕES

A partir das análises empreendidas dos depoimentos da Folha Universal, afirmamos que a FD dominante que interpela a forma-sujeito dizimista-fiel tem em sua gênese um embate ideológico que é caracterizado pela alteridade descontínua entre o discurso religiosa e o econômico-capitalista. Dessa forma, tal determinação faz com que os fiéis da IURD realizem os efeitos desse diálogo. O dízimo, inscrito nesse processo de interpelação, é tomado pelos fiéis como a garantia de que seu investimento terá retorno financeiro. Assim sendo, afirmamos que o funcionamento da Igreja Universal se assemelha com as características de uma empresa.

Ao pesquisarmos nos dicionários e enciclopédias, uma empresa é, basicamente, um conjunto organizado que exerce uma atividade particular, oferecendo produtos/serviços com o objetivo de atender a uma demanda ou necessidade humana. O lucro é o efeito do processo produtivo e o retorno almejado pelos investidores. Por meio de uma atividade que ocupa um lugar discursivo da religião cristã, a Igreja Universal oferece o produto “ascensão econômica” pelo preço da fidelidade ao dízimo²¹. O produto atende à demanda de uma instância-sujeito empresário na condição de instabilidade financeira. A particularidade do empreendimento da IURD é que, segundo as significações que emergem dos depoimentos da Folha Universal, o cliente também é o investidor. A aquisição do produto e o investimento na empresa se imbricam de modo que o constante investimento no dízimo trará um retorno em forma de capital financeiro para o dizimista e para sua empresa particular.

Ocupado por instâncias-sujeito inscritas em formações discursivas que demandam problemas da vida cotidiana, o lugar discursivo que emerge dos depoimentos da Folha Universal é o lugar da enunciação de uma instabilidade financeira nos diversos ramos

²¹ Imbricado ao produto “ascensão econômica”, a Igreja Universal também “vende” a beleza, a elegância e o luxo (entre outros) como frutos dos investimentos no dízimo.

empresariais. Enunciar as mazelas financeiras é “o que pode e deve ser dito” nos depoimentos do jornal. Assim, a evidência das dificuldades financeiras dos sujeitos e a nomeação da instância-sujeito somente como empresário revelam o embate ideológico entre o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista, sendo esse tomado como discurso dominante do processo discursivo instaurado pelos depoimentos.

Para que o discurso empresarial da Igreja Universal possa se estabelecer, o discurso religioso foi tomado como vanguarda ideológica²², responsável por alicerçar os objetos ideológicos advindos do discurso econômico-capitalista. Travestido como um discurso cristalizado, o discurso econômico-capitalista atravessa o discurso do sofrimento humano, se ancorando no discurso religioso cristão e no discurso do Antigo Testamento, utilizado como elementos de articulação e de encadeamento de um pré-construído bíblico. Dessa forma, o sujeito fiel ocupa ininterruptamente o lugar de empresário, sua instabilidade financeira é continuamente culpa do demônio, e todo o seu dinheiro é de Deus, por isso se deve devolver o dízimo que é uma obrigação endossada pela Bíblia.

Crivadas para que a captação financeira por meio do dízimo represente um preceito religioso, as formações ideológicas que constituem o pensamento cristão-evangélico enunciam o dízimo como uma devolução a Deus. O dinheiro não é dado a Deus, ele é devolvido a Deus e a Igreja Universal é o “AIE” (Aparelho Ideológico Empresarial) responsável por essa captação que, tem seu destino silenciado. Na ideologia da Igreja Universal, o dízimo não é uma oferenda ou um auxílio para a manutenção da igreja e seus cultos. O destino da captação financeira é silenciado com o pretexto de que somente o atestado de preceito bíblico é suficiente para justificar a cobrança, “é devolução a Deus e ponto final”.

²² Concebemos o conceito de vanguarda ideológica como a função de uma discursividade que alicerça ideologicamente uma dada manifestação discursiva. Não se trata da discursividade que emerge como dominante, mas aquela que, de forma velada ou não, funciona como uma vanguarda, um “exército ideológico” em prol dos interesses do continuum de FDs que configuram uma manifestação discursiva.

Entretanto um empreendimento com bases sólidas necessita de investimentos garantidos, por isso que a filiação à Igreja Universal não é o bastante para que o “empresário fiel” alcance o sucesso em seus empreendimentos. A fidelização ao dízimo é indispensável, fidelização que deve ser tomada como fidelidade ao pagamento do dízimo, pagá-lo de forma constante e ininterrupta.

Nesse desiderato, a forma-sujeito dizimista-fiel é a representação discursiva de um indivíduo que cumpre “fielmente” com o pagamento compulsório do dízimo, sujeito esse que deve ocupar o lugar discursivo de dizimista-fiel e não de um fiel-dizimista. Por isso o pagamento/devolução/investimento não deve ser interrompido sob pena dos empreendimentos voltarem à condição de desgraça. Nas FDs instauradas pelos depoimentos dos fiéis é necessário “ser fiel ao dízimo” para que os problemas sejam resolvidos e a condição financeira favorável seja mantida.

Tomado como o acontecimento discursivo que desencadeia o embate ideológico entre o discurso econômico-capitalista e o discurso religioso, a fidelização à Igreja Universal e ao dízimo são os acontecimentos que escancaram a tomada de posição na via do empreendimento empresarial da igreja. Por isso, afirmamos que existe um destinatário idealizado para os artigos da Folha Universal. Sujeitos que ocupem o mesmo lugar discursivo de instabilidade financeira e que, mediante as formações ideológicas que emergem do empreendimento religioso da IURD, se configurem em uma forma-sujeito dizimista-fiel.

Sempre-já interpelados por uma ideologia cristã e pelas práticas sociais instauradas pela igreja, o discurso da Igreja Universal ambiciona uma instância-sujeito empresário “não-fiel” que seja revestida historicamente por uma forma-sujeito dizimista-fiel. Para tanto, a partir do acontecimento causativo, as manifestações discursivas instauram discursividades que convergem para um discurso econômico-capitalista, por meio da configuração enunciativa do signo “dízimo” com *status* de devolução a Deus.

Pêcheux (1997a, p. 215) afirma que “o sujeito sofre cegamente essa determinação, isto é, ele realiza seus efeitos *em plena liberdade*²³”. Ao valer-se do discurso bíblico não-cristão do Antigo Testamento como uma verdade dogmaticamente cristã, a Igreja Universal, para incentivar o “investimento” do fiel, traveste esse discurso como uma verdade absoluta que deve ser aceita “cegamente” pela instância-sujeito que determina uma tomada de posição como forma-sujeito dizimista-fiel. Tomado como um sentido “evidente” aos “olhos” da instância-sujeito, pagar o dízimo é condição *sine qua non* para um sucesso financeiro.

Além de colocar o discurso do Antigo Testamento em uma construção ideológica de caráter cristão, no interior dos depoimentos da Folha Universal, os enunciados “ser fiel a Deus” e “ser fiel ao dízimo” são colocados regularmente em relação sinonímica, uma vez que o signo “dízimo” é tomado como “Deus” para que o “produto” vendido pela empresa/igreja figure no mercado religioso como um preceito religiosamente certificado. Na discursividade econômico-capitalista, que emerge como discurso dominante nos depoimentos, quando os signos “Deus” e “dízimo” se referem à fidelidade, ocupam uma mesma instância-sentidural. Nos textos da Folha Universal, Deus (não o Deus-dízimo, mas o Deus-divino) é elevado a uma condição de empreendedor transcendental, um gestor de empresas que orienta o encaminhamento do dizimista-fiel ao sucesso empresarial.

Nesse sentido, enumerar os bens materiais e o aumento de capital do dizimista-fiel, constitui o momento enunciativo denominado “posterioridade histórica” e tem como peculiaridade, no processo discursivo instaurado, um enfoque ideologicamente marcado que coloca os progressos de ordem espiritual/pessoal (como a desfragmentação familiar, as doenças e os vícios) em detrimento da melhoria econômico-capitalista. Se no início dos depoimentos a enunciação de mazelas e problemas familiares também eram descritos, ao final dos textos ocorre um silenciamento de tais dificuldades, uma vez que o desequilíbrio

²³ Os grifos são do autor.

econômico é tomado como o problema-mor, aquele que só é solucionado com a fidelidade dos fiéis. Fidelidade que deve perdurar sob a ameaça de que a ingratidão do fiel o traga de volta a condição primeira, de dívidas e arrocho financeiro.

Mediante a configuração enunciativa das FDs em constante “alteridade dialógica” que atravessa os textos da Folha Universal, o interdiscurso submete aos sujeitos sentidos “transparentes” que revelam a cobrança do dízimo como uma prescrição cristã indispensável para a ascendência financeira. Nesse ínterim, os elementos ideológicos da religião cristã e os preceitos judaicos do Antigo Testamento são elementos de articulação e encadeamento, responsáveis por configurar a forma-sujeito dizimista-fiel que emerge da instância-sujeito empresário. Essa forma-sujeito, interpelada pelas “realidades possíveis” das FDs que configuram a enunciação, constrói discursivamente o que Pêcheux (1997a) chama de “imagens ficcionais” que, nos depoimentos em estudo, retratam o signo “dízimo” deslocado de sua significação bíblica original e reformulado como uma obrigação compulsória a ser cumprida.

Quando propusemos investigar a interdiscursividade subjacente ao signo “dízimo” na Folha Universal, levamos em consideração a possível ilusão de completude que se constitui tal objetivo. Por isso, não afirmamos que os atravessamentos interdiscursivos que levantamos por meio das análises sejam os únicos que “dizem” algo no processo discursivo instaurado pelos depoimentos. No entanto, é o diálogo travado entre o discurso religioso – constituído/constitutivo por/do discurso bíblico, o judaico, o cristão, o neopentecostal, entre outros – e o discurso econômico-capitalista – representado pelo discurso publicitário/marqueteiro, o empresarial, o discurso da beleza e do luxo, entre outros –, é esse diálogo que representa a formação ideológica que pode ser apreendida do discurso da Folha Universal. Trata-se de um diálogo que configura “o que pode e deve ser dito” sobre o dízimo no lugar discursivo ocupado por uma forma-sujeito dizimista-fiel.

A hipótese que norteou o presente estudo enunciou, que, na Folha Universal, o deslocamento de sentidos sofrido pelo signo “dízimo” é o acontecimento que possibilita a cobrança do dízimo. Crivado por uma significação bíblica, o dízimo, ordenação judaica historicizada no Antigo Testamento, é tomado como o que chamamos de “vanguarda ideológica responsável por alicerçar os objetos ideológicos advindos de um discurso “econômico-capitalista”. Sob a determinação do interdiscurso, essa vanguarda ideológica reproduz discursos que além de deslocar um preceito judaico para um contexto cristão/evangélico, também é responsável por configurar o diálogo entre o discurso religioso e o econômico-capitalista e as posições ideológicas que estão em jogo no “processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX, 1997a, p.160).

As formações discursivas que reproduzem o discurso econômico-capitalista que configura a enunciação religiosa da Igreja Universal configuram o dízimo como uma devolução a Deus. Nos depoimentos, a captação do dízimo tem significação de uma devolução obrigatória para todo o fiel que deseja ter sucesso financeiro. No interior da discursividade que emana do empreendimento Igreja Universal, pagar o dízimo é garantia de retorno do investimento efetuado a um Deus-empresário que é grato aos investidores-fiéis. Assim, a hipótese dessa pesquisa é confirmada, uma vez que são os deslocamentos sócio-histórico-ideológicos sofridos pelo signo “dízimo” que possibilitam que a Igreja Universal tome o dízimo como uma obrigação cristã, necessária aos fiéis que buscam um crescimento socioeconômico.

Diante da confirmação da hipótese que alicerçou a pesquisa em questão, vamos à apreciação das questões de pesquisa que levantamos para o desenvolvimento desse estudo.

Em relação à primeira questão:

i) Quais são os atravessamentos interdiscursivos econômico-capitalistas que podemos encontrar nos artigos da seção em estudo e que deslocam o conceito de dízimo na manifestação enunciativa do *corpus*? O discurso econômico-capitalista é o discurso que se manifesta como dominante no processo discursivo instaurado pela Folha Universal. Dessa forma, percebemos que devido à configuração empresarial que caracteriza a captação do dízimo pela Igreja Universal, o discurso que se coloca como um atravessamento é o discurso religioso, por meio de manifestações discursivas do discurso cristão/evangélico, do discurso judaico e do discurso bíblico do Antigo Testamento. É o imaginário capitalista que move o discurso dizimista da Folha Universal, por isso o discurso religioso ser o atravessamento interdiscursivo que sustenta os sentidos crivados/silenciados, atribuídos ao dízimo nos depoimentos do jornal. Como já mencionado, o discurso econômico-capitalista que emerge dos textos em estudo pode ser tomado como discurso publicitário/marqueteiro, discurso empresarial, discurso da beleza e do luxo, entre outros. No entanto, o desmembramento do discurso econômico-capitalista representa as diferentes asserções/inserções de uma mesma configuração de formações ideológicas nas quais a Igreja Universal pode ser considerada um empreendimento religioso com fins lucrativos.

Em relação à segunda e à terceira questão de pesquisa:

ii) Que inscrições discursivas subjazem esses atravessamentos interdiscursivos? iii) De que forma esses atravessamentos interdiscursivos determinam o funcionamento do discurso religioso na Folha Universal? O discurso da autoajuda, o empresarial, o marqueteiro, o político, o jornalístico, o religioso, o bíblico, o judaico, o cristão, o neopentecostal, o econômico-capitalista. Esses são apenas alguns dos atravessamentos interdiscursivos que determinam o discurso do dízimo na Folha Universal e fazem emergir uma discursividade econômico-religiosa. Uma discursividade que se vale da força hierárquica do discurso religioso para enunciar uma discursividade essencialmente empresarial.

O diálogo travado entre o discurso religioso e o econômico-capitalista é responsável pelos deslocamentos sentidurais que o signo “dízimo” é submetido. Um diálogo que desencadeia um embate ideológico que cliva o discurso bíblico, responsável por elevar a um *status* de verdade os dizeres da Folha Universal.

Sabendo que, para Pêcheux (1997a, p160), as palavras adquirem uma significação “em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem”, afirmamos que o signo “dízimo” é constituído, na Folha Universal, por significações interpeladas pela ideologia empresarial da Igreja Universal.

A Folha Universal edifica o embate ideológico entre o discurso religioso e o discurso econômico-capitalista quando coloca em diálogo a discursividade religiosa e a discursividade empresarial da Igreja Universal. A partir desse embate, configura-se um discurso econômico-religioso.

O dízimo é o meio de captação financeira do empreendimento que emerge da ideologia da IURD. A receita da igreja é conquistada por meio de deslocamentos de significações que são realizados nas escrituras religiosas e nos preceitos cristãos e judaicos.

A Igreja Universal do Reino de Deus constrói uma formação ideológica em que Deus é o detentor das riquezas do mundo e a instância-única capaz de manter o fiel longe da pobreza, da doença e, por conseguinte, do Diabo. Ser fiel a Deus é, necessariamente, ser fiel ao dízimo. Quando se é fiel ao dízimo, Deus possibilita que parte dessa fortuna possa ser contemplada pelo dizimista-fiel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Resposta a John Lewis. In: **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978, p.15-71.

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1980. 120p.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006, 203p.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 421p.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p.41-167.

BENTHO, E. C. **Hermenêutica fácil e descomplicada**: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. 34 ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

BOVKALOVSKI, E. C.; MAGALHÃES, M. D. B. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Revista Brasileira de História**, v. 22, nº 43, p. 85-105, 2002.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória?. In: ACHARD, Pierre et al. **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.23-32.

DOSTOIÉVSKI, F. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Martin Claret, 2004. p.32

FIGUEIRA, L. F. B. **Atravessamentos polêmicos em estudos literários**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Lingüística. UFU. 2007. p. 59-61.

FRANÇA, T. M. A Folha Universal e o signo “dízimo”: atravessamentos interdiscursivos. In: FRANÇA, T. M.; STAFUZZA, G. B.; GAMA-KHALIL, M. M. (Org.). **Análise do Discurso: Sujeito e Subjetividade**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p.832-839.

GUILHERME DE CASTRO, M. F. F. 2008. **Competência oral-enunciativa em língua estrangeira (inglês): fronteiras e limites**. Tese de Doutorado. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC-SP. p. 57-66.

GREGOLIN, M. R. Bakhtin, Foucault e Pêcheux. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p.33-52.

_____. Onde autor é leitor todos os caminhos se bifurcam. In: GREGOLIN, Maria do Rosário et al. **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001. p.63-71.

JACOB, C. R.; HEES, D. R.; WANIEZ, P. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2003. p.240.

MACEDO, E. **Vida com abundância**. Rio de Janeiro: Universal, 1997. p.36.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes, 2003. p.19-55.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso; princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000. p. 31.

PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C.; HENRY, P. A Semântica e o corte saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (org). **Análise do discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p.13-31.

PÊCHEUX, M. **O Discurso – Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006. p.43-57.

PÊCHEUX, M; GADET, F. **A Língua Inatingível – O Discurso na História da Linguística**. Campinas: Pontes, 2004. p.101-104.

PÊCHEUX, M. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.49-57.

_____. **Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Obvio.** Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. 317p.

_____. Análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1997b, p. 61-151.

_____. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, D. **L'inquietude du discours.** Paris: Cendres, 1990a. p. 285-293.

_____. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. **L'Inquiétude du discours.** Paris : Cendres, 1990b. p. 245-259.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996. p.09-17.

SANTOS, J. B. C. **A instância enunciativa sujeitucional.** In: **Sujeito e Subjetividade.** Uberlândia: EDUFU LEP/GPAD/ ILEEL/ UFU. 2009. no prelo.

SANTOS, J. B. C. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. **Análise do discurso – unidade e dispersão.** Uberlândia: Entremeios, 2004. p.109-118.

SARGENTINI, V. M. O. Os estudos do discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault. In: **Estudos Lingüísticos XXXV.** São Paulo, v. 1, 2006, p. 181-190.

ANEXOS

Corpus da pesquisa

Artigo 01

08 de outubro de 2006

“Estava praticamente falida”

A empresária e advogada Gardênia de Fátima Figueiredo, 26 anos, conta que sempre trabalhou muito para alcançar o sucesso profissional. Após muito esforço, abriu uma loja de calçados e acessórios, porém não obteve resultados satisfatórios. O pouco dinheiro que ganhava só dava para pagar contas. – Fechei a loja três vezes. Fiquei desesperada porque as dívidas foram se acumulando. Estava praticamente falida – lembra.

A vida de Gardênia teve uma mudança a partir do momento que aceitou o convite de sua tia para participar de uma reunião na *Igreja Universal*. – Comecei a participar da reunião crendo na vitória e me tornei dizimista.

Mesmo surgindo barreiras em meu caminho para que eu desanimasse, perseverei e, com determinação, venci – relata Gardênia. Ela conta que quitou todas as dívidas, as vendas triplicaram ao ponto de ter que ampliar a loja. – Hoje sou muito abençoada em todas as áreas, principalmente na financeira. Sei que tudo isso foi possível porque eu sou dizimista fiel. Me formei em Direito e na primeira tentativa passei na prova da OAB – conclui.

Artigo 02

08 de outubro de 2006

“Empresária já morou nas ruas”

Curitiba/PA - A comerciante Vilma Castro de Oliveira Cordeiro, 56 anos, chegou à *Igreja Universal do Reino de Deus* totalmente sem esperanças. Ela conta que perdera tudo o que havia construído em 11 anos de trabalho: casa, carro e empresa. – O pior foi perder a confiança nas pessoas e em mim. Eu não acreditava em mais nada. Sentia-me realmente um caso perdido – afirma. Nesse período acabou indo morar nas ruas e durante dois anos viveu em condições precárias com os dois filhos. – Eu dormia em calçadas e em bancos de praça. Fui muito humilhada, passava fome – lembra. Vilma era o retrato da desolação. Vivia angustiada, principalmente porque não via perspectivas de uma vida digna para os filhos. Um

dia, recebeu um convite para ir à *Igreja Universal*. – Relutei um pouco, pois achava que não daria resultado, porém, ao participar dos propósitos de oração, os meus olhos se abriram e passei a usar a fé que havia em mim – diz. Vilma afirma que aprendeu a importância de ser fiel a Deus através do dízimo. – Ser dizimista foi o primeiro passo para que as portas pudessem se abrir para mim e, aos poucos, Deus foi transformando meu coração e a minha vida – comenta.

Em pouco tempo conseguiu sair da rua; mas tarde casou-se novamente. – Conquistamos nossa loja de presentes, carro e casa. Além de meus dois filhos biológicos tenho mais sete adotivos. Não nos falta nada. A fidelidade a Deus nos dízimos e nas ofertas faz as janelas dos céus se abrirem e Deus derrama bênçãos sem medida em nossas vidas. Não abro mão de ser uma dizimista fiel – conclui.

Artigo 03

13 de maio de 2007

“Minha situação era lastimável”

Itaipava/RJ - Tentando uma nova oportunidade de vida, Solange Ramos, 39 anos, saiu de Três Rios, Centro-Sul fluminense do Rio de Janeiro, e veio morar na capital carioca com a expectativa de dias melhores. O sonho até se realizou, mas ela conta que conquistou emprego, estabilidade e, de uma hora para outra, perdeu tudo. – Conquistei um excelente emprego em uma loja de perfumes importados. Ganhava muito bem, tinha conforto, mas, de repente, fiquei sem nada. Minha situação era lastimável – relata. Trabalhando muito e sem obter resultados satisfatórios, Solange chegou ao extremo de morar de favor. – Fui morar com minha sogra. Trabalhei em vários lugares diferentes, porém meu salário mal dava para me sustentar – afirma.

Sem perspectiva, através de uma cunhada, ela conheceu a *Igreja Universal*. Decidiu assistir a uma reunião e afirma que saiu do local convicta de que sua vida poderia mudar. – A partir daquele momento, decidi que daria ouvidos ao Senhor Jesus.

Por meio dos ensinamentos, dia após dia, aprendi que eu não prosperava por ser infiel a Deus. Comecei a devolver o dízimo, que é d’Ele, e vi minha vida “decolar”, tudo começou a dar certo – afirma. Solange faz questão de dizer que precisou lutar muito para alcançar seus objetivos. – As lutas não deixaram de existir, a diferença é que hoje tenho sempre a certeza da vitória porque o Senhor Jesus é comigo e sou fiel a Ele – afirma. Solange agora tem carro,

casa e uma loja de perfumes importados no Centro de Itaipava. – Para mim, fidelidade é tudo, sem isso não conseguimos progredir – conclui.

Artigo 04

13 de maio de 2007

“Comerciante próspero em Goiás”

Goiânia/GO - O empresário Adélio Garcia da Silva, 60 anos, perseverou e obteve, enfim a prosperidade que tanto buscou no decorrer de sua vida. – Comecei a trabalhar aos 15 anos como alfaiate. Aos 20 me casei e, pouco depois, consegui meu próprio negócio. A partir daí, enveredei por vários ramos comerciais. Já perdi supermercado, fábrica de roupas e loja de tecidos – lembra. Há pouco mais de quatro anos ele adquiriu a Impacto, loja de acessórios automotivos, com as últimas economias que tinha. Em dificuldades financeiras e atormentado por ser avalista de uma pessoa com dívidas, Adélio não sabia como investir mais em seu comércio. O estoque estava quase vazio. – As vendas caíram muito. Precisava vender, mas não tinha peças.

Angustiado, fui à *Igreja Universal* buscar uma solução. Ajoelhava todos os dias em minha loja e clamava a Deus por prosperidade – afirma. Após seis meses freqüentando as reuniões da IURD, Adélio compreendeu a importância de ser uma dizimista fiel e sua vida prosperou. – Aprendi que, quando somos fiéis, Ele nos abençoa – atesta.

Hoje Adélio é um homem próspero. Além da Impacto Peças e Acessórios Automotivos, conquistou mais uma loja – a Máster Car Acessórios. – Para ter sucesso na vida financeira, é preciso ser honesto, fiel a Deus e obedecer ao que Ele diz em sua Palavra – garante Adélio.

Artigo 05

20 de maio de 2007

“Volta por cima através da fidelidade a Deus”

Goiânia/GO - Itália Di Credico, 40 anos, biomédica, passou por muitas dificuldades, apesar de ser uma pessoa muito determinada. Teve poucas oportunidades em sua área e lutou muito para se firmar tanto profissional quanto financeiramente. Ao tornar-se dizimista-fiel, sua vida deu uma guinada. – Tive uma loja de roupas mais a vendi e comprei uma escola. Passei por muitas atribulações e acabei endividada. Hoje sei que haviam forças malignas dispostas a me derrubar em todas as áreas – relembra. Itália conta que passou por

necessidades extremas, mas jamais desistiu de crer que Deus reverteria sua situação. – Tentaram me destruir por completo. Sofri muitas humilhações, fiquei endividada. Até a escola era vítima de difamação – recorda. Ela afirma que, nesse período, freqüentava uma igreja, mas sentia-se decepcionada com sua fé.

- Minha vida não condizia com as promessas do Senhor Jesus para seu povo. Comecei a freqüentar a *Igreja Universal*. Deus me direcionou em tudo, até no modo de administrar a minha escola, que agora é estruturada e foi ampliada. Itália emprega 14 funcionários, adquiriu um carro zero e as dívidas foram completamente quitadas. – Hoje a Escola Líder é respeitada, uma referência no bairro (Jardim Guanabara). Todos os funcionários e o corpo docente foram contratados com a direção do Senhor Jesus. O devorador não entra mais em minha vida, pois sou dizimista-fiel. Aprendi que Deus não precisa do nosso dinheiro, mas da nossa fidelidade. Precisamos ser fiéis no pouco e no muito. Os 100% são do Senhor Jesus, que permite que eu cuide dos 90% que Ele mesmo me deu – finaliza ela.

Artigo 06

20 de maio de 2007

“Só usava roupas doadas, hoje sou dona de uma loja”

Méier/RJ - Nascida na Bahia, de origem humilde, Ivete Assunção Gentile, 47 anos, morou durante muito tempo com os pais e mais nove irmãos no interior do Estado e nesse ambiente vivenciou uma história de muita pobreza. – Minha vida só mudou quando conheci a *Igreja Universal* e me tornei dizimista-fiel. Tive uma vida difícil, passei muita fome e sem ter esperança para acabar com todo aquele sofrimento, vim morar no Rio de Janeiro. Estava disposta a ajudar meus pais a sair daquela miséria – relembra. Ivete conta que passou muito tempo sem ter um local certo para ficar. – Morei de favor durante anos, mudando-me de casas diversas vezes. Minha vida não mudou depois que cheguei aqui. Apesar de ser muito esforçada e trabalhadora, não via o fruto do meu esforço – relata. Como se não bastassem os problemas econômicos, ela passou a sofrer de depressão profunda. Foi quando ouviu falar da *Igreja Universal*. – Eu era tão depressiva que tentei o suicídio três vezes, sentia-me muito humilhada tendo que sempre andar a pé, usando roupas usadas. Até que um dia, vendo todo meu sofrimento, um amigo me convidou para assistir a uma reunião na Igreja e eu aceitei, afinal não agüentava mais sofrer – afirma. Freqüentando as reuniões e participando dos

propósitos de fé, aprendeu o valor de ser dizimista-fiel. Gradativamente, viu sua vida se transformar.

– Deus supriu todas as minhas necessidades. Antes eu precisava usar roupas doadas pelas pessoas, hoje sou dona de uma loja de vestuário feminino. Também abri uma confecção, vendo minha própria marca. Tenho casa própria, não sou mais depressiva e tenho certeza de que tudo isso só foi conquistado e estabelecido porque me tornei dizimista fiel – conclui.

Artigo 07

27 de maio de 2007

“Em um ano e meio, conquistei o que não consegui em 16 anos”

Rio de Janeiro/RJ - Pós-graduado em Análise de Sistemas e com uma agência de automóveis em um excelente bairro do Rio de Janeiro, José Julião tinha todas as condições de ser um homem bem sucedido. Entretanto, seus empreendimentos iam de mal a pior. – Eu possuía uma empresa, porém ela não prosperava, mesmo com toda a minha experiência de mercado. Era como se o dinheiro evaporasse. Além disso, tinha muitas dúvidas, era inseguro, sentia medo de investir devido às crises econômicas do governo. Achava que o motivo do meu fracasso era o local onde a empresa funcionava – lembra Julião, acrescentando que a dificuldade financeira afetou sua família. – Vivíamos uma situação apertada. Eu não podia garantir qualidade de vida para minha esposa e minhas duas filhas.

Mas, ao participar de uma reunião na *Igreja Universal*, teve a oportunidade de ouvir uma pregação sobre esse assunto. – No momento em que o pastor começou a explicar sobre o dízimo, descrito em Malaquias 3.10, entendi que, por meio dele, Deus repreende o devorador e se faz prosperar que é fiel. Quando passei a devolvê-lo, meu lucro aumentou. Em um ano e meio que estou na IURD, conquistei o que não consegui em 16 anos na minha empresa – ressalta. Participando do Congresso Empresarial, na Catedral Mundial da Fé, Julião afirma que sua visão se abriu e não teve mais medo de arriscar. – Hoje, os investimentos na agência são muito maiores, porém o Senhor Jesus não deixa coisa alguma me faltar. Antes, eu tinha que procurar pelos clientes. Atualmente, acontece o contrário. Vários entram em contato conosco. Houve uma época em que só tínhamos três carros. Agora, a loja está cheia de veículos. Está comprovado que o dízimo é de Deus, pois as promessas d’Ele têm se cumprido na minha vida – comprova. Nos dias atuais, bem-sucedido, José Julião, de 42 anos, mora com sua família na Barra da Tijuca, uma das áreas nobres do Rio de Janeiro. – A minha filha mais

nova é obreira da *Igreja Universal*. A outra passou no vestibular para Medicina e minha esposa está completamente liberta da síndrome do pânico – testemunha.

Artigo 08

27 de maio de 2007

“Fidelidade a Deus faz a diferença na vida de empresária”

São Paulo/SP – “Estava na Igreja há algum tempo, mas ainda não compreendia a importância de ser fiel ao Senhor Jesus nos dízimos. Só quando o pastor me mostrou, na Palavra, que o dízimo é bíblico, compreendi o porquê de não estar prosperando. A partir daquele momento, firmei uma aliança com Deus, e tudo mudou”, relata Maria do Socorro Lopes Martins, 52 anos. Ela lembra que, ao chegar à *Igreja Universal* há cerca de 10 anos, sua academia estava praticamente falida, e o marido, desempregado. – Sem explicação aparente, a clientela começou a sumir. Tempos depois, descobrimos que o contador, em quem confiávamos totalmente, há não pagava os impostos e obrigações da empresa. Quando tomamos ciência do desfalque, tivemos de arcar com uma dívida altíssima – conta. A empresária diz que, na época, saía de um quadro depressivo. Porém, a enfermidade se agravou ainda mais com aquela situação. – Sempre que conseguia dormir, logo acordava por conta de pesadelos horríveis. Vivia atormentada – acrescenta. Na tentativa de recuperar os clientes, a empresária conta que saía pelas ruas distribuindo folhetos da academia, mas não obtinha êxito. O marido também se esforçava, embora não conseguisse arrumar emprego.

- Ao chegar à *Igreja Universal*, libertei-me da depressão. Contudo, minha situação financeira e profissional continuava ruim. A transformação só ocorreu de verdade quando me tornei dízimista fiel. Hoje, a academia de Maria do Socorro está situada em uma movimentada praça da Zona Norte de São Paulo e possui diversos equipamentos. – Aos poucos, quitamos as dívidas e, rapidamente, nossa clientela dobrou. Meu marido hoje é proprietário de uma representação comercial e de dois prédios – conclui.

Artigo 09

24 de junho de 2007

“A resposta não tarda para quem é fiel”

Uberlândia/MG - Édson José da Silva, 42, quando chegou à *Igreja Universal do Reino de Deus*, era viciado em álcool, drogas e estava separado da esposa. O salário que recebia não supria as necessidades e não havia nenhuma perspectiva de mudança de vida. No entanto, ao

conhecer o Senhor Jesus e se tornar um dizimista fiel, sua vida foi reconstruída. Hoje, é um empresário do ramo de madeireiras e sua família está restaurada. – Após muito sofrimento, cheguei à IURD. Ao ouvir a Palavra de Deus e colocar em prática os ensinamentos que tratam do exercício da fé, fui gradativamente alcançando meus objetivos. É claro que, antes de tudo, tive um encontro com Deus. Então, libertei-me do mal, tornei-me dizimista fiel, e batizei-me nas águas. Passei a ser uma nova criatura, reconstruí minha família e consegui um novo emprego, onde ganho muito mais – contou Édson. Apesar das conquistas, Édson continua sendo fiel através do dízimo.

– Como Deus é fiel, a resposta não tarda. O Senhor Jesus colocou em minhas mãos uma empresa no ramo em que eu trabalhava: ou seja, uma madeireira num excelente ponto, com maquinário e uma vasta clientela. Larguei o meu trabalho e tomei posse da bênção – declarou. Como as bênçãos não param para quem é fiel, o empresário continua contando o que Deus tem feito em sua vida. – Ele colocou em minha frente uma pessoa que abasteceu a loja com tudo o que eu precisava, e eu poderia pagar da forma que quisesse. Hoje tenho quatro funcionários registrados, um carro zero km e estou terminando de construir uma bela casa.

Não deixamos de comparecer às reuniões dos domingos e quartas-feiras, buscando a presença e a direção de Deus, para que as nossas vidas continuem sendo abençoadas – finalizou o empresário.

Artigo 10

24 de junho de 2007

“De funcionário a dono do próprio negócio”

Durante muitos anos João Roberto Alves de Souza, 33, foi funcionário de grandes empresas e multinacionais, atuando na área de importação e exportação. Chegou a gerente de departamento e, segundo afirma, apesar de o último emprego que teve lhe proporcionar um bom salário, carregava dentro de si o sonho de trabalhar por conta própria. – A instabilidade e a mudança freqüente de emprego acabavam freando o meu progresso e a realização dos meus planos – diz. João conta que, embora tivesse experiência naquilo que fazia, não prosperava. – O dinheiro não dava para nada, pois da forma que entrava saía. As pessoas do meu convívio não entendiam as razões que me faziam financeiramente debilitado – lembra, acrescentando que, com o passar do tempo acabou contraindo dívidas em bancos, o que gerou problemas

ainda maiores. – Meu nome ficou negativo junto aos órgãos de proteção ao crédito e eu fiquei numa situação bastante delicada; mal conseguia pagar as contas do mês. Era frustrante.

Foi desta forma que Roberto chegou à *Igreja Universal do Reino de Deus*, e ao perceber que com a força do braço não chegaria a lugar algum deu novos rumos à sua vida. – Aprendi que a fidelidade nos dízimos é tudo, ou seja, se almejamos prosperar e desfrutar de uma vida abençoada em todos os sentidos, temos de ser fieis a Deus, o que hoje faz toda diferença em minha vida abençoada em todos os sentidos, temos de ser fiéis a Deus, o que hoje faz toda a diferença em minha vida. Roberto afirma que conseguiu pagar as dívidas e ainda conquistou a própria empresa, na mesma área em que sempre atuou. Embora esteja a apenas um ano em atividade, ele frisa que as conquistas se tornaram reais após ter se tornado dízimista fiel. – Os clientes se multiplicaram, novas conquistas aconteceram; diariamente aparecem pessoas nos procurando, solicitando orçamentos e fechando contratos – comemora, ressaltando que devido ao grande fluxo de trabalho e aos novos clientes que surgem a cada dia, a prosperidade tem sido evidente. – Minha esposa e eu não passamos mais por nenhuma privação, compramos o que queremos, inclusive já adquirimos nosso apartamento, na cidade de Santos, litoral de São Paulo, onde vivemos com conforto e prosperidade. Deus tem nos proporcionado condições de obter tudo quanto almeja o nosso coração – finaliza. Roberto salienta que a empresa também possui representante em diversas cidades do Brasil e do exterior, como Argentina e Uruguai. – O crescimento é evidente, mais se não fosse a fidelidade a Deus, jamais chegaríamos aonde estamos, tão pouco teríamos a certeza de que muito mais ainda Ele fará! – conclui João Roberto que, juntamente com a esposa, frequenta a IURD da cidade de Santos, na Avenida Ana Costa 329, bairro do Gonzaga.

Artigo 11

29 de julho de 2007

“Empresário aprende a devolver o dízimo e se torna próspero e vitorioso”

João Batista de Barros Filho, 39, chegou à *Igreja Universal do Reino de Deus* com depressão, insônia e viciado em bebidas alcoólicas. Mas o maior problema que enfrentou foi o financeiro. E mesmo frequentando o templo, sua vida continuava a mesma.

No entanto, tudo melhorou quando começou a ouvir a Palavra de Deus, aprendendo a importância da devolução do dízimo. – obtive a direção do Senhor Jesus e comecei a controlar as minhas finanças. Aprendi a devolver o dízimo e, hoje, tenho duas empresas.

As duas empresas dele são a Atrus Informática e a Flag Comércio e Representações Ltda. – Também comprei um carro modelo Honda Civic e tenho uma bela casa num bairro nobre da capital. Fui curado da depressão, dos vícios e sou feliz. O dízimo é a nossa primícia para Deus. Além disso, Ele nos abençoa abundantemente – conclui o empresário.

Artigo 12

05 de agosto de 2007

“Obediência modificou a vida do casal”

Problemas financeiros e de saúde rondavam os empresários Jane Pereira dos Santos, 26, e Fábio dos Passos Severino, 28. O filho do casal nasceu com alergia e intolerância à lactose – incapacidade do organismo de aproveitar o leite e seus derivados – causando sérios problemas intestinais. Os remédios custavam caro e o salário de Fábio, que era mecânico, só dava para os gastos com a criança. O salário de Jane, que era vendedora, mal dava para pagar o aluguel, dependiam de parentes para comer. – Nossa vida era difícil. Meu marido trabalhava sete dias por semana e mesmo assim levávamos uma vida complicada – lamentou. Observando a mãe, que freqüentava a *Igreja Universal*, Jane resolveu conhecê-la. – Pegava quatro conduções para chegar ao templo. Fábio não gostava, mas me esforcei em levá-lo. Hoje, graças a Deus, ele também faz parte da IURD – lembrou Jane. Apesar de ir à igreja, Jane tinha dificuldades em compreender a importância de devolver o dízimo a Deus. Nesta mesma época, o casal ficou desempregado. – Foram os meses mais difíceis da nossa vida. Não tínhamos dinheiro para nada. Faltava tudo em casa. Somente quando o casal aprendeu que deveria ser fiel a Deus, é que as bênçãos começaram a ser derramadas e tiveram a vida transformada.

Hoje, eles possuem uma oficina mecânica com 2500m². Fábio tornou-se especialista em reparo e manutenção de veículos importados, tem 11 funcionários, convênio com concessionárias e uma grande carteira de clientes. O casal acredita que o dízimo abriu as portas e impediu o mal de chegar à família, já que, hoje, o filho, que era doente, está completamente saudável. Jane, que para os médicos não podia mais ter filhos, deu à luz outra criança. – Minha vida mudou da água para o vinho. De empregado eu passei a ser patrão. Uma grande bênção – concluiu Fábio, que reconhece a importância de ser dizimista fiel. Templo da Fé: Av. Goiás 1449, Centro – Goiânia.

Artigo 13**05 de agosto de 2007****“Ser dizimista é tudo para mim”**

“O médico disse que a qualquer momento meu filho poderia morrer. Eu não tinha coragem de me afastar dele nem por um minuto. Passamos fome para comprar o medicamento que era muito caro” – relembra a empresária Cristina Meurer Ferreira Melo, 39 anos. Segundo ela, a sua situação financeira chegou ao ponto de depender de familiares. Só conseguiu ficar livre do problema quando conheceu a Igreja Universal e tornou-se dizimista fiel. – Na realidade, os meus problemas eram causados por causa dos gastos com o remédio do meu filho, que tinha crises convulsivas constantes. Certa vez, uma delas durou 12 horas. Ficamos numa situação financeira muito difícil. Tudo na minha casa começou a quebrar, não tínhamos dinheiro nem para as necessidades básicas – relata.

No auge dos problemas, um dia, ao voltar para casa, ela passou em frente a uma Igreja Universal e, por um minuto, lembrou que as pessoas sempre diziam para ela ter fé. – Entrei como um foguete e fui direto à frente do altar. Fui orientada e, através daquele homem de Deus, vi o Senhor Jesus cuidar de mim – admite.

Gradualmente, a tristeza e a dor foram dando lugar à fé e à perseverança e, em pouco tempo, seu filho foi curado. – Depois do milagre da cura, descobri que existia um espírito devorador que consumia nosso dinheiro através daquela doença. Foi então que aprendi sobre a importância e me tornei fiel a Deus – afirma. Hoje próspera, Cristina diz que não lhe falta nada, ao contrário, é muito bem-sucedida nos negócios. – Tenho um restaurante de dois andares com pizzaria, padaria e confeitaria, além de um salão de festas, na Zona Sul. Tudo isso é fruto da minha fidelidade a Deus através do dízimo. Ser dizimista é tudo para mim porque sei que se for fiel a Deus, é certo que Ele também o será – conclui a empresária, que é membro da IURD de Botafogo, na Rua São Clemente 72.